

SERMÕES AO VENTO

Sortilégio Marítimo, São Paulo, 1991

O Encantador de Estrelas, Rio de Janeiro, 1990

Purificações, Rio de Janeiro, 1987

A Quintessência do Enigma, Brasília, 1987

O Evangelho da Iluminação, Fortaleza, 1983

A Pérfida Perfeição, Fortaleza, 1983

Navio Espacial, Fortaleza, 1981

Incendiário de Mitos, Fortaleza, 1980

SORTILÉGIO MARITIMO

ELEGIA ONÍRICA

Sonhei com a cidade deserta,
casas em ruínas
chuva oprimindo o silêncio,
peso de desolação cinza como um sortilégio noturno.
Vi o monumento decrepita praça,
as ruas impregnadas de ocioso ópio
que um bolor melancólico preenche de alucinações.
No meu sonho, vago lembrar de tempos sem memória,
assustavam-me fantasmagóricas esquinas de névoa
e eu carregava a dor dos meus espantos,
atormentado por sombras de angústia,
a caminhar, pensativo, em direção ao mar.
Caiena, abril de 1990

EVOcando CRUZ E SOUZA

Viajante dos véus abíssais do Nada,
visionário dos abstratos desvãos do infinito,
colhe essas flores nas luzernas do poente,
o pensamento a delirar dolentes alvoroços.
Anjo cismador, beduíno errante dos astros,
recolhe os nardos da fantasia.
A vida tem pesadelos de diabos lúbricos,
espasmos de lacerado anseio,
incertezas de frenético excitação.
A noite tem macabros gnomos de mistério
e, no crepúsculo, as torres de turquesa
são encantações de outeiros outonais.
Mas a aurora, plena de escadas transfulgentes,
esbraseia gélidos júbilos hialinos,
sobre os caldeirões fervilhantes da morte.
O mundo é um sorvedouro de vendavais sinistros,
ergástulo estremecendo quimeras
e vertiginosos degredos e desventuras.
Mas, além dos carnais abismos que o temporal escava,
em turbilhões labirínticos,
as esfinges dos golfos astrais
vazam flamíneas ânforas
no santuário de flolescências estelares.

CÂNTAROS

Nas calhas goteja música;
toda poça d'água é um espelho.
As potestades arrastam velhos móveis nas mansões do céu.
Hora de suavidade depois da chuva.
Não é dia nem noite.
Enquanto a chuva canta,
um dilúvio grita na minha mente.
Amanheceu chovendo e um sino bateu
nos quintais de outrora.

ESTÂNCIAS

Eu lia um livro
que o tempo me tomou das mãos.
Recuperei-o depois
e era um tesouro, um vento,
natureza que se ofertou.

CANDELABROS

Os candelabros de Deus expandem fachos
nos ermos das almas.

Entre as nuvens pérolas iridescentes:
pétalas de prata.

Ao fim do dia
o mistério do tempo:
tarde da minha infância.

Flora de luz
nos campos da eternidade.
A vegetação cósmica.

ENIGMAS

Que entardecer existe na essência do mundo
além dos portos do destino?

A quem pertence o navio que faz ondas
no mar da vida?

No mar do poente
o roteiro enigmático da frota das nuvens.

O farol da luz e a nave do sol
no cais do infinito.

MEDITAÇÃO MARÍTIMA

A que ilha evaporas,
espuma de murmurantes caminhos?
Vagas tumultuosas,
que desígnios têm as dispersões dessas crateras lunares,
nevoeiro de sonho oculto no pensamento?
Golfos abissais na profunda introspecção.
Pássaros passam num presságio:
sopro de aventuras que a noite leva, mistérios.
Os astros cingem de prata as flores dos aquedutos.

LIBERTAÇÃO

Não quero mais aquelas noites,
quero silêncio que me defenda:
silêncio em mim.
Não quero mais os espantos de outrora
nem labirintos...
Quero pétalas de diamantes,
flórea efusão de euforia.
Não quero os edifícios-cavernas,
as salas sufocantes, as toneladas de revolta.
os vendavais da tragédia mundana,
os circos de terror a rondar meus passos.
Não quero mais sonhos com traumas,
quero a solução dos dramas!

RENOVAÇÃO

Sentir no vento da tarde a evasão do dia
como um leve flutuar...

Caminhar nas ruas sonhando uma esperança
no tecido nevoento das dimensões.

Ouvir a melodiosa floração das ondas,
entre espuma e areia,
espelho vivo dos seres, memória em êxtase,
penumbra do Ocidente.

Esquecer que existe um inferno na terra
e que os homens são demônios.

SUDÁRIO DA NOITE

Gosto do mundo quando a noite é densa
e o silêncio vela a dormência dos seres.

Quando a madrugada sopra sobre o desespero de quem vive
e o sudário da noite, como um cautério sobre as ondas,
entorpece a teia magnética das dimensões.

O pensamento é nuvem a esmo
na calma das sombras.

Sucessivos labirintos do segredo.

Gosto da carícia que se impõe nos hálitos imantados,
nas irradiações de prata finíssima

que se desfiam no tear do enigma ...

AS VINHAS DA MEMÓRIA

No céu propício esvoaçam pétalas
onde o meu tédio se abisma.
Impermanência, fluir para além de mim,
ausência do que serei...
Que silêncio de ervas desfolhadas
nos abandonados canteiros!
Há um mistério remoinhando no tempo.
Suspenso em fino alabastro,
o instante instila penumbra nos meus sentimentos.
O poente chega cedo em mim,
pousa em meus ombros mãos de sombras,
pélago de harmonias
lavando-me o rosto
com bálsamos lúgubres
e brandas correntezas nos portos macambúzios...
Na alameda em que passeio,
lençóis de bruma povoam minhas esperanças.
Vago sem rumo nos jardins da memória,
mirando a esmo os cântaros das alturas.

SUDÁRIO DA NOITE

Gosto do mundo quando a noite é densa
e o silêncio vela a dormência dos seres.
Quando a madrugada sopra sobre o desespero
de quem vive e o sudário da noite,
como um cautério sobre as ondas,
entorpece a teia magnética das dimensões.
O pensamento é nuvem a esmo
na calma das sombras.
Sucessivos labirintos do segredo.
Gosto da carícia que se impõe nos hálitos imantados,
nas irradiações de prata finíssima
que se desfiam no tear do enigma ...

URGÊNCIAS

Que importam o dilúvio, o suicídio,
os restos diurnos,
se o que eu quero é o transe,
a plenitude, as matrizes do ser?
Que importam o escombros,
o caos, as nulidades,
se o que almejo é o dom das nuvens,
e a vibração dos vegetais?
Que importam o velocino,
as decisões do tédio, o sono das coisas, a licitude,
se o que me interessa é a seiva,

o ciclo, a dissonância do futuro?
Importam a desdita. os gestos assintosos,
a insensibilidade?
Se tudo é fúria, semente, húmus,
seja tudo fogo, lume, ave, Deus, absoluto!

ESPELHO DE AGRIGULHA

"Puedo escribir los versos más tristes esta noche.

Escribir, por ejemplo:

"La noche está estrellada y tiritam, azules los astros, a lo leios".

Pablo Neruda

Neste momento posso escrever o que quiser:
mas basta-me anunciar o advento da vida.
Posso dizer que no bosque das mangueiras a vida floresce
e sombras verdes acalantam a alma dolorida.
Mas o que me interessa agora
é o mistério desse instante de tremores,
essa aguda lucidez que me domina. "
Posso anunciar aos seres a minha liberdade,
posso dizer-me na esperança:
o espírito elucida a intuição da luz.
É isso o que me importa:
o passado jaz.
O agora é translúcido.
Neste momento posso escrever tudo que vivi
e projetar-me no futuro,

mas o que me importa agora
é esse minuto de súplica
onde deponho o ser aos cuidados do tempo.

GALOPE A BEIRA-MAR

O mar tem silêncios, estradas sombrias,
profundos mistérios que são fantasias,
imagens do tempo do mar das origens.
Na calma das horas que gera vertigens,
os amplos idílios que derramam brilhos
na vida dos seres, fonte de prazeres,
sonoros encantos, são flores das águas,
brotando da espuma, quais anjos de bruma,
são hostes do céu que provêm das alturas,
descendo às planuras da beira do mar.

A noite cintila os seus puros cristais
e em sonhos espreito os fulgores astrais
dos templos de Deus onde os olhos deleito,
perplexo e desperto, mirando o infinito.
Nas altas planuras, rezando medito,
lembrando da infância que jaz nos passeios
que faço nas praias onde ando a cismar,
nas cores que vejo nos meus devaneios,
viajando sem pressa, feliz andarilho,
e ouvindo as sereias na beira do mar.

O sal é a vida do corpo dos seres.
Das águas se pesca alimento sagrado.
Milagre dos peixes é dom de Jesus.
Acima das ondas, no azul que reluz,
se espraíam as luzes sagradas do mar.
Meu trigo e meu leite retiro das fontes
que brotam das nuvens sobre os horizontes.
E às horas serenas que o mar atravesso,
nos meus devaneios ao vento confesso:
é Deus quem me que guia na beira do mar.

Meu sonho e meu dia, no campo ou na serra,
eu vivo tranqüilo nos tempos de guerra.
E escuto as canções dos celestes cristais,
ao som das orquestras dos ventos astrais
que têm a cadência dos vastos espaços
que Deus projetou com sidéreos compassos,
criando a beleza do mundo infinito,
dos fundos infernos do caos inefável,
em tudo imprimindo com gesto indomável,
sublimes encantos na beira do mar.

E quando pervago nas horas vazias,
encontro sossego e me deixo viajar
no azul do horizonte, mirando a paisagem,
sentido os aromas das brandas aragens,
sonhando sereno, sentado silente,

contemplando as águas vitais e videntes,
com belos amigos que alegram meus dias,
eu vejo o esplendor da sublime beleza
do vento e das ondas sentindo a pureza,
nas suaves areias da beira do mar.

O mar tem mistérios, histórias perdidas.
Ulisses nas ilhas buscava jazidas
e os velhos fenícios, mirando dragões,
sofriam tormentos, procelas, tufões,
por feros piratas, cruéis e arrogantes,
eram perseguidos nos mares distantes.
Carpindo as agruras de exílios terríveis,
expostos às vagas de forças temíveis,
horrendos pavores do vento a bradar,
pensando na calma da beira do mar.

Os bravos marujos, em sustos e assombros,
encontram seu rumo, nas noites escuras,
no norte seguro da estrela polar.
Ansiosos do porto, da pátria e do lar,
por sobre as cavernas incertas do mar,
vislumbram nos sonhos os portos de sombras,
os amplos espaços, campinas e alfombras,
navios de névoa, cidades perdidas,
errantes destinos e trágicas vidas,
vivas na espera da beira do mar.

No espaço infinito dos raios de sol,
resplendem os fachos do rubro arrebol.
Os campos sidéreos do reino divino,
a eterna morada do nosso destino.
Em formas de névoa de seres alados,
rutila o fulgor de eternos candelabros
e os puros arcanjos, faróis estelares
que vivem na estância dos rútilos ares,
são um anjos que brincam no azul a vagar,
voando e planando na beira do mar.

Nos altos domínios das claras esferas,
repousam dos mundos as vastas quimeras.
E as almas perfeitas que escondem o segredo
dos puros confins, onde livres do medo,
voaremos na luz da infinita verdade,
alçados nas asas da perenidade,
buscando as planícies de etéreas alturas,
quando nossas vidas aladas e puras,
lançadas nos ventos das ondas do ar,
alcancem os domínios da beira do mar.

CELEBRAÇÃO DO MAR

Oceano soturno,
grande aplacador de toda angústia,
antídoto da minha saudade sobrenatural,
curandeiro do sofrimento hereditário,
venho beber o sal da solidão no rumor do teu quebranto.
Venho chorar meu desalento nos portais da noite.
No teu desespero universal venho consolar-me.
Temos a lua como custódia.
És a imensa lágrima que lava o martírio dos homens,
sou o tradutor da tristeza humana.
Oceano, entendo a agonia das tuas ondas arrebatadas,
a tua voz é semelhante à minha:
há pranto e êxtase no teu crepitar das espumas litúrgicas.
Sou o intérprete do teu sublimado lamento.
Lua no céu, quebrantos ecoando em mim,
inspiro-me na contemplação dos altos páramos.
As estrelas são pétalas de um jardim
onde deambulo a esmo.
O farol lunar nos guia na treva das formas transitórias.
O teu estrépito luzente me ensina a sorrir.
Teu bulício fervoroso me ajuda a suspirar.
Caminho perplexo ante os abismos:
são meus os enigmas das profundezas.
Estremeço ante a têmpora indômita
dos golfos de amplidão.

Assombram-me segredos como precipícios.
À flor da torrente, cantemos em uníssonos.
Sob a vastidão crivada de estrelas,
pérolas emergem no limo dos ermos,
dissolvendo os dissabores.
O mar é um milagre.

SANTELMO DE DEUS

Menor que um cordeirinho indefeso
e mais frágil que uma pétala,
gemia, atirado a uma caixa de vidro,
na sala dos algozes.
Vê-lo assim, infenso às catástrofes,
vulnerável à pérfida prepotência dos carniceiros,
era adivinhar que cedo a infâmia deles o esmagaria.
Ele, exposto à perversidade.
Eu, atônito,
a percorrer os corredores de um antro de desgraça.
Parecíamos nos entender num diálogo de desespero:
ele a debater-se em luta por sobreviver,
eu pedindo ao criador misericórdia.
Assim o via, sufocando um grito: vive!
Assim ele clamava sem voz,
resistindo ao tomento: vem!
Estraçalhados de angústia - ele a me fugir das mãos.
Entrelaçados de dor - eu a procurá-lo em febre e delírio
na escuridão do meu calvário.

Tinha-me a forma do rosto, o nariz, a testa
(como em miniatura).
Os olhos não os vi: ele não os abria
(para não ver a desgraça ao redor de si)
A que propósito a existência o espancava?
Por que fora entregue aos assassinos de Jesus?
Tinha-me as feições e era belo como um passarinho.
Talvez estranho como um anjo
que não pode ter na terra o seu habitat.
Quem, de alma limpa,
o olhasse abandonado ao vilipêndio;
quem, de espírito não poluído pela brutalidade,
não se apiedaria daquele grão de vida
precocemente arrastado por algum destino obscuro
para fora das possibilidades da vida?

DETRITOS

Um embuste de necrológios.
Um embate contra os relógios.
Revólveres abissais,
êxtases como punhais.
Escórias num dorido hausto,
a lama como meu fausto.
Segunda-feira frustrada,
fuga e trégua introjetada.
No dissabor de tais dias,
são ânsias as agonias.

Algum pavoroso corvo
causou-me esse estranho estorvo...
Castiguei ou dei trambiques
em bárbaros ou caciques?
O que é ludíbrico ou procede?
O que é aroma, o que fede?
Que fiz aos diabos obscenos
que me lançam seus venenos?
Em mãos servis de pomposos,
seviciados asquerosos,
mercê de tótems de máfia,
de megalômana empáfia,
repugno a astúcia devassa,
enojado com a trapaça
dessa mentira oficial
de repercussão fecal.

ESCÁRNIO À CRISE

Recuperarei senso e prumo?
Só depois da crise.
Retomarei meu rumo?
Só depois da crise.
Respirarei ar puro,
pularei o muro?
Só depois da crise.
Lerei obras edificantes,

serei como fui antes?
Terei liberdade e sossego
entre um suspiro e um resfolego,
mas só depois da crise!
Minha vida adiada, sorte lançada
à sanha insana da condição humana.
Meu direito ao repouso
a que sonhar não ousou,
extorquido pela crise.
A crise senilizou-me a juventude,
é um fantasma que me ilude.
Vilipendiou-me a dignidade,
com licenciosidade
turbou-me a frente,
secou-me a fonte,
é um Aqueronte, um mastodonte,
diabo velho de chavelhos,
obcessão de espelhos,
desgosto que macera o rosto,
frasco de fiasco!
Crise --- megera-medusa,
marafona obtusa, bruxa esdrúxula,
pústula exposta, crise de bosta!
Espantalho da cara do caralho!

CAMINHOS ABISSAIS

A Iranildo Sampaio

Atormentado pela incoerência dos meus abismos,
miro as paredes dos manicômios,
estigma tizado de ácida lucidez,
imerso nas dimensões fictícias.

No meu domínio abstrato,
vago pelo mundo agonizante,
mendigo dos desenganos e delírios,
ciente dos meus desvairados fastios.

Refugio-me nas tendas do mito,
bebendo o vinho vertiginoso das estradas
e a mágoa que me turva as esperanças.

O egocentrismo identifica-me com os proscritos,
oscilo em tédios na hora vigilante.

A frialdade das dúvidas
se confunde com as labaredas cotidianas
e estremeço ante a mística miragem.

Busco a teoria das coisas
na perspectiva de espantos lacustres,
náufrago da angústia num poço de hostilidade.

Busco lenitivos alcalinos
que elucidem meus sonhos,
mas a angústia me deturpa
com seus irreais vazios.

Sobrevivo de repressivas ilusões.
Os desafios me arremessam
contra os estigmas do vento.
Algemado à desordem refratária dos meus traumas,
entre a colisão dos pesadelos
e o caos alucinante,
caminho sobre as ruínas da noite.
São precipícios estes caminhos macabros,
a vida provoca o ciclo dos protestos
e meus gestos são vexames.
Assisto aos danos das minhas culpas,
numa psicose maldita de espelhos foscos,
profetizo apodrecimentos,
coagido pelas sombras dos meus labirintos..
Reclino-me sobre o que é falso
para ludibriar minha grandeza paradoxal.
Por fim, saio às ruas sob o signo dos exílios,
tendo a lama do mundo por talismã.

OS PILARES DO ESPLENDOR

O drama que vivemos
é vermos apenas arestas contingentes,
a face imediata dos revezes.
Haverá um tempo em que a paz frutifique
e colheremos o silêncio do êxtase.
Esta rua vista em sonho
não é como a vejo neste dia prosaico...
A rua, os carros, as casas e os transeuntes,
existem no devaneio dos meus sentidos.
Nos túneis da memória,
viajo na imaginação das minhas sensações.
A rua, os carros, as casas,
o primeiro ser e a natureza terrena
são idéias eternas.
Afora isto, os objetos são vazios,
espectros no cérebro de quem os vê.
De súbito, as coisas somem no moinho de sombras,
dissolvidas no pó dos séculos...
Mas a criatividade do espírito
produz seres e coisas,
em perpétua comunhão
de formas e energias inconstanciais.

Sinto o dom de ouvir o silêncio

e a vida pulsando nos seres incorpóreos.
Germina as essências no lampadário das estrelas.
Além da superfície de crateras e eclosões,
além dos abismos violentos dos instintos
existe um oásis interior,
que é remanso nos páramos colossais.

INSTANTE TRANSLÚCIDO

Neste entendimento afetivo em que me encontro,
acima dos lupanares das bruxas
e das cloacas dos morcegos institucionais,
na suave senda que faz a certeza,
como quem vence o infortúnio,
estou pleno do itinerário temeroso da esperança.
Neste ideário de incertezas do futuro.
renúncia, concede-me o júbilo da ventura,
prudência, afasta de mim os licantropos e coveiros,
verdade, escreve a sagração dos teus desígnios
no meu cérebro!

SAUDAÇÃO AO EXORCISTA DAS ATMOSFERAS RESSONANTES

Mozart, exorcista das atmosferas ressonantes,
afugenta os demônios do mundo,
expulsa-os com o poder da tua música,
gondoleiro das hostes místicas!
Ó Platão da música,

as tuas sonatas são raios de sol
dissolvendo as trevas da vida.
Misericordioso Amadeus,
após o turbilhão energético desta sinfonia em sol,
trezentos espíritos malignos se evadiram pela janela,
ante o encantamento de arrebatadoras antífonas.
Este alegre flui como um bálsamo
e em febris modulações, as trompas,
as cordas e os oboés,
de súbito fulguram como a asa palpitante de um anjo,
explosão emotiva purificando a aura conturbada.
Entre ânsias e melancolias,
o desfolhar de sereno andantino ameniza os terrores
e envolve a noite num manto de efusões hipnotizantes!
Mago genial de sonhos desesperados,
teus ritmos estonteantes
transportam-me o espírito num jato de luz
às inauditas planícies do sol!

VÔO TRANSCENDENTAL

Viajo no labirinto,
no êxodo das simetrias.
Atravesso trincheiras
perscrutando o marulho insondável.
No oásis do abismo

habitarei vergéis de quartzo,
pássaro sobre as angras de Andrômeda.
Resistirei ao degrado?
Voar nas asas de um pégaso de terpeno,
bebendo néctar pelas altitudes,
vou ao pélagos etéreo
absorver do pleroma dos penhascos,
o ectoplasma de prana das essências.
No reino de espavento há sete espadas,
o sidéreo escampo levita espectros
e o império da noite é ermo.
Mas viajarei no carrocéu das miríades
sobre os lumes fluviais.
Das escumas do tempo
vislumbrarei a glacialidade,
velejando no empíreo
até a libertação imarcessível!

RENOVAÇÃO

Sentir no vento da tarde a evasão do dia
como um leve flutuar...
Caminhar nas ruas sonhando uma esperança
no tecido nevoento das dimensões.
Ouvir a melodiosa floração das ondas,
entre espuma e areia:
espelho vivo dos seres,

memória em êxtase, penumbra do ocidente.
Esquecer que existe um inferno na terra
e que os homens são demônios.

MADRUGADA

Para Aluísio Gurgel

Afolivo afável flana fagueiro afã
no ávido vôo de pluma que alisa a pele.
Vesúvio de veludo, verve venerável,
abranda os torpores trágicos, adormece o furor,
mineral miragem, pétala esvoaçando,
brisa sobre o frêmito,
irisa a face,
refrigério nas folhas,
risos do paraíso.

ELEGIA

Quis Deus arrebatá-lo precocemente,
anjo da minha esperança!
Foi desígnio seu poupar-te do martírio de viver,
transportando-te nos carrocéis de luz,
em que se alçam os que o céu escolhe!
Desde que nasceste, asa do meu sonho,
não parei de chorar
até cortarem os liames que te prendiam ao mundo.

Em prantos de desespero,
entreguei-te às mãos de Jesus.
Que destino luminoso te fora reservado,
longe dos padecimentos
de um corpo frágil e precário?
Retornaste ao santuário além das nuvens,
onde repousas no ninho das aves benditas...
Era uma tarde encantada,
quando atravessamos o campo da eternidade:
o sol-posto rasgava o céu de claridade,
a lua plena em junho,
mês dos ventos gelados do hemisfério.
As flores cingiam de paz a terra pontilhada de cruzes.
Já livre do débil indumento,
flutuavas além, no enigma que me torturava
e em soluços vi sepultarem a semente do meu coração.
Predestinado a voar para o mistério,
como uma pluma, uma flor,
colibri dos jardins das alturas,
tão puro que a matéria te oprimia,
renunciaste à vida e seus horrores,
subindo, numa espiral de ânsias,
aos domínios do imponderável.
Na terra, jazia a forma que te caberia entre os homens,
no mundo em guerra, túmulo dos viventes.
Feita a vontade onipotente,
dormes tranqüilo no recanto imortal
onde ninguém te pode atingir com os venenos terrestres.

E enquanto soluço teu nome em prece de saudade,
espera por mim, que não tardo a estar entre os teus.

VIVÊNCIAS

*«Minha estrada é esta reta que vai
da minha testa ao núcleo do infinito»*

Iranildo Sampaio

Não tenho ofícios na vida.
Minha função é ouvir o silêncio dos séculos.
Vivo rebeldemente.
Sou um incendiário dos meus próprios pensamentos,
um engenheiro do nada
e por isso edifiquei o universo em torno de mim.
O silêncio dança sobre as minhas expectativas.
Atravesso as dimensões do acaso
com a mesma certeza com que me arrependo
da minha incoerência,
pra depois afirmá-la nervosamente
com a insistência de um murmúrio d'água.
Ando ensinando alvoradas a mim mesmo
e choro a chuva das areias que o vento esqueceu.
Luto em vão contra os remoinhos do tempo
e minha triste figura se projeta
em horizontes de conflito.
Onde devo permanecer?
A noite pesa-me como uma cruz,

o albatroz levou minhas canções
na elipse das águas aflitivas.
Germina o interlúdio do meu desencanto:
pelas esquinas identifico-me na luz
e nos vórtices do corpo.
Sou perigosamente aéreo como qualquer lunático.
Além de mim, revezes do meu anseio de perfeição.

DEVANEIO

Quem compreende o meu devaneio?
Carrego como um fardo a miséria do mundo.
As ruas têm barulhos
mas não tão dramáticos
como o tumulto de silêncios em mim.
Quem reconhece em mim o eleito?
Se eu mesmo me nego,
como avançar na descoberta?

MANTRA

Vem chegando o sol.
Vem trazendo luz para os angustiados,
saúde aos enfermos.
É a luz divina que salva os homens,
bendito seja Jesus,

quem nos dá vida e eternidade.

PERFUME DE ÂNSIAS

*"Mas a carne é que é humana! A alma é divina.
Dorme num leito de feridas, goza
o lodo, apalpa a úlcera cancerosa,
beija a peçonha e não se contamina!"*
Augusto dos Anjos

Meu coração está íntegro.
Se mergulhei na impureza, foi só urna distração.
Divaguei emocionado pela vida,
mas algo em mim não se poluiu:
o querer-viver inexpugnável,
pois a alma bebe a luz do ar
e é pura como as coisas eternas e fluidas.
Agora deixo fluir em mim
a paz que se configura no espaço.
Agora sei que ser feliz é estar tranqüilo.
Enquanto milhões de famintos
se contorcem corroídos pela tragédia do mundo,
dezenas de cretinos uivam, esbravejando.
em algazarra, na insânia de suas taras,
perturbando o sossego de quem medita.

LIBERTAÇÃO

Não quero mais aquelas noites.

Quero silêncio que me defenda:
silêncio em mim.

Não quero mais os espantos de outrora
nem labirintos...

Quero pétalas de diamantes,
flórea efusão de euforia. .

Não quero os edifícios-cavernas,
as salas sufocantes, as toneladas de revolta,
os vendavais da tragédia mundana,
os circos de terror a rondar meus passos.

Não quero mais sonhos com traumas,
quero a solução dos dramas!

DESGOSTO

Angústia que pesa em mim,
inesperada e sem fim.

Tardia, a hora que avança
diluiu minha esperança.

Já de ânsias assediado,
cercam-me de lado a lado

em torturantes redomas,
as asquerosas Sodomas.
Odores que me estonteiam,
expectativas, barulhos,
labaredas que me ateam
repugnâncias e engulhos.
Se eu sumisse pelo mundo,
anônimo e vagabundo,
não me seria verduga
a vida vivida em fuga.

ARREBOL

Pelas teias do arrebol
quis-me a fortuna iludir.
O poente esconde o sol,
mas é de aurora o porvir.
Onde um salgueiro gemia,
em solidão fui sentar.
Tarde cinza, brisa fria,
perdi-me no meu sonhar...

ZEN

Enquanto referve o ódio dos poderosos,
corto papéis com calma:
a tesoura desliza em linha reta.

ANDARILHO

Errante andei como os apátridas,
Lin Tsi conduziu-me ao monastério de serenidade,
refúgio de solidão.

O DESTINO DO ESPÍRITO

A Alexandre Barbedo

De que água das origens
emergiu a entidade dos mares?
Esse fluído que delicia o olfato,
de que reflexo da pureza o sentimos?
A vida é um dom de compreensão absoluta,
a transitoriedade é um alimento de venturas
e o sol semeia luz aos ventos.
Aos justos - a aurora prometida!

MAR

O mar não é maior do que a saudade
que entre suspiros choro desolado.
E a minha vida é uma só verdade:

nasci pra te esperar, meu sonho alado.
Se vejo do oceano a imensidade,
aflito por não estares ao meu lado,
minha existência é uma atrocidade,
sem ti sou um proscrito, um desgraçado.
A minha vida é um longo soluçar.
Por onde andas, breve passarinho,
nem pude desfrutar do teu carinho ...
Mas meu amor é semelhante ao mar:
sem começo e sem fim - é o meu caminho
e anda comigo por todo lugar.

DIA CRÍTICO

Angústia fleumática inunda-me.
Dragões ruminantes
farejam-me entre os obstáculos do silêncio,
instilando recordações no meu remorso inútil.
Cansei de ser o mártir do desassossego,
mas como posso fugir dessas tensões psicoféricas,
se a vida urde em mim uma teia de tantos desenganos?

SE ESTIVESSES AQUI

Se estivesses aqui
eu não andaria como um proscrito nas ruas sem Deus.
Não me seduziria o comércio das vaidades,
não me angustiaría a irrisão das futilidades.

Quando juntos respiramos a essência dos dias,
uma redoma invisível defende o meu olhar das farpas,
livra o meu destino dos sortilégios.
Quando, enlaçadas as mãos,
flutuamos alamedas de ternura.
os meus sentidos nada cobiçam,
nada lamentam
e eu fico inebriado de suave pureza
num vago velejar de encantamento...
Se estivesses ao meu lado neste recanto,
o som das ondas teria a melodia da tua voz
e eu não confessaria ao mar esses queixumes,
sentado, solitário, à margem do mundo e da existência.

PARQUE DAS MANGABEIRAS

Para Fidélis Chamone Jorge

Silêncio, para não acordar o sonho fluido das árvores.
O espírito da serra
ainda guarda um mistério
e o ar gelado é pleno de eflúvios,
respiráveis delícias,
uníssonas harmonias
nas colinas de alma verde.
(Do outro lado, a cidade é uma imensa ermida,
assaltada de rumores insólitos).
Belo Horizonte, março de 1990.

VISÃO INEFÁVEL

Na noite encantada
as divindades luzidias configuram-se na vastidão.
Sinto que estou guardado
pela onipresença de suas irradiações,
extasiado ante os archotes veneráveis.
o homem é o próprio universo.
Cada estrela,
cada fonte de luz
é um túnel para o infinito.
E a luz é a própria eternidade.

LIBELO CONTRA A RAZÃO POPULAR

Como são ridículas as lamúrias
que divulgam nos rádios!
O que eles entendem como amor
são detritos sentimentais.
Fantasmas da razão.
As televisões, cheias de baboseira estúpida,
os jornais transbordantes de demagogia,

a sociedade corrompida,
sobrevivem de presunções supérfluas:
tudo está a venda,
tudo apela ao sexo, à embriaguês, à inconsciência.
A insânia impera no meio dessa gente
que se arrasta por 3 ou 4 moedas.
O amor, translúcido entendimento
cuja vivência requer lucidez,
está além da compreensão deles.
É a própria negação do que eles apregoam.

RONDÓ AFETIVO

Girão boêmio que canta aos passarinhos,
peregrino alheio aos torvelinhos.
Girão viajor da ilha dos abrolhos,
a navegar em mares sem escolhos.
Gracejador, rima mulher com Baudelaire,
flutua na poesia, "rapaz a vida é ruim".
Arlequim colhendo alecrim.
Girão amigo do Manuel Bandeira,
girando na felicidade contingente.
Risonho beduíno indolente.
Girão esmeraldino e inexcedível,
Girão prismático e donairoso,
Antônio Girão Barroso,
sempre rindo dos poetas que obram poesia.

Mas diga-se em altíssimo tom:
Girão sobretudo amigo e bom.

CONJECTURAS DE UM PASSEIO MATINAL

Rua Adolfo Caminha ...
Por que não declará-la imortal
como a rua Sócrates em Atenas?
Sob o sol do Nordeste brasileiro,
queiram ou não os empresários e os políticos,
ignorem os transeuntes, trágicos animais,
esta muralha de 1817 significa mais que o Coliseu.
Estes porões, onde torturaram Bárbara de Alencar
e o Padre Mororó, apesar da ignorância da população,
é mais importante que a Torre Eifel.
E embora se permita que a praça dos Mártires
vire monturo de lixo
e não haja nela uma estátua sequer dos mártires
aos quais foi consagrada,
(no lugar das estátuas há armas apontadas
pra quem passa)
e apesar destas ruas terem nomes
dos que entregaram a cidade aos invasores,
ao menos os poetas louvem a cidade,
a praça, as ruas e o autor da Normalista,
pois tal ilustre prosador cearense merece ser lembrado

como qualquer francês ou grego.

Mas, quanto à cidade, vítima da mentira e da desordem,
terá ela ainda salvação?

DEGREDO

Na hora crepuscular,
em que a noite se avizinha
o vento vem resvalar
no navio de meu sonho
e é tanta a tristeza minha,
que meu pensamento cisma
nesse infinito medonho,
em que a minha alma se abisma.
Faz deserto sobre o mar
e o vento como uma guerra
não me deixa sossegar.
Estou tão longe da terra,
nos precipícios da noite,
tão inquieto o coração,
que o vento com seu açoite
é um grito de solidão.
E o meu sonho confinado
num barco de nostalgia
entristece - é de bom grado
chorar - o pranto alivia.
E enquanto o dia se esvai

na névoa do anoitecer,
já não sei se a chuva cai
ou se choro sem querer.
Só sei que no meu degredo
escurece e quero luz.
E o meu noturno segredo
que treva estranha o conduz?

ESCOLHOS

Solidão nas latitudes,
que tristeza nos meus olhos!
No céu, as cores são rudes,
no coração - os escolhos!
Faz silêncio no Oriente,
que abismo no mar de Deus!
Entre névoas o ocidente
escurece os sonhos meus.
Que destino estranho a mim
anoitece-me as lembranças?
Se o meu tormento tem fim,
quando terei esperanças?
E quanto mais me angustio,
mais a minha alma se agita,
mais lento segue o navio
da minha longa desdita...

MEDITAÇÃO MARÍTIMA

A que ilha evaporas
espuma de murmurantes caminhos?
Vagas tumultuosas,
que desígnios têm as dispersões
dessas crateras lunares,
nevoeiro de sonho oculto no pensamento?
Golfos abissais na profunda introspecção,
pássaros passam num presságio:
sopro de aventuras que a noite leva, mistérios.
Os astros cingem de prata as flores dos aquedutos.

MEAÍPE

O sol acende o devaneio das plantas,
dourando corais e conchas
na pira de pérolas que adeja nas ondas:
círios de sal sideral,
colares de espuma
na lâmina azul das águas.
Pardas pedras com realce de ervas.

NA CURVA DO HORIZONTE

Ave de arribação,
que puro deleite o regozijo de tristes alegrias!
Tarde de suaves ilusões,
repousemos o tormento da alma:
uma casa deserta a que nos rendemos
entre amargos travos;
um nevoeiro oculta o príncipe das estrelas.

Ave de arribação,
quando virá o que enxuga as lágrimas com asas de luz?
O cativo te atormenta,
sinto a angústia do teu lamento.

Que semelhança
nos nossos devaneios lançados ao céu!

Também vou partir,
ouve-me o grito de solidão.

Pergunta à branca espuma
e às nuvens de tecido leve,
pergunta-lhes sobre o vulto de anjo
que me preenche o ser.

Existe um labirinto que me anoitece,
e a sorte me atirou nas dimensões do acaso.

DESENCANTO

Se penso em mim, só vejo a ti.
Se vejo o mundo, é só vazio.
Quanta saudade! Entristeci!
Se o dia luz, ando sombrio.
Chove no mar ou tudo é estio?
É noite em mim ou amanheci?
Entre a certeza e o desvario
no teu destino me perdi.
A confusão que me circunda
não me escurece nem me acende,
nada ao redor meu olhar prende.
Onde sorri - tristeza funda,
fechei os olhos ou te vi?
Em contrição minha alma afunda,
meu coração, meu colibri.

MEDITAÇÃO MARÍTIMA

Que entardecer existe
além dos portos do destino?
A quem pertence o navio
que faz ondas no mar da vida?
A que ilha evaporas,

espuma de murmurantes caminhos?
Vagas tumultuosas,
que desígnios têm as dispersões dessas crateras lunares,
nevoeiro de sonho oculto no pensamento?
No mar do poente,
o roteiro enigmático da frota das nuvens.
Golfos abissais na profunda introspecção...
Pássaros passam num presságio:
sopro de aventuras que a noite leva,
mistérios...
O farol da lua e a nave do sol no cais do infinito.
Os astros cingem de prata as flores dos aquedutos.

CANDELABROS

Os candelabros de Deus expandem fachos
nos ermos das almas.
Entre as nuvens pérolas iridescentes:
pétalas de prata.
Ao fim do dia, o mistério do tempo:
tarde da minha infância.
Flora de luz nos campos da eternidade.
A vegetação cósmica.

ERMO

Essa noite eu sonhei que te beijava
e ao despertar desesperado e ermo,
no peito o fogo de um vulcão em lava,
chorava o meu pesar de amor enfermo.
Que sonho venturoso me alentava
que as minhas aflições tiveram termo?
Só lembro que em teus braços soluçava,
liberto do desterro estranho e ermo.
Mas despertei e estou cativo e mudo.
Nada me alegra, o coração em guerra,
procuro em vão da paz glorioso escudo.
E vou carpindo esse amargor que aterra
minha alma triste e meu olhar sisudo
e tudo é escuro e ermo, tudo, tudo ...

VERÃO

Império de luz
na paixão do espaço.
Estação de opulências
no cais da ventania.
No calor de janeiro
estremece a tarde:
venturosa sombra.
Ao meio-dia solene,
silêncio na terra:

o vento consagra o tempo

PASTORAL

Os bois de olhar sereno
meditam no silêncio,
dizendo adeus ao sol.
Árvores de espuma
borbulham flamejantes
na floração do espaço.
Quadrante de cintilações:
a árvore da vida
tem folhas de luz.
Aquela árvore é diferente
da que sempre existiu
plantada na eternidade.

PARADOXOS

Vendendo víveres comprou mortadela.
Bebeu chá mate, mijou água viva.
Achou uma vivenda, perdeu uma mortalha.
Trocou um morteiro por um viveiro.
Vivenciou um matadouro.
Mortificação vívida.

ÂNIMA

Alma é soma, suma, sêmen.

Alma: ânimo, ômega, una, unânime,
antro, mantra, mitra, mar.

Alma tudo, tino,
ritmo, mundo, todo, corpo, vida, névoa,
olho, além, espaço,
luz, alhures, alento.

ESTÂNCIAS

Eu lia um livro
que o tempo me tomou das mãos.
Recuperei-o depois
e era um tesouro,
um vento natureza que se ofertou.

Clareza que a folha bebe.
Céu de porcelana.
Mergulha no tempo
que te dá o existir.
Além das formas de névoa
a lua fulgura eterna.

TAO

O caminho de luz o instante puro:
estou leve, levitando a voar,
na plataforma do ar.

VÉSPER

Tarde cinza.
Até o sol se dilui
no alumínio das nuvens.
Perfume da tarde:
passarinhos esvoaçam entre o céu e a terra.
Janelas glaciais nevam pétalas.
Grinaldas diáfanas.
Rumor de sonho no espaço da tarde:
volúpia de vento.
Vórtices vertem vastidões,
veleiros velam.

CÂNTAROS

Nas calhas goteja música;
toda poça d'água é um espelho.

As potestades arrastam velhos móveis
nas mansões do céu.

Hora de suavidade depois da chuva.
Não é dia nem noite.

Enquanto a chuva canta
um dilúvio grita na minha mente.

Amanheceu chovendo
e um sino bateu
nos quintais de outrora.

IMAGENS

O homem sentado à porta da funerária
com a morte nos olhos.

Só pude dormir quando a lua apareceu
na janela do apartamento.

Acima dos telhados,
sem teto nem chão,
a casa do imponderável.

AXIOMAS

Um em função de um
gera uma ressonância infinita.

Êxito é desvelo:
no caminho solitário,
a seara dos deuses.

Recostei a cruz da esperança
na parede da paciência.

As rodas dos carros.
No centro, a imobilidade:
o tempo sem tempo.

FRAGRÂNCIAS

Jardim que a brisa refrigera,
suave amizade de árvores e aves.
Fluidez do vento, flexibilidade das folhas.
Alegria dos pássaros.
A manhã realça o lustre dos seres.
Claridade de cristal.

Alcandorado pátio que a tarde inunda.
Fugaz evanescência.

O ENCANTADOR DE ESTRELAS

ÁGUA DE FLORES

O bem-te-vi pisa mansinho no vão de escada.
Os beija-flores, quais querubins,
brincam-brincando de madrugada
sobre as torres de marfim.
Do amor-perfeito pro girassol,
da clarabóia pra flor-de-lis,
no claro-escuro da antemanhã.
No lusco-fusco do por-do-sol,
as lavadeiras nos passatemplos de sextas-feiras,
com seus vaivéns na premar,
andam correndo na beira-mar.
No céu de anil um arco-íris luze-luziu.
E a estrela d'alva na maré-cheia
e Aldebarã no azul marinho,
fulge-fulguram, quais vagalumes,
sobre os cardumes de água-marinha.
E a lua nova, qual passarinho de madrepérola,
pousa de leve na madressilva,
na sempre-viva e na couve-flor,
num pomar furta-cor.

NATUREZA MINERAL

Da fusão de ácidos fluidos e luzes condensadas,
a Alma do Cosmos emergiu de suas profundezas,
engendrando os mares de plasma.

Explodiram estratos orgânicos
no oceano de amônia e sais fosfóricos,
filtrados no espaço.

Hidrogênio e Hélio sedimentaram camadas ígneas
de conchas de potássio e algas voláteis,
germinando as constelações.

À luz dos impulsos planetários,
cristalizando as nebulosas de glicogênio,
potestades astrais polarizaram o espaço de átomos,
em torrentes de íons,
cristais elétricos, vapores de sódio e cloro,
transmutados em ácido orgânico,
aminoácidos:

universo molecular de carboidratos,
glicídios sintetizados por enzimas,
clorofilas em transubstanciação.

CONCEITO DE POESIA

Viajar no reino das palavras,
em profusões de música,
na raiz do idioma,
inventário genético no cérebro do índio das origens.

Viajar nos códigos proliferados do caos babélico,
nos morfemas fragmentados em metaplasmos,
desinências alteradas,
agitações febris de premonição,
o índice perdido na voracidade.

A poesia, eletricidade das estrelas na ossatura lexical,
rompe o silêncio no exílio das entranhas do arquétipo
e atravessa a estação sideral.

Poesia: retorno ao cristal das metamorfoses,
sequência do calendário infinito.

BALADA SENTIMENTAL

Tem pó na erosão do Tempo.
Do seu jugo quem é isento?
Estudo, vida, poesia,
perpassam na ventania....
Permanece o que é de Deus
e está vedado aos ateus.
Assim, ao sol da lembrança,
vi-me de novo criança
pelas dunas do passado
que contemplei deslumbrado.
Lugares onde a beleza
abençoou Fortaleza.
Pela Praia do Futuro,
onde o oceano ainda é puro
e no perímetro urbano,
que não via há quase um ano,
encontrei uns bons amigos,
uns burgueses e uns mendigos.
Nos bares, à beira-mar,
respira-se ainda o ar
e nos remotos recantos,
ainda restam quebrantos
que quebram no mar os prantos
dos sonhos que sonha o mar.

E se vamos a vagar
nos labirintos da infância,
que se perdem na distância,
o mundo se faz pequeno
e o coração fica pleno
de amores, canções e encantos
que se transformam em cantos.

POSOLOGIA OU RECEITA PARA HIPOCONDRÍACOS

Há noites em que miramos a estrela absinto
que amargou as águas oceânicas
e, de manhã, o samovar aquece as coisas cristalinas.
O láudano, a papoula das cordilheiras febris,
andarilha como o guaraná reconfortante.
Não esquecemos o álcool hilariante
nem o ácido ascórbico
que aumenta o poder fagocitário dos leucócitos.
Ao meio-dia o sol é árido
e clama por um cauim de sabedoria,
o que é suave bálsamo como o aroma do sassafrás;
a mescalina que conduz a sensações inóspitas
e o hidromel delirante das pupilas do peiote.
O córtex cerebral ativado pela energização dos neurônios.
O alvorecer das sombras requer o sulfato de berberina,
de ação sedativa no setor oftálmico.
Depois, o ergocalciferol

e a niacinamida nos sintomas de profilaxia
e as avelãs que Apolo deglutiou
nos peitos das deusas calipígias.
O archote sublime clareia a sala soturna,
evolando fumos de resinas purificadoras
da aura, do éter e do astral.

FERNANDO PESSOA

Cavaleiro monge a cismar no mar,
navegante irmão do assombro e do êxtase,
alma atlântica exilada nos campos,
bebendo angústias na taça do poente.
O incêndio do cataclismo da ânsia,
vozes do mar nas ilhas, sensações
nas tardes calmas de desassossego
e o fado conheceste em plagas ermas,
perdido nos pícaros do segredo
do teu pórtico partido em delírios.
Visionário do vazio e do tédio,
adoraste as sombras imperecíveis,
íntimo vigilante dos abismos,
eleito pelo mal da desventura.

MEMÓRIA DA NOITE SIDERAL

Noite de arrebóis diluídos em sombras,
elfos, salamandras e rios de cinza líquida,
com hidras e duendes-leviatãs.

Noite em que os gigantes se rebelaram
nos vácuos tremulantes de espectros.

Noite em que Plutão escavou no mundo
as entranhas dos precipícios e reinou o invisível
e Hórus se transformou no gato
que devorou serpentes, hipocamos e sereias.

Campo de várzeas vazias
onde redemoinham vapores e estrelas,
nas janelas do firmamento,
povoando a terra de charcos e vultos
que as árvores gesticulam
aos sons dispersos das cavernas das ruas.

Grande corpo dissoluto de moneras
e rostos de antepassados,
em cada reflexo, murmurando soturnas águas.
Rainha das profundidades de peixes voadores,
o rastro do vento é teu espírito,
deslizando objetos inanimados,
com a emoção de mortos habitantes de casas antigas,
numa conflagração de névoa
que invade os pântanos de sonoridade.

Cisterna de miragem, cratera zodiacal de polifonias,
gnomos uivantes no silêncio.

Cães que sonham com nacos de carne sangrenta
e sonâmbulos nos corredores de treva.

MEDITAÇÃO

Fui eremita, hirofante,
habitei as ilhas de Lemúria,
naveguei até o império do Ganges.

Depois, emigrei para Mênfis,
o núcleo esotérico dos conhecimentos sumérios.

Hoje tenho a fortuna do maná,
chove nos canteiros dos meus sonhos
e posso abraçar a imagem da perfeição.

A vida me concedeu a essência do ar,
a claridade dos pensamentos,
o ritmo da imortalidade.

Como eximir-me de louvar as leis infinitas?

O destino humano é viajar em si mesmo,
nas correntes de libertação.

Mas estamos entorpecidos
e precisamos ser como os pássaros
que não pensam em sua fragilidade.

Desprezei prerrogativas e abjurei a indigência espiritual.

Só a consciência há de nortear o itinerário do meu destino.

Fui insensato, mas hoje adoro as forças da natureza
mais que os celtas e os povos levantinos

e sei cantar como as aves do amanhecer.

REPUGNÂNCIAS

Para Fávio Sarlo

Hostilizado nos porões da angústia,
vociferei de alma devassada,
onde a matilha despeja cizânia.
Deliravam no caos do desgosto os lacerados.
Arremeçado contra os enxovalhos de abjetas harpias,
tropecei no covil de tarântulas,
perseguido por látegos de empáfias,
bebendo aflição nos cataclismos em que resvalei,
amargando abominações,
vilipêndios e sarcasmos agressivos.
A frente macerada de lamentações,
busquei refúgio nas regiões do terror,
minha esperança rastejou, crivada de aflições.
Armaram-se enxovias e cutelos
contra os meus pensamentos.
Um temporal de estigmas
choveu sobre os escombros do que fui.
Espectros de ódio, nas falanges amotinadas,
massacravam os réprobos nos escombros da violência.
Fui vencido, vendado, vendido e vexado.
Mas, na dissolução dos despojos,
recuperei até as miragens do impossível.

LUZ VOTIVA

Chorei o martírio do povo estigmatizado.
Foi-me acrescentada outra cruz à minha cruz,
a turbulência das tribulações me atormentava.
O encantador de estrelas aproximou-se:
a onipotência me cegou por instantes,
Entrei no santuário da perfeição
e recolhi o fardo leve,
atado ao seu jugo suave.
O sol dos lares clareava
de novo a aurora de vida eterna.

ECTOPLASMA

Há milhões de séculos,
o protoplasma galáxico foi perpetuado:
círculos de hidrogênio incandesceram
o magnetismo astral.
Um rio alquímico proliferou os ventos solares.
A fonte eletromagnética gerou o enxofre, o mercúrio e o sal,
que se fundiram com o fósforo orgânico,
fluindo a substância do ser,
o carbono da vida onde a alma das estrelas se alojou:

plasma de silício e magnésio,
os raios cósmicos forjaram citoplasmas
e o sopro da luz germinou ácidos nucléicos,
energizando a memória dios seres.

ALEGORIA

A música me leva aos jardins da peregrinação.
Quero adormecer vigilante de alegria.
Os signos do mar despontam no nascente.
Dois seres gêmeos e um centauro no meio do céu.
O sol banha o outro pólo.
O cipreste murmura.
A aranha urde a noite,
em que ouço perfume torrencial.
Ultrapasso as vésperas da colheita.
Os ventos mansos brandem no arco-íris.
Plácidos minotauros retroam selvageria.
Borbulha a enseada em que sou proscrito.
É noite e vou sair pelos desvãos das ruas.

TÉDIO

O tédio é a pior das alucinações:
tudo vendo, nada enxergamos,
tudo ouvindo, nada escutamos.
O pior do tédio é ter de enfrentá-lo,
quando nada satisfaz a sede de excesso
e tudo é pouco
para o espírito que, saciado de si,
quer ser diverso do que se sabe.
Dispersos no vazio,
onipresentes no vácuo,
queremos abraçar o infinito,
e só temos nas mãos
a miragem do espelho que se anulou.
O fantasma da idéia íntima
dissolve-se na saudade da ilusão.
Cinzas e sombras no lixo do sonho.
O ânimo nas torres abandonadas.
Abúlico, astuto só em desistir,
o entediado tem fome de fastio
e se alimenta de impossível gula.

A ESFINGE DA VERDADE

Antes de morrer, o Maharaja Pariksit
foi instruído por Sukadeva Gosvami em Hastinapura:
“o segredo do templo interior
é o tempo eterno, refúgio de silêncio.
Suave é o sândalo das colinas da Malásia.
No eremitério de si mesmo,
firme diante das agonias do destino,
o yogue medita,
com o barco dos pensamentos ancorado.
Espreita a Superalma aos pés do Supremo.
Como Vishnu faz girar os universos nos aeroplanos do ar,
ele percorre os jardins de néctar do espaço íntimo.
Assim, Kardama Muni criou no ar um castelo,
com portas de diamante e soleiras de cristal.
O yogue pode fechar os poros do corpo
e sufocar a respiração universal,
como fez Dhruva Maharaja.

A ORAÇÃO DE DHRUVA MAHARAJA

Aos cinco anos de idade, Dhruva Maharaja, angustiado,
refugiou-se na floresta dos Himalayas.
Absorto, a contemplar a lua cheia,
viu a face do Todo-Poderoso.
Ofereceu respeitosas reverências a Krishna,
cuja visão é agradável como o néctar das flores.
E, comovido de êxtase, recitou:
Ó forma eterna e transcendental,
repleta de bem-aventurança,
ponho-me ao teu abrigo,
pois és a luz do mundo
e de tua bondade é que depende a calma dos universos.
Por tua generosidade as coisas fluem,
alegram-se as entidades vivas.
Vejo miragens no deserto da ilusão,
quero fugir, pois toda vida sem devoção é muito vazia.
Tremo, vagando pelas noites,
sofrendo neste mundo material que é deplorável.
Livra-me de adorar os semideuses,
guarnece as almas rendidas,
age para a boa fortuna
que imploram pelo oceano de felicidade
e desejam beber o hálito das manhãs
e repousar em teus pés de lótus.

A DANÇA DE SHIVA

Quando os canalhas espancam as vacas
e os reinos dos yogues são usurpados,
Shiva lança o fogo dos ciclones sobre os vales da terra.
Os sábios peregrinam, mendigos,
entre chacais e abutres,
porque o mundo é governado por demônios genocidas.
Shiva lançaá redemoinhos fulminantes
sobre montanhas e mares,
do zênite surgirão os metazoários radiantes de Urano,
desabando terremotos sobre os abismos.
Ondas tenebrosas, no desespero vaporoso,
rebentarão o estrondo sobre os impérios,
despedaçando crânios e cidades na poeira faiscante.
Depois que o fogo mineral dizimar os jardins,
cristalinos archotes brilharão nas paredes do infinito.
Os filhos do Sol recriarão os seus santuários
e virá um tempo de bem-aventurança eterna.

ODE AO VEGETARIANISMO

A espuma de Vulcano fertilizou as praias.
Dafne refloriu louros de claridade.
O alvor das venturas germinou-se nas urnas coruscantes.
Saboreamos repastos de flocos boreais
e sorvemos girândolas esvoaçantes.
Não foi inútil o sacrifício de Filira,
que se transformou em tília,
nem o de Driopéia, cujo púbis é um lótus
no cantero de boninas.
Jacinto metamorfoseou-se em pétalas de madreperolas.
Mirra gerou Adônis,
que fez nascer a anêmona.
Viajaremos nas dunas, em cortejos pastoris,
respirando archotes lenitivos.
Bebemos o guaraná,
o soma, o néctar da memória,
nos engenhos translúcidos.
Apolo recusou as ovelhas argivas,
aceitando algas coloidais,
gramíneas, nenúfares, líquens
groselhas e morangos.
Transparências que o Sol tece de orvalho.
Violetas de Afrodite,

destiladas pela estrela da manhã.

SANTUÁRIO CÓSMICO

Narada Muni peregrinou nas galáxias
e o mundo apareceu na flor de lótus:
fogo rarefeito de fótons de luz.

Vishnu ergueu-se das espirais de sua medula.

De suas pétalas abdominais,
Brahman, o universo refulgente,
emergiu – ignição no oceano de estrelas.

Cardumes flutuantes.

Narayana bebeu o soma-rasa,
néctar de neblina lunar.

Paramatma, o átomo divino dentro da matéria,
nasceu da poeira elétrica.

De Bhagavan, o próprio Deus na Pessoa Suprema,
fez-se o ovo lunar.

Cintilarou o éter dos planetas espirituais:
centelhas celulares em glóbulos, condensadas.

SAGRAÇÃO ETÉREA

Fragrância do destino.
O arco do céu esvaece,
alento de estações frugais.
A galáxia recebe os licores,
transmigrações do portal do dia,
mineração dos astros, a concha universal:
nitrogênio no mar-violeta em que me sagrei.

MOMENTO

Clareza que folha bebe:
céu de porcelana.

PURIFICAÇÕES

APARIÇÃO LUNAR

Os universos estão diante de mim,
claros, brilhantes,
irradiam fulgor na luz do vento:
esmeraldas, rubis e safiras,
feitos só de essência.
A noite é uma festa
e os astros resplendem no alto espelho
da atmosfera espiritual.

SANTUÁRIOS

Calma noturna e céu de santuários.
Constelações fosforescentes.
Visões do espaço filtrado em lumes:
no zênite há conjunções astrais regendo a vida,
na amplidão, fixas rutilâncias.
Silêncio velado em altas culminâncias,
silêncio vivo em altas culminâncias.
Miríades tranqüilas assistem o tempo:

desvelos serenos.
Murmuram silentes os habitantes da noite.
Um vento cheio de encantos está soprando na noite
e as plantas falam comigo, acenando a folhagem.
Gosto da noite com seus mistérios e sombras.
Fascinado pela magnificência de Órion,
trapézio constelado,
a fulgurante seta de Cupido me tem cativo.
Éolo espalha seus missionários,
as nuvens se dissipam, abrindo o pálio impávido.
Revela-se a refulgência das maravilhas.
Acendem-se os archotes veneráveis.
Atmosfera de pureza.

PEREGRINAÇÕES

Quero conhecer o reino do silêncio.
Estou farto da brutalidade humana.
Venho buscar refúgio na paz das árvores,
junto às flores dos canteiros de Deus.
Venho ouvir o canto das aves
e as cigarras em festa.
Os bem-te-vis estão líricos,
nos aromas florais que o ar espalha.
A tarde sorri no afável gesto das folhas.
Estou farto da ferocidade humana,

venho beber silêncio na taça da tranquilidade.
Nas vastidões nevoentas de Deus,
onde a miséria não flagela nem aflige a angústia,
venho beber a ternura das flores,
venho buscar a ventura dos enlevos
e a liberdade das alegres melodias.
No esplendor da clara pureza,
a vida acende luminosos horizontes.
Venho ofertar-me ao vento sob o céu do porvir.

ITINERÁRIO ROMÂNTICO

Minha vida direcionei pelos teus passos e gestos
e hoje sou todo sensações.
Enfrento os temporais do círculo de fogo,
minha alma só pressente o teu mundo.
Meu pensamento, transtornado de emoção,
vislumbra a imagem do teu semblante,
sonhando a expectativa da alegria.
Respiro no ar o teu perfume,
cheiro doce de maçã.
O ar é todo a tua presença.
O que tu dizes tem a melodia das canções do mar.
Teus olhos sedutores,
faróis do meu abandono,
dissipando a névoa a que meu destino se entregou.
Não me fales da terra, hoje eu pertenço aos astros!

Voando na paixão que o vento murmura,
já a minha sorte depende do teu sorriso.
A cidade canta o idílio dos pássaros
porque nos teus braços reclinei a vida.
Que podem as parcas e o fado,
se tua lembrança eterniza o instante?

ABANDONO

O róseo céu deste poente assalta-me a serenidade,
derramando um turbilhão de sombras que me anoitecem.
Este escurecer no tempo me dá medo da cruz do destino
e me arrebatava em dúvida e ansiedade.
Sobressalto-me em pavorosa melancolia,
todo no modo da paixão,
refugiado em temeroso solilóquio,
perdido em divagações,
urdindo arcanos na treva imaginária dos devaneios.
Vago no vazio desta alameda lúgubre,
penumbra errante de manicômios,
inacessível arena de letárgica impossibilidade.
Sinto-me numa aldeia cujos habitantes desapareceram
e tenho tanto desprezo por mim,
que as quimeras que avisto esvoaçaram
no tumulto de miragens do meu sonhar.
Desandei a esperança em cismas
e nas esquinas do passado tudo é nostalgia

e tudo é engano e escárnio nos perigos da hora.

PORTAIS

Os portais do nosso lar têm música púrpura,
rubros pavilhões de avenidas de sonho,
jardins de cânfora com faixas flamejantes,
castelos de janelas fluidas.

Os portais do nosso lar esvoaçam roxos lençóis de encanto,
expandem melodias de alaúdes
de pétalas como árvores de névoa.

Centauros e unicórnios flutuantes, em transitórias caravelas.

No róseo mar, onde os peixes da noite voejam,
navios de espuma se evadem, inundados de fogo
para as profundezas do cais infinito.

E, além daqueles umbrais em que um dia adentraremos,
fremem fagulhas imersas na imensidão,
templos dispersos nos ardentes mangues,
na floração dos breus.

Dinossauros de treva esmaecidos em rajadas violetas...

PALAVRA

A palavra lavra e livra,
salva o verde-oliva
e vale o sal da saliva.

A palavra, palma e sabre,
abre o pálio da alma:
calma, fava, lava e fala.

A palavra, alba e nave,
sagra e singra, criva e crava,
dádiva da vida, dívida velada.

A palavra, válida lágrima,
alta, ávida, álgida, atávica,
ata o laço - lacre álacre.

A palavra prática, tática, fática,
nada errática mas exata,
grava grave a inata graça.

A palavra sensata: serenata,
sana - bálsamo de nata.

Dinâmica, lírica, linfática.

DESCOBRIMENTO

Descobrir que cada minuto
pode de momento de descoberta.
Descobrir o futuro, redescobrir o passado
e o segredo de cada instante.
Descobrir a terra e a flora interiores
e o que há de céu no cérebro.
Descobrir a vastidão do amor
que é sempre novo descobrimento.
Vivemos na expectativa da plenitude
e isso é descobrir o encanto oculto na consciência.
O que há de Deus nos pássaros e na claridade.
O poder do Sol e do Tempo.
Saber que a descoberta
era o contrário do que se pensava
e reconhecer a espera do descobrimento.
Também isso é descobrir.
Descobrir, na indivisibilidade da natureza,
a totalidade das coisas
e situar-me ante o universo.
Descobrir os objetos diários
e a prática transcendental de torná-los úteis à evolução.

ODE À BICICLETA

Todo lúcido poeta tem a sua bicicleta
e utiliza com afã esse puro talismã.
Pedalando em liberdade,
venço o dragão da maldade
que contamina a cidade.
Livre do tédio e do medo,
dou risada do degredo
em que a vida me tem posto.
E se acaba o meu desgosto!
A vida é bendita e clara,
quando lavo minha cara
na brisa que sopra o mar,
quando saio a pedalar.
Se o fardo da vida pesa,
todo bardo que se preza
na bicicleta passeia,
como o pássaro gorjeia.
Sonhando com a liberdade
necessária à minha idade,
minha vida se projeta
no plano da linha reta.
Chego cedo à minha meta,
andando de bicicleta.

MEDITAÇÃO TAOÍSTA

Uma noite ao relento, chovisco molhando a cara,
amanhece e converso com amigos.

Palavras clarividentes

como os reflexos que atravessam a janela.

Falamos de experiências pessoais,
criteriosas e esotéricas.

Mas nenhuma parece igualar-se

ao silvo auspicioso do pássaro que lá fora canta.

Ah, não é isto felicidade?

Amanhece atmosfera de gelo e o céu tem cor de elefante.

O frio contrai os músculos e a vontade de tomar banho.

Mas a inteligência cria prodígios tecnológicos.

Alegria de mergulhar na água tépida

que o choveiro oferece.

E depois de enxugar-me com duas toalhas,

fazer a barba simetricamente,

até a pele adquirir tonalidade azul.

Ah, não é isto a felicidade?

Longo tempo posterguei a satisfação de uma necessidade.

A bexiga oprimida, relaxa de repente.

Irrrompe o estrídulo da urina no óvalo da latrina.

Ah, não é isto a felicidade?

No almoço todos os comensais conversam ao mesmo tempo.

Gesticulam e contam anedotas vulgares.

Despeço-me dos donos da casa

e regresso ao aconchego da minha cama.
Busco refúgio sob um suavíssimo cobertor
e ouço os rumores longínquos da rua.
Ah, não é isto a felicidade?
Passeio pelo litoral, bebendo o ar da noite
e ouvindo o marulhar do oceano.
Vejo o deslizar da espuma
como um campo de neve em fluxo e refluxo.
Fico mirando as ondas,
sem pressa e sem ânsia de narrar aos amigos
a magnitude desta sensação.
E depois de tudo isto, ando assoviando pelo jardim,
recebendo em troca o perfume das flores.
Ah não é isto a felicidade?
Participo, a contra-gosto, de uma reunião de comerciantes,
que planejam vender tecidos de algodão.
Nenhum deles tem condições de financiar o investimento
e a conversa enfadonha se prolonga
em torno da falta de recursos do grupo.
De repente, soa o sino da igreja,
cuja cúpula vislumbro ao longe.
Abstraio-me completamente na ressonância evocativa.
Ah não é isto a felicidade?
Ando pela rua, olhando o luar na amplidão.
O vento é um milagre de amor à sombra da plenitude.
Nada é obstáculo à certeza
do que significa um céu de estrelas vivas.
Ah não é isto a felicidade?

HARMONIA

Já não ando em planícies vazias.
Afastei de mim todos os anátemas.
O ludíbrio já não escarnece dos meus ideais.
Agora caminho pelas nascentes, regozijado,
ando entre flores nos quintais do encanto.
Amanheceu cristais de sonho nos clarões dos astros,
compassivo enlevo acariciando a vida.
Ando sorrindo nas estâncias transparentes.
As esperanças chegam todas,
entre afagos de beleza e paz.
Minha vida ganhou este acalento:
já não escureço nas trevas da agonia.
Agora, contemplo os mansos estuários,
os tabernáculos, os córregos de júbilo, as suavizações.
Agora a felicidade me acompanha em revoada,
ciranda de êxtase.

IMORTALIDADE

Eu sinto em mim a força do universo
e posso voar além de mim.
Além dos limites da matéria,
acima das nuvens no fluido puro das correntes do ar.
Eu sinto que sou as nuvens, a água, a terra,
as árvores e o vento.
Porque sou vasto como o som
e viajo nas asas das cores pelo céu íntimo.
Sinto a leveza lúcida dos litorais de hidrogênio,
sinto o júbilo dos mares da ventura
e posso expandir o pensamento no azul translúcido,
livre, acima dos limites da altura,
onde tudo é luz, eflúvio, êxtase,
evasões de gelo vaporoso,
dissolvido na imensidão das dimensões.
Posso girar nas elipses dos séculos,
entre arcanjos e nebulosas,
no âmbito de Deus.
Eu sou o espaço inteiro, a eternidade toda,
a infinita fruição de tempo sem tempo.
Estou em todos os domínios ilimitados e invisíveis
e me transporto nas rotações siderais,
no fogo cósmico das esferas,
na música dos oceanos de luz,
na origem das eras e dos mundos até à eternidade.

REFRIGÉRIOS DA TARDE

A Domingos Carvalho da Silva

Fogos frios de bruma dissipada
sussurram serenos sons aéreos,
vertem opala, anil, âmbar,
nos áureos ventos fugitivos.
Viração nos verdes sargaços das folhas.
Aragem de tardio azul na hora suave.
Relva em repouso, brisa deslizando, vagando,
girando o moinho do tempo,
a pira florescente de silêncios
no cerrado que o sol doura de bênçãos.
Poente de calma outonal,
como um véu de fúlgidos filamentos aromáticos,
vasciantes, alvejando os longes.
Andança de arco-íris diáfano.
Estâncias de ar no sorriso pastoril
dos aquedutos solares.
Regatos de lumes, águas clorofiladas
marulham clara chama nos campanários.
Nebulosa estação tecida em vapores lustrais,
círculos de altura, agrestes cântaros em revoada.

MANHÃ

Manhã de vapor líquido pelos arredores de Brasília.
Estou monasticamente batizado de chuva e frio.
Manhã de sábado, em face das árvores
e dos edifícios, sob um céu de chumbo.
Horizonte além dos blocos e do cerrado.
Nos quadriláteros, a verde grama
e as acácias que esvoaçam pétalas amarelas.
Úmida melancolia, nervosismo de carros em tumulto.
Chuva lírica nos nevoentos arredores da cidade.

CREPUSCULAR

Hora mágica em que a natureza indefinida
cogita sobre a metamorfose do instante.
Não é noite nem dia
e as árvores participam desta indecisão,
orvalho refrescando a folhagem.
É a transmutação do tempo,
enternecimento no remanso de sombras.
Dois minutos e a noite vence o dia.
O tempo é outro, mas o dia resiste ao vapor que esvoaça,
toldando a limpidez de uma camada turva e densa.
A tarde mudou dentro do instante:
pomares, bosques, canteiros devaneiam,

sob o cortejo que transporta sonolento
um manto de vespertina dissonância.
Filigranas, revoadas, cirandas, espelhos diáfanos,
glaciais alacridades pairam no promontório luminoso.
A floração fascinante das nuvens se evade.
Anoitece.

NOVA GOKULA

A Purushatraya Swami
Nos verdes aromas da vegetação,
calma referta de prana extático.
A luz dardeja, brandamente,
esplêndido clarão nas encostas de veludo.
E, nos vales re floridos de lírios,
silêncio de védica sinfonia...
Auspiciosos bosques, louvados pelos cantares da floresta.
Seara de flores e frutas silvestres.
A sagrada fortuna, que a natureza oferenda,
é uma dádiva da misericórdia sem causa de Sri Krishna.
Atmosfera campestre de purificações.
Harmonia murmurante dos regatos:
água candente, festa de consagrações.
Nova Gokula - jardim encantado.
rosal circundado de florações perfumadas,
recanto de paz devocional.
Guapuruvus, aroeiras, espatódias, mangueiras, eucaliptos,
as árvores estão vibrando de mágica regulgência.

Remanso de serenidade nas alcantilações da Mantiqueira.
A cascata jorra delírios de regozijos,
as flores, sorrindo, dançam de bem-aventurança:
lótus azuis e róseos no lago.
Este universo de beleza foi criado
pelo pensamento transcendental de Sri Krishna.
Alegres e sublimes, os seres o glorificam.
Os deleites das correntes de ar e água,
as colinas, os prados, as fontes,
os vales pastorais são bênçãos de sua bondade
e motivos de adoração.
Torrentes de safira no azul,
tranqüila magnificência, refrigerios,
cores místicas, claridade celestial:
a pureza deste monastério é uma dádiva,
uma fortuna da Suprema Personalidade de Deus.

AFORISMOS

O único espaço existente é o interior.
O único lugar visível, o agora.
O único tempo disponível é já.
A conquista é a calma.
Todos os caminhos conduzem ao Eu.
Todos os momentos irradiam sensações.
Tudo pode ser perfeito onde existir harmonia:
A concentração é a barca que atravessa o rio das selvas.

INTUIÇÕES DO ORIENTE

Na solidão
posso caminhar
estou livre.

Ao cair da tarde
sopra o vento do infinito
nas cores da eternidade

A rosa da montanha
está sonhando
com a primavera do céu

AUTODEFINIÇÃO

Eu sou aquele que ama o vento
e adora as estrelas.
Eu sou o que canta
e se liberta do mundo.

PLENITUDE

Que é esta fonte clara,
cantando no coração?
Que folgado afável luz,
afagando a fronte em febre?
Que dádiva, que promessa
clareia as noites e os dias
pelos mares insidiosos?
Clareira, lareira,
sol da fortuna venturosa,
que a paz em mim tranquiliza
o tremor dos sortilégios?
Que harmonia de anjo e sonho
me sorriu em meio às feras?
E esta voz acariciante
por entre os ares glaciais?
Que branca flor suavizante,
que lâmpada embevecente
me transporta além das sombras,
entre prazeres e mágoas
pelos becos do suplício?
Que substância divina
sorvo nos bosques da calma?
São as palavras dos santos,
as relíquias da ternura

que sublimam os martírios,
que consagram a pureza,
que salvam do precipício
e me arrancam do delírio,
me entregando a plenitude.

FLUTUAÇÕES NO OCEANO NOTURNO DE ANTERO

Conturbado de ânsias, o poeta entrega-se à noite,
último refúgio em que o sensível dos sonhos
se estraçalha nos tormentos puros.
Sobressaltado, entre as devesas das jornadas de pavor,
o arrebatamento o desespera
e o pasmo de resvalar nos abismos em combates de luz,
impossivelmente, no seu estro visionário e sequioso de infinitos,
dispersa a intuição de paz e alívio na seara dos dias de terror.
Ressuma, exala-se, inexorável, a flama inaudita,
páramos refertos de perjúrio entre queixas,
promessas de luz a que o espírito anela
erram na beleza que esmaece nos longes de formas perecíveis.
O poeta desolado irmana-se aos desgraçados, aos aniquiados,
na febre que a noite escalda em sua lívida fronte.
Para compreender tão lúcido e inconsolável ideal,
é preciso descer às cavernas,
em que se empenharam as venturas do mundo
e fazer ressurgir, em susto e descrença,

a face fulgurante e amortalhada: da fúria maldita.
Mergulhar no áspero silêncio é ser deserdado e vagabundo,
à porta das ostentações insidiosas.
E se a esperança explode o pensamento,
emergindo as larvas do cristalino porvir,
Antero, abraçado à ideia que paira imortalizada na amplidão,
recolheu na noite terrível o bálsamo dos ardentes desvarios.
Ante o turbilhão das hostilidades,
o Não-Ser, místico romper dos clarões,
infunde no Ser a grande paz em que a noite transcende o século.
Oceano de fantasmas em tumulto, agitando-se,
voragem de vaporosos espectros, ressoa no inconsciente
a libertação que macera o fervor.
Visões do limbo, consciência imortal, lançar dos penhascos
o torturado tormento, apascentando as torrentes da paixão,
e unido ao rutilante Ser Absoluto,
na mágoa de um extremo grito, para sempre libertar-se
da putrescível carcassa temporária!

REVOLUÇÃO

Hoje que o direito é subtraído e a justiça escandalizada
e a vaidade forja arrogância, discriminações
e a miséria se alastra em favelas.
Hoje que há fome, torturas,
assassinatos pelo mundo inteiro
e as bocas caladas, a ferro e estilhaços,
já não clamam ante o pânico e a iminência do holocausto,

chegou a hora do socialismo espiritual.
A hora de redimir os explorados, injustiçados, os mendigos
e torturados dos manicômios
e todas as vítimas da força bruta dos tiranos.
Chegou a hora de libertar os massacrados,
exterminar o barbarismo e a violência,
libertar os humilhados pelos grilhões da infâmia,
os espancados nos covis da perversidade.
Agora que os lavradores estão sem terra,
que a vida foi comprada
e que foram fechadas as portas do protesto.
Agora que o pânico dos reatores ameaça a paz das noites,
que a hecatombe incita o medo
e o banho de sangue explode com as armas do morticínio.
Agora que os donos do mundo
vergam ferozmente os indefesos,
ante a iminência da catástrofe,
chegou a hora de libertar
os desgraçados do antro de mentiras;
chegou a hora de salvar os perdidos,
traídos pela segregação das raças,
desesperados pelo rancor,
hostilizados em classes inimigas;
chegou a hora do socialismo espiritual.
Hoje que os fascínoras se despedaçam
contra o aço do ódio,
resvalando em podridões de autoritarismo;
hoje que as crianças imploram migalhas

e os marginais se lançam dos abismos
e as armas estão engatilhadas,
chegou a hora do palavra certa,
do pensamento certo, da atitude certa.
É a hora do socialismo espiritual.

HERANÇA

A beleza do mundo se reduziu a um desgosto inusitado.
Outrora eu andava nas ruas encantadas,
a vida me sorria e os poetas eram generosos e martirizados.
Hoje o amargor dos dias me oprime
e nem os paraísos artificiais, nem o oriente místico,
nem as visões do Blake, nem a sordidez do Genet,
nada supre essa ânsia de ser transportado em êxtases,
ah, o meu impossível sonho de infinitudes,
meu desespero de plenitude e o travo desses dias.
Outrora as flores e os abismos,
a tarde suave e a emoção derramavam perfumes.
Outrora os poetas sonhavam
na luz crepuscular, nas tardes invernais,
os visionários atravessavam labirintos,
ansiosos de luz e sonhos alcandorados,
os heróis enfrentavam armadilhas,
bebiam ópios no asilo das torres.
Wilde, Rimbaud, Sá Carneiro, Lautréamont, Baudelaire,
admirava-lhes a inquietude dos demônios íntimos,

a maldição contrita das alucinações
eu era também um anacoreta inconsolável
e viajava com eles pelos clarões das planícies prateadas,
nas regiões de júbilo, oásis de cristal e açudes de candelabros!
Hoje herdei a saudade, o tormento, desespero que era deles.

PERSPECTIVA MATINAL

Fortaleza esplende júbilo na manhã de sol:
úmido calor abrasa os corpos em trânsito,
estremecem as folhas verdes do jardim,
realça nas calçadas o vermelho das papoulas e dos flamboyans.
Sobre as ruas uma poeira fina,
quando passam os pneus:
o barulho dos motores é um grito de desespero,
o povo que passa - gado sem destino, faminto, martirizado.
Entre o verde das folhagens, o córrego poluído vaza.
A boiada humana segue.
Esfarrapados, estropiados, cegos, raquíticos.
A multidão de miseráveis
se arrasta em volta da catedral.

POEMA ESTÓICO

Querem te tornar um rato, um trapo, um bagaço,
um palhaço, um sapo, a sombra de um traço.
Um maluco pacato, caçar-te no mato, prender-te num laço,
lançar-te em pedaços nos espaços.
Querem te reduzir a pó, estrangular-te com um nó,
com uma pedra no pescoço, te jogar num poço,
roto no alvoroço, te deixar só osso,
calado no calabouço.
Tirar teu couro, te fustigar feito um touro,
te esmagar feito um besouro,
arrancar teu casco, te escarrar com asco,
entregar-te ao carrasco.
Querem tornar-te um fiapo, farrapo, cobaia da Gestapo,
num buraco te entregar ao bando nefando,
te deixar miserando como um troço,
destroço, refugo de um verdugo,
ao jugo de torcionários,
saqueado por falsários, gemendo em calvários.
Te deitar num esquife,
te retalhar que nem bife no prato de um patife,
te cortar de navalha, trucidar-te na batalha,
palha em fogo de archote, sob o chicote,
em masmorras querem que morras
currado em Gomorras,
furado pelo furor de algozes ferozes,

querem que bebas doses atrozes.
Mas, quanto mais te humilham cretinos,
carontes, devassos, fascistas,
mais te brilham horizontes, destinos, fontes.
Trilham teus passos novas conquistas, pistas, pontes,
hinos divinos cantas, e avanças
e não cansas das andanças em que te lanças,
erguida a frente em que conduzes
as cruces das esperanças,
nas urzes, nas mansas luzes, entoas acalantos santos.
Quanto mais preso, mais aceso o fulgor do teu amor.
Mais senhor de ti mesmo, mais voas,
mais te doas ao esplendor, mais coeso despertas
e te libertas das armadilhas do opressor.
Te maravilhas nas ilhas em que brilhas,
ciente da claridade,
segues em frente, na realidade transcendente,
suavemente ao sol que propicia a serenidade
que nasce cada dia.
Farol de liberdade, passe de magia
em que a bondade acaricia a face da eternidade.
E viajas em naves de harmonia, ave de alegria,
tua chave de alquimia abre as portas da verdade.
Se te conspurcam farsas e violentam-te desgraças;
se a infâmia do escárnio ameaça-te,
se te atormentam, com insolências, os tiranos
e se freme o suplício do ódio a ferver,
pelo sacrifício da paciência, com gestos humanos,

conquista-lhes o poder.
Se o feitor de chicote na mão esbraveja opressão
e se diante do cadafalso,
no teu encalço investe com furor o inquisidor,
mostra-lhes o que é a virtude,
conserva a serenidade,
prova-lhes que nada te ilude, derrota a vaidade,
aproxima-te da verdade.
Que a segurança não te faleça e cada agressão te fortaleça.
Se rosnam cachorros furiosos,
se te perseguem os invejosos,
estalando chicotes e armando botes,
se te apontam agulhões, ganindo vociferações,
permanece com a tranquilidade
de quem conhece a eternidade!

ASPIRAÇÃO

A matéria se dissolve em poeira,
a vida renasce em novos corpos.
— Eu quero o imutável.
A folha tomba crestada de outonos,
os animais envelhecemos.
— Eu quero o imperecível.
Até o vento se altera na fúria das tempestades.
Até o mar se rebela em hórridas convulsões.
— Eu quero o imperturbável.

BEM-TE-VI

Bem-te-vi, diz que me viu bem,
pra ver se vem o bem.

Passarim de augúrio, irmão dos anjos,
rubi esvoaçante da coroa de Deus!

Consolo dos padecimentos meus.

Bem-te-vi, diz que a manhã não tarda,
anjo da guarda,

diz que nasceu a esperança,
ave em forma de criança!

Bem-te-vi, canta de madrugada,
canta na hora sagrada.

Vê que eu esteja sempre bem
e os arcanjos digam amén!

A QUINTESSÊNCIA DO ENIGMA

CIÊNCIA

Cantarei aos povos do mundo inteiro,
beijarei a face da eternidade,
cantarei meu poema verdadeiro
quando eu for a luz pura da verdade.
Quando eu for pra mim mesmo um justiceiro,
quando em mim o amor for toda humildade,
só então eu serei um mensageiro
da doutrina que une a humanidade.
Quando tudo em meu ser for só beleza,
quando a paz de Deus refletir em mim,
nascerão tantas flores do jardim,
que eu serei jardineiro da pureza,
eu serei uma parte da grandeza
da perfeita união que não tem fim.

TRÊS CONVICÇÕES

1. Alço vôo.

Meu Deus e essa aflição estranha!

Essa avalanche, esse silêncio cheio de música!

-- É a vida transbordando amor em mim.

Sou eu -- pedra por pedra -- erigindo o pilar do futuro.

2. Hiberno sonhos,

a solidão é minha ânsia de ultrapassar,

voejar, viajar rasante sobre a terra,

além de tudo, acima dos limites da altura,

além do que se possa imaginar.

Semeio êxtases em estéreis glebas,

até reflorir uma seara de confiança.

3. Hoje nasce em mim um novo ser.

Ando alado pela aura do arco-iris.

Um vendaval rodopiou comigo nas horas de ócio

e o gelo áspero crestou os crisântemos.

Mas eu frutificarei bondade, multiplicando harmonia.

ITINERÁRIO SENTIMENTAL

Pelo encanto, todo pena e êxtase,
que sinto desde que te reencontrei.
E por esse enlevo de sonhar desesperado,
só quero saber de quem sabe o que é apaixonar-se.
Tua voz preencheu a noite de folguedos.
Teus olhos deram lume aos soturnos umbrais.
Não há néctar como a polpa dos teus lábios.
Querer-te é como ser criança.
E é uma insensatez a que me recuso renunciar.
Dizes que há perigo nesse meu pensar tanto em ti.
Mas como não descansar da tristeza à sombra do teu sorriso?
Como fugir dessa emoção que me transtorna?
Como não ser mais frágil,
quando recordo que nos vimos ontem
e é como se em nenhum momento estivesses ausente?
Teu rosto fixou-se no meu sentimento
e parece que só é bom viver porque te vi.
Só quero saber de quem fica como eu,
ouvindo música, perplexo,
na multidão, sonhando com uma só pessoa.
Será proibido querer a companhia de alguém,
quando não há luar no céu,
quando se está só e vencido pela saudade?
Só sei que sofro a madrugada

num pranto de solidão.
E sinto o teu perfume no ar,
ando hipnotizado pelo teu carinho.
Foi ontem que estive no paraíso
e hoje é uma loucura querer-te minha,
dizer que fui teu, em remotos tempos,
em algum país do Oriente.
Ando rindo e chorando, desde ontem,
num delírio de pensar em ti
como se pensa num tesouro perdido.
Feito um derviche que sonha com o seu desvario.
Desventurado, arrebatado num transe de penúria.
Absorto na contemplação desse amor incongruente!

São as canções do rádio que me estão perturbando o juízo.
Por que não dizes “o amado meu é meu e eu sou sua”,
como no Cântico dos Cânticos?
Por que não dizes que em nenhum tempo me deixarás?
Por que detenho o meu impetuoso afeto?
Por que não tomamos o remédio para os que desmaiam de amor?
Nem o canto do bem-te-vi já me alegra,
desde que o teu olhar me instilou esse veneno.
E é a tua imagem que vejo em todos os espelhos,
ferido de languidez alucinante.
Que faz na noite um coração sem regozijo?

Levo comigo o gosto do teu beijo,
fica contigo a flor do meu carinho:

ternura, afeto e um puro desejo
compartilhamos como pão e vinho.
Na cama da paixão, naquele ensejo
em que eu deixei de vez de ser sozinho,
foi tanto encanto, tanto ardor sem pejo,
que transborda alegria em meu caminho.
Tu te entregaste tão sincera e mansa
e tão travessa – mulher e criança –
que foste musa, amiga, amante e irmã.
E mesmo sem consolo ou esperança,
eu te levo comigo na lembrança
e fico em teu amor qual talismã.

Sofrer de amor é sonhar a todo instante,
como eu sonho com teus gestos e sorrisos.
Devaneio imaginando o teu semblante
e ouço no vento os auspiciosos avisos
da tua presença, embora estejas distante.
O tempo diz o quanto eu de ti preciso.
Quero ser teu namorado e teu amante
e fazer do teu abraço um paraíso.
Nunca me negues o teu beijo, menina.
Teu nome está gravado na minha sina.
Sem ti não tem sentido andar na cidade.
Afortunado de dor e de saudade,
a natureza parece que me ensina
a te querer com maior intensidade.

Delícias do vento bebendo contigo,
êxtase na praia.
O fugitivo momento eterno
é quando não nos inquietamos com o depois.
Aprendamos a lição das ondas.
Elas fluem sem pensar no tempo.
E o nosso tempo é agora.
E seja o nosso dia sem mistério
como a perspectiva do horizonte.
O verde mar flutua sob o céu.
A espuma transitória e permanente.
As nuvens voando no encanto da paisagem.
Musa, haverá sempre um recanto luminoso
para os que se acariciam?

Noite alta, eu penso em nós,
taciturno, meditando:
amor, generoso algoz
que me mantém miserando...
Sombra sem porquê nem quando
que me assola quando, a sós,
ando perplexo, sonhando:
amor, tirano feroz!
Por ti, moça, ando apressado,
coração sobressaltado,
sinto prazer e aflição.
Pelos astros alterado,
vivo um rito alucinado

de sedutora paixão!

A solidão é um navio perdido.
Ai de mim que só sei olhar o mar.
Meu idílio é um jardim fenecido
à sombra de um dolorido sonhar.
De doce melancolia curtido,
confesso meus segredos ao luar.
Os sentidos num só sentido,
transido de emoção, a suspirar.
Noite de contrição, ó tempo austero
de delícia e pesar em que medito
sobre o que devo querer e o que quero.
Esquecido de mim, nesse conflito,
como ser a mim mesmo sincero,
se vivo em êxtase de tão aflito?

Tua presença, ternura no vento
serenidade, bem-aventurança,
festa de luz, manhã de encantamento
e o teu sorriso porto de esperança.
Sem pensar no amanhã, só no momento
sem pensar na partida e na lembrança
só no prazer do dia, sem lamento,
O céu azul, no mar a onda mansa.
Contigo estar sem perguntar porquê,
eternizar o encanto que se vê,
seria a vida o mar da plenitude.

Seria o sonho o prazer que se crê
infinito a perfeição da virtude
E se não, a gente ao menos se ilude

Não te percas na multidão da vida,
não te ausentes na escuridão do tédio,
vivo enfermo de amor - és o remédio,
na névoa fria da ilusão perdida.
Do desencanto sinto o triste assédio,
saudade da ventura compartida,
pranto de dor na hora da partida
e um silêncio abissal como intermédio.
Foram da vida os dias mais felizes...
cada minuto um êxtase, um oásis
que o deserto do mundo não conhece.
Tardes azuis que se tornaram grises...
Que farei, sem as carícias e as pazes,
que a gente sente e que jamais esquece?

Sinestesia das árvores na quietude translúcida.
Tarde clarividente.
Fora do parque, a cidade é triste
Ou sou eu que ando sem rumo?

Messenger

Do outro lado da linha,
alguém espera falar com alguém.

Eu, o abandonado.
Ela a esperada.
Eu, o que lamenta a solidão,
Ela, a que prefere o silêncio.
Messenger, mensageiro dos amantes, socorro!
Bombeiros não apagarão esse fogo,
o mundo já é cinzas
e tudo ao redor são ruínas ambulantes!

Não reinventar o amor é matar a natureza.
Qualquer notícia tua é uma gota de mel
nesse oceano de amargura
em que mergulhou a minha vida.
Lágrimas de saudade que vêm do céu da lembrança.
Deliciosa dor que me tortura
no cárcere da esperança em agonia.
Não me relegues a esta desventura,
não me lances ao silêncio atormentado.
Mulher que personificas a fascinação,
imagem sem a qual meu ser imerge em treva.
Dissolve essa geleira com a chama das tuas mãos
e deixa arder o fogo que nos aquece a alma!
Tenho sede! Deixa que a fonte transborde!
Abre a porta que sufoco,
que me afogo na intempérie do teu abandono:
«Eu sem você sou só desamor,
um barco sem mar, um campo sem flor».

Tua voz iluminou toda a cidade
e tuas palavras me aquceram o peito
como a asa do pássaro no ninho.
No frio da tristeza delirante,
saber de ti me fez andar feliz.
Deu meio-dia no abismo da noite,
desfez-se o turvo quebranto do céu.
Tuas palavras, bálsamo do enfermo que sou
desde o momento em que parti,
como se um anjo aparecesse,
amenizaram os meus padecimentos.
Pode alguém, ardendo em febre,
sobreviver por causa da voz de alguém?
Tua voz me fez sobrevoar um precipício
e repousar num vale de ondas serenas,
num remanso constelado de música.
Tua voz é brisa de harmonia no meu ser,
dança sensual, volúpia vertiginosa,
ária de encanto, aroma dos meus dias!

O amor cobriu-me a fronte de sombras
e desvendou-me os olhos de esplendor.
Coisa estranha e contraditória,
o amor, dolorido afago,
júbilo que me faz chorar,
que me acalma e desassossega num segundo.
Alado e preso ao chão,
o pensamento voa no vento,

da escuridão do mundo às rútilas alturas,
coração e razão num embate em que me perco de mim.
Amor, é que me declaraste guerra?
Mas, se tuas armas são as flores que renascem de um recordar,
se vivo aturdido numa paz sem trégua,
que será de mim, que vejo e não vejo,
que voando me sinto acorrentado
e estou aqui e além,
desventurado agora, cantando a festa do passado,
morrendo e ressuscitando pela memória de alguém?

O PARADOXO FINAL

És tudo ou nada, eu sou talvez.
Es toda instinto, eu labirinto.
Eu tenho a pena, me dás a espada.
Eu nesse jogo não tenho vez.
Um tempo fez e outro desfez.
Um pé no encanto, outro na estrada.
Pois eu me rendo, pro que vier.
Eu faço agora o que você quer,
agora e sempre, e a qualquer hora,
eu sou escravo, você senhora.
Se é por amor que eu me sacrifico,
eu abro o cofre, eu dou e abdicó.
Você decide - eu não uso escudo.
Diga o que for - eu salto no escuro!
Fica o passado, morre o futuro.

Eu renuncio, mesmo cativo,
Você garante que eu sobrevivo?

PERPLEXIDADE

Sou Lamartine comovido ante o Lago,
Sou o que implora ao tempo uma trégua.
Sou o que, perplexo, fita a perecibilidade.
Sou o que deplora o ladrão das horas.
Sou o que chora a ausência dos mortos.
Sou o que sonha com a estrela extinta.
Sou o que suporta o fatal sacrifício.
Sou o que beija a mão gelada do adeus.
Sou o que languidesce, a cabeça reclinada na noite indulgente.
Sou o que suspira no silêncio do crepúsculo.
Sou o que se oculta na alcova dos dias,
o que maldiz a vida com olhos de perdição,
o que vê o pássaro morto nas ondas do outono.
Sou o que escuta o murmúrio do deserto,
sou o que não esquece a flor da vida,
o que se curva diante do delírio,
o que grita na caverna do futuro,
o que se alumbra nos rumores da tarde.
Sou o que repousa na estação do ermo,
sou o afortunado, coroado de flores,
sou o que recolhe os abrolhos do ocaso,
sou o doador do tesouro púrpura,
sou a ruína do espanto,

sou o que se perpetua na manhã do sonho.
Sou o de mãos que resvalam nas sombras,
sou o obscuro, o histrião, o seduzido pela fantasia!
Não sou nada disso! Era tudo ilusão!

A DESPEDIDA DO AMOR CIGANO

Canta uma canção triste, no nevoeiro,
que eu quero lamentar o meu amor cigano.
Fala do desespero e da esperança morta.
Diz que o mundo está dominado por verdugos
e não há orvalho na relva.
Diz que a lua chora,
mas já não há o sentimento que a enaltece.
Diz que a Via Lactea é um estigma cruel,
diz que a ausência não dói
e que a verdade é mentira.
Diz que o amor não triunfará nunca,
que não existe horizonte,
que a noite habita o coração do dia
e não há vida, nem sonho, nem jasmim, nem rouxinol.
Que não é justo estar-se apaixonado.
Que não existe Madrid nem Manzanares,
nem madrigal, nem grito dos corpos em cruz.
Que no hay dulzura mañana en las aldeas.
Canta a mais triste das canções
pra despedida do meu amor cigano.
Diz que eu fui humilhado por mim mesmo,

que eu já não sei olhar o abismo da beleza.
Canta réquiem, canta missa fúnebre,
canta uma canção do inferno,
canta o infortúnio do forasteiro, a desdita de precito,
canta o sortilégio de agrura,
que eu quero emergir do calabouço.
Não há orgasmo de luz no ermo corpo
e não há mais carícias em noites românticas.
Cadê o lirismo da cidade azul?
Cadê a madrugada ao ritmo da melodia do mar?
Canta aquele vendaval de ternura,
canta a pena do que perdi, a derrota,
o fracasso e o nunca mais,
que eu disse adeus ao meu amor cigano!

EU VOU CANTANDO SÓ

Eu vou cantando só, qual peregrino
na tarde perdulária da saudade.
Agora eu vivo só do que imagino,
agora é só uma sombra que me invade.

Houve um tempo em que eu me senti divino...
Foi miragem de amor, perplexidade.
A flor do meu idílio vespertino
evaporou – saber dela quem há-de?

Eu vou chorando solitário e mudo,
gemendo de aflição e de amargura
e me pergunto o que restou de tudo.

O gosto do seu beijo me tortura...
Não volta mais a perdida ventura?
Agora eu canto só, triste e sisudo.

NA DESVENTURA DE UM DESESPERAR

Quanta dolência de esperança finda,
ó pranto meu, de uns olhos sem alento,
por uns olhos por que entristeço ainda,
pois de adorá-los nunca estive isento!

No horto dos amores eras vinda
e entre as estrelas do meu sentimento,
te reclinavas tão cheirosa e linda...
Longe de ti padeço esse tormento.

Era um recanto, agora um recordar.
Era um mar de ternura a toda hora
e dois amantes como a navegar.

Maré de afagos madrugada afora.
Era um sorriso, agora um esperar
na desventura de um desesperar!

DE AMOR E AMIZADE

Esqueço de mim, ao desamparo
do dorido sentir de uma saudade,
por um desejo caprichoso e raro
de transformar amor em amizade.

Eu tenho tudo e nada e me deparo
com tormento se busco liberdade.
E mais rendido estou, quando separo
razão de amor e paixão de amizade.

Ser teu amigo é prazer e martírio.
Perdoa se esquecer-te não consigo
e nem sei ser de ti simples amigo.

O recordar-te é como ardente círio
que me consome – feroz inimigo -
nas horas más em que não estás comigo.

AMARGURA

Consumido de perdição,
qual mendigo de amor,
deixas-me foragido,
gemendo de saudade.

Um céu sem cor
como eu, sombrio,
discorre ante os meus olhos.

Eu tão sofrido!

Estás no cais?

Eu, no convés da dor!

Vê a incerteza do meu firmamento!

O teu silêncio dói como um punhal,
e a vítima de tudo é o sentimento!

CIRCE

Uns olhos meigos, um sorriso doce,
um generoso gesto acolhedor,
um semblante luminoso, uma face
que irradia delicado fulgor.

Uma dádiva que a vida me trouxe
entre ternuras, um raro esplendor.
Nela a beleza personalizou-se,
sendo a bondade o seu maior valor.
Deixando-se no mundo tão serena,
sofrendo sem lamento, com seu pranto
ela irradia aquele estranho encanto
que em êxtase transforma a minha pena.
Este foi o prodigioso quebranto
que mudou meu pensamento e meu canto.

AFRODITE

I

A deusa das paixões, filha do mar,
nasceu de um transbordamento de luz.
E veio com encantos inundar
de amor os corações que ela seduz.
Os poetas eleitos fazem jus
a tecer fantasia em seu tear.
E, nos enlevos a que ela os induz,
vivem no mundo pra morrer de amar.
Recebo as influências do seu signo:
hei de viver eternamente digno
de desfrutar dos mágicos primores

do paraíso zodiacal benigno,
dos seus influxos arrebatadores;
guiado por seus lumes sedutores.

II

A natureza pródiga, encantada,
forjou para delírio dos mortais
— qual chuva que ilumina a madrugada —
a deusa dos carinhos celestiais.

A que nasceu na misteriosa estrada
do mar, com seus quebrantos musicais,
tem olhos quais faróis na noite alada
dos sonhos dos poetas imortais.

Luzeiros de beleza, os seus preciosos
olhos são jóias de ultramar; gorjeios
nos jardins de canteiros luminosos.

Da infância, os mais serenos devaneios.

É a princesa dos êxtases ditosos.

Um querubim de gestos primorosos.

INTERLÚDIO DELIRANTE

A Carlos Emílio Correa Lima

Enfrento as fúrias e só me resta o desperdício.
Ansia de superar-me, saber-me carente
se o tempo do infortúnio avança esses
itinerários, essa vociferação irresignada
na calma crepuscular.
Confesso que vivo em perigo,
andarilho do país interior.
Só tenho essa inquietude para oferecer.
Padeço a viagem do suplício e quero
que o silêncio permaneça com a presença divina.
Só a percepção íntima é alentadora satisfação,
momento sem conflitos,
só me resta atingir o nirvana
e seja inspiração a noite deserta.
Seguirei o vôo das idéias sem tristezas.
A plenitude calma perdure nestas meditações.
Oceano, recolherei a imagem das vagarosas procelas,
só me resta o desespero de tudo que não é amor,
a urgência do que ainda não vivi.
Ladeiras da pacificação,
entre perplexidades dinâmicas me evado
por corredores, corro em busca da alegria.

Prefiro andar à procura dos espelhos,
fazer de cada instante o meu altar.
Que a vida seja o tempo da procura do ser imortal, imaterial.
O espírito – síntese da amplitude cósmica.
A paciência é a ladeira do silêncio.
O caminhante medita em peregrinações,
anula as dúvidas e, sem ânsia,
sonha a vida livre da eternidade.
A cidade irradia a aura ancestral dos pensamentos
e das vozes que ressoaram no tempo.
O corvo não devora o que pertence aos anjos.
Emoções da vida incessante.
Revejo o momento abstrato,
minha esperança supera o desencontro,
prossigo por esta alameda,
perplexo ante os casarões úmidos.
Permanece ancorado o navio
que me levará à grande viagem.
O vento está brávio, lança Deus um óbolo
pelas janelas do vácuo,
as estradas do mar são infinitas,
é noite e me predestino.
Sinto a respiração planetária e mergulho no silêncio.
(Para ser recitado ao
som da Ária na Corda Sol, de J. S. Bach)

Não há prazer em caminhar solitário pela madrugada,
reter o amargo transe na voracidade.

Pelas calçadas, à beira-mar,
Quando os bares são oásis no deserto da noite,
o vento leva as canções,
brinca na pele o frio desolador,
balança os coqueiros,
um gato fareja o cheiro do ar,
espreita sombras alhures, marginal,
pressagiando opróbrios e deleites.
Nas venturosas superfícies do mar,
Linhas angulares pulsam vórtices,
lâmpadas de júbilo.
Não há prazer em caminhar sem rumo,
pela calçada mirando a solidão iluminada dos navios,
o céu ardendo cristais – estuário glacial.
Só os perdidos remanesçam, crivados de insônia.
Os prédios silentes, obscuros,
dormem nas intermitências.
Adeja o deslumbramento, o desdobramento das ondas.
O mar murmurando ondula a planície
do templo brilhante,
o orbe noturno suaviza os vértices do tempo.
Luzem poliedros, ó temerária premonição!
Os ritos do mistério
resvalam na pluma das águas,
no vôo martirizante à procura da manhã.
Estar vivo é alçar o sonho sobre o abismo
e perpetuar o alento cativo da lua.
Cidade malsã, turbulenta infusão.

Caverna onde a alma se conjuga em sons,
a noite tarda inexoravelmente lúgubre.
Por tudo há soturnas ressonâncias,
vertedouros de vazão diluída.
Sopra o vento em tranqüila convulsão.
A frieza lava de suavidade minha face.
Amanhã os pássaros cantarão.
O entusiasmo governará meu destino,
inquebrantável fortaleza vencerá o vazio angustiante,
límpido amanhecer transparecerá.
Não há prazer em caminhar
estigmatizado e incompreendido, monge errante,
indiferente ao riso dos boêmios.
Amanhã experimentarei a alquimia insólita,
queimando o ser na doçura apaixonante.
(Para ser recitado ao som da “Pequena
Suíte”, de J. S. Bach).

O passado mergulha em fusão com o presente.
Viver me anima de súbito:
eu precisava sentir o caos que me conduz -
holocausto de silêncio! Mergulho na introspecção,
pressinto a ventura da descoberta.
Que signo superior marcará meu anseio?
Qualquer espaço me permite andar.
Se ainda não há perigos estou calmo.
Ondas aéreas, o diálogo dos antepassados,
destino, aventura, o interlúdio delirante!

Caminho no pensamento.
Sei que vem quem traz esperança e amor,
o querer dinâmico
– lembrança dos tédios é não ser infância.
A estação do estio é desolação.
O roteiro da certeza agora ferve.
Quero a firmeza dos mais convictos!
Sinto a irrisão de ouvir o estrépito da rua,
a ladeira mais alta é ser constante.
De repente me assusta a solidão de uma cidade.
Caminho sem destino
carregando o peso da vida.
Não tenho pra onde ir e nenhuma companhia
satisfaz esta certeza inevitável.
Nada anseio, nada suplico
além da preservação deste momento.
Minha missão é ficar à parte do universo
e reunir-me ao todo, indivisível.
À sombra dos ciprestes,
só o caos e este silêncio querem me confundir.
(Para ser recitado ao
som de “Fuga Tripla – três vozes”, de J. S. Bach).

Serenizado dos meus desesperos,
vou bebendo alento nos teus rumores,
galáxia gravitante, hinos de harmonia.
Idílios imagino, jorram jardins de júbilo.
Reconforto-me nos teus bramidos,

belezas brandas em brisas embaladas.
Aliviando a desventura, suavizando
em teus bálsamos a chaga do desgosto,
fujo nestas embarcações,
nestes embarcadouros e diviso a transfusa lactescência.
Torrente de sobressaltos.
Alegre amplitude.
Absorto no refúgio sinto a pujança das ondas frementes,
lancinante luz, leveza de prados fulgurantes,
transparências evanescendo flores,
precipitações de sonoridades.
Na soberba dimensão das latitudes
prorrompe a evasão das mágicas superfícies,
fremem vagas, florescimentos vertem do vale da ventania,
vejo o sereno archote, candelabro dos astros.
Deliram deleites na névoa dos nascedouros.
Marulha a estância da solidão: noturno de sonhos!
Oceano, redime o pranto dos martírios
com tua canção misteriosa,
voeja claridade no roteiro das brisas!
Arena de sensações,
lume de clareira solar, tudo é infinito.
Prosternado ante os teus encantos soberanos,
vejo a imensidão irradiando o fascínio das águas,
vibra o vôo veloz dos veludosos véus,
labareda líquida, fluxo magnético.
Retenho a longitude – agudo túnel de tenebras
por onde miro a glândula pineal.

O vento vibra com o temor extravazando acalantos.
Apascentado do tédio,
um medo melancólico vou bebendo no arrebol.
Salvo pela luz, sinto um sorriso na face gelada do vento.
(Para ser recitado ao som do Prelúdio em Mi Maior, de J. S. Bach).

O SIGILO

*“Que faço eu sonhando
no sobrado vazio em que me vou?”*

Alphonsuns de Guimaraens Filho

As árvores ficam diluídas no estuário dos campos,
enquanto sonhamos os bens ausentes
e o abismo lacera vertigem de sentimento
que transluz em pureza.

A noite tece ruínas sobre o frio.

Os ventos estão aflitos, em labaredas errantes,
a candeia abismal dos reposteiros

sonambula tedioso lume:

é preciso fugir para a fonte dos mirantes de brisa,
à sombra da desesperança,
no tropel da chama do tempo.

A carícia da alma é poesia.

Sobreparam idéias em voragem,

brotam êxtase de alacridade no entardecer.

Em mineral silêncio clama a insônia dos túmulos.

Acesa a lâmpada do abandono,

ressoa o clarim do inexorável susto,
enquanto soluça a rosa da alegria.
Recendem jasmims e a alma dos vilarejos dorme.
Nesta hora atormentada em que vencemos o tédio,
os gênios do ar resvalam melodias
e adormecemos na fuga aos pomares turvos,
infensos à chuva das agonias:
lívido espanto é o pranto dos penhascos na neblina.
Este paraíso ressoa na cordilheira
e a noite se recolhe no latejar dos porões
– prenúncios da fremente euforia.
Retenho o destino nas tardes de jardins etéreos,
hora da impressentida prece, soturna súplica.
O lamento do ermo estua incorporado à paz.
Em demanda do invisível
meu barco de insônia busca a vertente,
vislumbro incorpóreas visões
e me retiro na incerteza tranqüila,
intranqüila certeza das coisas que vibram nos caminhos.
Pressinto a nostalgia,
fui predestinado a seguir a verdade do enigma,
fremir ausências, assombrado pelo espanto dos milênios.
Vejo o céu que desliza além, o céu de dádivas.
O cais denota o mundo que se espraia,
mundo de miséria onde descubro
um sopro de suavidade.

INVENTÁRIO

“Em minha alma o amor tange um alaúde crepuscular”

Francisco Alvim

Enquanto o dia tremula nas varandas,
nenhum passeio descuidado, só o tempo fluindo entre vidraças,
o pêndulo dos relógios, o olho dos relógios
e o corredor que espreita a fuga das horas.

Os cães amestrados farejam o dia dos mortos,
dia composto de pesadelos nas retinas
e arfares extenuantes sob a pilastra do cadafalso.

Aridez, movimentos agônicos, manhã sem horizontes,
desassossego, corredores sem cores,
gestos gastos pela aparência dos objetos ásperos:
catálogos, fichas, máquinas de escrever, exaustores
e os mortos errantes entre as paredes do perigo.

As mãos funcionais vagam entre combates e refúgios,
o carcereiro uiva dentro do túnel
e pelo labirinto seguem os sobreviventes,
turvos olhos, vida armada, gestos frios.

Resta o verde que não se apagará, resta o retiro do coração,
o jardim do desterro e o pomar das tardes estivais.

Resta o mergulho nas cores do vento,
o tempo verde, para além dos corredores,
as fontes do estuário além do subterrâneo dos sonâmbulos.

JÁDER DE CARVALHO

Agora que trilhas a luz dos caminhos dos ventos,
teu canto evoca reminiscências, rios, açudes,
ingazeiras de sertanejas paisagens.
Teu canto traz a unção do horizonte,
estradas, veleiros, arquipélagos,
tudo sonha na silente solidão.
Jáder, pastor nômade,
tua voz entoia oração de melancolia e êxtase.
No vôo das garças a premonição e o cheiro puro da manhã.
Anuncias e outono e o crepúsculo
e nos teus poemas há um jardim iluminado,
a canção da fraternidade pelos povos oprimidos.
Agora ouves a confissão noturna da imortalidade,
tuas palavras têm a origem dos tempos e dos continentes.
Pela coragem, pela claridade lançada sobre as dores do mundo,
mereces honra e glória.
Subsiste à eternidade e regressarás para ensinar a perfeição?
Vejo-te recolhido ao mosteiro das cogitações,
perscrutando a saudade das casuarinas, silêncios,
clamores mudos ressoam em vigílias de sombras.
Quando a madrugada raia o clarão prateado
como outrora os soluçantes ventos do sertão,
o sol do verão simboliza tua vida e o luar entenece a infância.

Agora, na casa abandonada,
já não espreitas as praças de mongubeiras
nem contemplas vilarejos e fazendas, imerso em nostalgia.
Na sala deserta,
visitas os que derramaram o perfume do passado.
Plantaste trigais nas felizes terras
e em revolta defendeste as classes proletárias,
clamando justiça aos heróis da terra bárbara.
Agora navegas sem âncora,
nos pensamentos eternos e no acalento de Schubert.
No vazio da névoa, o balido do carneiro,
o violão, os navios perdidos,
vislumbres de olhos semicerrados em prece.
Insônia povoada de noctâmbulos fantasmas
onde voa a pluma de soturnos versos: o delírio da solidão.
Percebes o instante mágico que os outros não exergam,
e na cotidiana aldeia, és a história universal das civilizações.
A torre dos templos te transporta ao país das tardes imemoriais.
Meditas a olhar o mar das distâncias.
Adivinhas a Inquagem lírica dos sinos
e a lição transcendental das árvores.
Na paz das herdades, na suavidade das tardes litorâneas,
veleiros, golfos, dunas e a música das ondas,
tudo cabe em tua alma imortal.
Agora vês os píncaros nevoentos além dos sete mares,
a peregrinar pelos territórios sem fim.
Viajas pelo desconhecido.
O vento é o guia do destino transfeito em nuvens.

YOGA

Cada vez mais me fortaleço nas tribulações,
mais me torno independente perante mim mesmo,
livre de temores, seguro, tranqüilo na confiança.
As constelações velam pelos meus sagrados caminhos.
Na prática do *pranayama*,
canto os mantras, repouso em *Yoga Nidra*.
Aprofundo as raízes da convicção,
desapegado de falsos ideais.
Simples como a água, firme como a pedra,
atento e veloz como o fogo,
consciente na luta de vencer a morte,
assim determinado e confiante,
cada dia deposito uma gota de serenidade no oceano de paz.
Cada dia conquisto mais espaço na estrada do auto-domínio.
Subo mais na escada da perfeição .
Cada dia estou mais livre das tempestades da ira,
dos vendavais do desespero.
Já não me dói o espinho do perverso.
Nada pode desviar o meu itinerário: a busca da virtude.
Na fortaleza interior, determinado e confiante,
com fé e sede de aprender e triunfar,
a sabedoria afirmará minha vida,
o farol da certeza iluminará meu destino
e calmo voarei pelo infinito.

CANÇÕES INEFÁVEIS

Ainda que eu tropece no equilíbrio do caminho,
os lugares de paciência revelarão a fonte,
o rio da vida seguirá ao Mar do Norte,
os acontecimentos serão transmutados pelas mágicas fórmulas,
alquimia mental, o mantra, o ritual anula o infortúnio,
prática da utopia, vitória sobre os sonhos, tempo de amor.
Na noite úmida de orvalhos que lavam as narinas,
entre as quadras, no parque, caminho despreocupado.
Existo nas coisas que me existem,
sou a consciência do que existe,
a essência anímica e seu sentimento.
Essência do cósmico, eu te compreenderei.

COROLÁRIO

O espaço-imagem poligonalmente convexo
e as posições ao longo do caminho,
no passeio aleatório,
são objetos de quantidade finita
no subespaço linear.
A derivada direcional,
elevada ao multiplicador exponencial,
descreve o ângulo polar de homogeneidade conjugada,
aplicado nas matrizes ortogonais.

ANSIEDADE

Aflito e desolado, notivagando solitário,
cheio de ansiedade depressiva;
triste como os deserdados do amor;
amargueado e descrente dos meus ideais,
como os que gemem de desgosto
e sentem vontade de morrer.

Andava pelas calçadas a suplicar aos ventos
e aos luzes do cais eram a última esperança
que me alentava em meio à multidão.

De repente, você veio como a liberdade explodindo euforia,
como a luz das cores que o sol projeta no horizonte.

Mas foi preciso regressar ao antro
dos que se atiram contra o gelo da tristeza,
foi preciso voltar ao reino das estátuas de sal,
onde o meu delírio é inconsolável.

E já não tenho o alento do perfume, o delicioso cheiro,
o sabor que é pura felicidade
como a tarde glorificada pelo sol do amor.

Agora eu me disperso
como os que vagam sem destino.

E não sei como suportar a melancolia dos crepúsculos,
sombrias de nuvens tenebrosas, o frio e a solidão das noites.

Quero sentir o mar estremecer na brisa da tarde,
a grama incendiada de claridade.

Quero de novo a água pura das fontes,

pétala de carícias transbordando a plenitude.
Eu que já amarguei o suplício das horas terríveis,
quero ser arrebatado pela sensação da ternura.
Perto de ti sou uma eclosão de felicidade,
as células do meu corpo vibram pela exuberância de luz.
Perto de ti sou um receptáculo da pureza
e ando pisando em nuvens,
espiritualizado pelo fascinante carinho que se traduz em ti.
Contemplo no céu dos teus olhos o sonho da harmonia.
Só de ouvir tua voz invento canções vesperais,
fico inspirado e imagino anseios de aventura
e adivinho a natureza em tua carícia.
Tua voz emerge dos ermos do entardecer.
As folhas abandonam-se ao crepúsculo.
Silêncio é teu sorriso de água e doçura.
Perfumada menina, tua formosura agita-me os nervos,
evola-se tua sensação diante dos meus olhos.
Arde a chama do teu olhar que acende a emoção.
Sou cúmplice do teu desejo.
A noite é feita de afável consolo.
Esta espera me faz balbuciar teu nome,
domina-me o coração acelerado.
Degustarei o vinho dos teus poros,
medirei a argila movediça do teu corpo.
No altar das carícias,
morrerei eternizado pela paz da tua presença.
O perfume da tua pele,
teu corpo de florações de pétala noturna,

ânforas, águas do amanhecer.
A noite em que repousamos na fonte da alegria.
Flores à luz da candeia,
untaste meu corpo com sândalo.
O beija-flor e o jasmim apareceram nas nuvens
que ornamentam teu caminho.
De tua beleza evola-se o aroma do almíscar:
incenso de cereja, desejo que me consome,
Vou seguir a expansão de luz que fulgura no Oriente,
trilhar a senda da estrela que me guia
e atravessar os umbrais da claridade.
Teu sorriso é festa de harmonia.
Vejo teus olhos e o mar se encanta,
o vento insulfla seu fluido em nossa respiração
e ficamos embevecidos, crianças mergulhadas no fluxo da vida.
Viemos das águas abençoadas pelo sol.
No instante sagrado,
cultivamos a fugacidade eterna das coisas.
Preciso de tua suavidade de flor, teu rosto de adorável contorno,
teu olhar de musa, digno da veneração do meu destino.
Não me deixes no labirinto do infortúnio.
Meus olhos carecem do colorido das rosas,
do perfume da tarde,
do êxtase que vem de ti como a perplexidade.
Não me abandones,
quando tudo em mim pressente o teu encanto.
Não me exponhas à violência dos homens.
Por tua causa me aventuro na estrada dos perigos,

atravessando o deserto, queimando os pés no suplício.
Teu sorriso suaviza o desespero,
preenche de quietude as colinas e os ciprestes unguídos de deleite,
confrontando o martírio dos desvalidos como eu,
aliviando o fardo que arrasto neste antro de sofrimento.

CONFIDÊNCIA A CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Aprendo contigo a viajar íntimo no relâmpago,
sonho viver com a mesma garra
e recolher o alimento das retinas:
flor do tempo depurado.
Suportar o mundo entre fogo e vida.
Viajo contigo, em passeios de infância nas fazendas aéreas,
no alheamento de carregar a ausência assimilada
e no exemplo dos teus nervos itabiranos,
aprendo a revolta sem armas.
Bebo o acalento do sagrado anseio
- lume de ancestral mistério.
Cresce em mim o amor ao sacrifício,
espalho lendas de nostalgia,
transito no país onde a chuva punge.
Se tens o sucedâneo da estrela nas mãos
e distribuis o ar noturno no trajeto da esperança,
descobres o círculo das águas no abismo da vertigem.
Procuras a rosa filtrada no vazio.
Sigo teu ritmo de fábulas e consolações,

enquanto modelas o vento
e percorres o compromisso estival de ardentes alquimias.
Vejo o século dissipado no cair das folhas
e acalentado pelas cogitações do teu pressentimento,
retenho o mesmo perfil circunspecto em desgosto,
cúmplice do segredo que presentes na incorpórea face.
Teu repertório de presságios, miragens diluídas,
enigma contido na pedra, signo que cinge o duelo do frêmito,
o sigilo sideral que vislumbras
é refrigério da tarde em prisma tormentoso.
Caminho contigo no solo que inexistente,
na brisa em que divagas o concentrado olhar.
Devoto em teu louvor a definitiva estância,
o cristal do tempo que restaura o inefável.

MELANCOLIA

A Antônio Girão Barroso

A insônia corrosiva irrompeu no meu segredo;
ficou o vazio derramamento de cinzas,
o transporte pelos caminhos da espera,
meu silêncio debruçado.
Dissimulo o tédio que sucede o êxtase,
a vida chora cais e crepúsculo,
um cortejo de sombras acompanha a infância.
Quero de novo o sorriso de flores,
as imagens de encanto e as vozes de ternura.
O vento em sobressalto anuncia outras quimeras.
Vejo o vulto invisível dos sonhos,
miragem que sumiu na névoa.
Vejo minha ilusão dobrando a esquina,
estranho pressentimento que existe e não existe,
aqui e além da memória,
que se prenuncia e se extingue na atmosfera nublada.

PASSEIOS ROMÂNTICOS

A Wamberto Hudson Ferreira

Canção da chuva, vem trazer-me sensações!
O sentimento vegetal é lirismo dispersivo.
Até as pedras se emocionam,
na calma refrescante do entardecer.
As plantas rendem-se, prosternadas
como a esperar o estremecer do trovão.
Um tiro de luz rasga o véu das nuvens, ressoa a eclosão:
a natureza determina o inverno,
as nuvens vestem luto cinzento,
as grandes árvores se deleitam. .
Chove sobre a cidade.
A chuva nutre de vida a relva dos canteiros.
Chove agonia sobre os entes terrestres.
O espaço se fez cinza de vapores e gotas de luz,
vapor líquido, luz atraindo água e vento.
Na melancolia azul do céu chuvoso,
os grandes eucaliptos agitam folhas sensíveis.
Os trabalhadores andam depressa,
com folhas de jornal sobre a cabeça.
O barro sulcado escorrendo água, água condensada no ar,
luz-espiral de vento, água-ritmo de vento e luz.
Poeira de água que o vento arre pia.
O barulho de motores e pneus no asfalto!
A cidade assume ares de nostalgia,
a chuva adormece os jardins, desperta as flores,

os galhos das árvores esfriam mais,
quando os trovões estrondam.
Na triste névoa da tarde, a lembrança entardece as cores,
A cidade obscura,
a água encharcada e a transmutação do dia

Os românticos estão comigo neste passeio pelo parque.
Sinto a presença dos grandes poetas sonhadores.
sussurrando palavras de afeição e queixume.
Ando cismando em suaves aromas,
virações de encanto, sonhos de ternura.
Estação de flores do arrebol de mim.
Doces gorjeios, estivais fragrâncias nos campos.
Fagundes, Álvares, Castro, Junqueira, Casimiro, Gonçalves,
uma plêiade de espíritos luminosos se aproxima.
E ouvimos o canto da juriti, a voz dos anjos,
o langor das horas etéreas.
E sentimos o aroma dos ciprestes,
trescalar de flores nos ermos da vida.
Escuto suas vozes de paixão
na suavidade deste fim de tarde.
Miragens se configuram na névoa das regiões divinas.
No espaço invisível, entre os afagos do vento e o rumor da cidade,
os poetas murmuram seus cantos melancólicos.
Evocando as bem-amadas nas ondulações da brisa,
entre as cercanias verdes e o pavilhão do céu,
eles estão vivos comigo neste instante.
Perplexos e inefáveis,

irradiam júbilo, porque sabem que sou um deles
e que minha vida é consagrada à poesia.

Embevecido de glória e ventura, contemplo o inatingível.

A noite cresce, inexorável,
instilando o fluido dos astros em minha ideia.

Cada irradiação traz essência de vida.

O profeta determinou que amanhã será ressurreição:
os corpos se levantarão das sepulturas,
revestidos de nervos e novos ossos, cheios de vida.

Cantarei o tempo da fartura e da fortuna,
aurora eternizante, alvorada dos milagres.

Além da planície líquida do hemisfério,
o espírito é saveiro da ventania,
imerso na vastidão ínescrutável.

Além da enseada de cintilações,
o rumor da noite que se debruça
e se abate sobre os viventes.

Todos se submetem ao seu influxo terrível!

Eu sinto a vida com raro fulgor encantatório.

GUARAMIRANGA A Sânzio de Azevedo

Pelo vale a água corrente
do riacho na vertente
deságua sobre o rochedo,
faz um rastro no penedo,
dos matagais à lagoa
e a neblina sobrevoa:
atmosfera encantada.
Cheiro de planta molhada
esparze aromas no ar.
O arvoredado a suspirar,
balança a folhagem pura.
Respira toda a ternura
dos ventos o claro dia.
Desfruto da brisa fria
que lava a paisagem bela
que se vê pela janela,
brilhando em suaves cores
no mago riso das flores.
Vem o sol radiosamente
nutrir as frondes virentes
e ungir de paz e ventura,
de opulência e de doçura
o cortejo de esmeralda
que o horizonte desfralda.
O sol descortina o véu

que azula a face do céu
reluzindo sobre tudo:
mantos de seda e veludo.
Deslizam nas açucenas
carícias leves, amenas,
da fina fremente aragem
que sopra em toda a paisagem.
Flores e folhas da selva,
alfombras da verde relva,
serra verde, alcantilada,
no véu de névoa incensada.
Nas vastidões vegetais,
nas estâncias, nos currais,
pelas margens ribeirinhas,
passa o bando de andorinhas.
As florações incendidas,
em gotas de luz ariscas,
em pérolas e faíscas,
são recantos de repouso
neste ambiente venturoso.
Paisagem que a natureza
enche de paz e pureza.
Pássaros voam nos ares,
sobre prados e pomares,
e do alto despenhadeiro
vê-se a copa do oitizeiro.
Jorra a cascata tranquila,
a espuma branca cintila,

borbulando sobre a pedra;
no barro encharcado medra
musgo verde e capinzal
e uma chuva de cristal.
No espelho opaco do açude
transparece a magnitude
destes páramos azuis,
refulgindo o Deus de luz
que das alturas clareia:
tocha imortal, luz, candeia,
eterna fonte da vida
- a minha pátria perdida.
(Guaramiranga, 29 de julho, 1985).

VIAGENS LÍRICAS

Porto da Barra. O farol sopra luz com seu olho circular.
Fogo-fátuo, íris de flama ígnea mirando o mar,
as ondas refluem sobre as pedras,
espuma branda e branca que vem do mistério.
Horizonte pontilhado de lâmpadas. Baía. Bahia.
Enseada, recôncavo de água. litoral de céu nublado,
oceano de navios fantasmas, névoa diáfana no ar,
translúcida encantação.
Mar aberto, vasto território de beleza.

(Salvador, novembro de 1985).

Do alto plano aéreo vê-se o que é o céu:

oceano azul, reflexo liquefeito, mirante dos deuses.

Mar de fino algodão: espessa ondulação imóvel.

O panorama de cores leves transparece em claras melodias,
camadas límpidas, transfusas na vastidão.

O plasma do universo em ondas no vô do silêncio.

Diáfana substância, a água luminosa do céu.

O éter, essência, incorpóreo azul infinito em campos de névoa.

Álacre róseo eflúvio flutua o mar de brumas,
reino de vento e luz.

Além da planície de espuma, sob a morada dos anjos,

cavernas de vácuo luminoso,

parede de onde emergem camadas de gelo dissipadas em flocos,

élitros de ondulações e cores,

claridades disseminadas na plataforma aérea.

No âmbito da amplidão, astros,

perplexidades, evasões de espanto,

horizonte de cirros mergulhados na poeira nebulosa

(Visão aerodinâmica, julho, 1985)

O arco íris nasce do estrondo das águas de leite.

Urra e se dissolve a cachoeira em poeira úmida,

areja de vapor a face encantada da floresta.

Na plataforma escarpada se debruça o rio,

deposita a oferenda...

As cataratas rugem turbilhões leviatânicos:

águas jorram entre pedras vulcões de luz condensada,
precipitados em vagalhões de espuma, tempestades.
O desfiladeiro se deita para o salto colossal,
tudo se rende à pujança indomável, soberana
e triunfal explosão expansiva,
expansão explosiva que retumba, retroa, estronda, estruge,
rasgando as rochas em erosões titânicas.
(Foz do Iguaçu, 5 de julho de 85).

AVENTURA CONTEMPLATIVA

A Mário Quintana

Deste mirante vejo campinas, florestas,
serras e o mar que evapora no horizonte.
Nas encostas da montanha o rastro da cachoeira.
A vegetação arejando a atmosfera.
A aura das colinas é tão benéfica
que tudo exala quietude ampla,
a paisagem é pura magia.
O esplendor é tanto que estonteia o contemplador.

Pássaros espreitadores sobrevoam,
o vento brinca nas folhas, o olhar se delicia,
captando as tonalidades do verde.
Várzea vegetal, evanescência de aromas,
idílio do mar que evola efervescência no ar.
Quietude restauradora de perfumes silvestres.
Atmosfera de matizes violáceos, rosáceas de colorações.
Aqui é um país de miragem.
Imagens que o mirante descortina.
As plantas se alegram, respiram na plenitude.
No vôo das andorinhas, na dispersão das borboletas,
a terra entoa o canto universal:
cores derramadas em sonora transparência.
Serena evasão de luz.
Só os homens incrédulos não vêem
a glória de que se reveste o céu.
Estão preocupados, muito preocupados.
Só os homens incrédulos desperdiçam esta alegria,
a beleza desta calma revigorante.
A tarde derrama cantigas no queixume dos beirais,
acende o mirante do sonho;
tarde de folhas amarelas e banhos de luz pelas esquinas.
Os anjos choram no frêmito das águas,
A voz do vento tremula
e nos campos ermos a trama das coisas eternas
tece o gesto das horas.
Tarde de realejos suspirando, entardecer de devaneio.
Os sobrados acendem luzes.

No alto da colina as nuvens da noite se toldam de tintas opacas.
A beleza angustiante do amarelo das flores
e o roxo do sorriso enfermo.
Enquanto as carroças do desespero atritam com as horas
e os cemitérios recitam réquiens,
ó vida que se evade! Ó perecibilidade!
No odor dos mangues, nas pontes, nas embarcações do cais,
nas largas avenidas de viadutos e túneis,
deixai passar os cordeiros de Deus tangidos pelos demônios
pois a erosão do mal corrompe a vida
e a angústia está no ser como a tragédia na vida.
Entre o lixo das ruas e a dor do mundo
a noite cai sobre nossas cabeças como um sudário.
O vento é um murmúrio de prece.
Ainda não é noite e já se vê a lua.
As plantas adormecem, sonhadoras.
A tarde veste andrajos soturnos, vai anoitecer.
O luar se apresenta sobrevoando,
ardendo no espanto nostálgico.
Hora mágica de treva e claridade, vento da noite.
Céu de vapores lívidos,
substância anoitecente germina este globo de luz,
dilui a paisagem no enigma.

EXORCISMOS

I

Sol posto. Há tanto ódio nas hostilidades
que não sei se não morri dominado por minhas imprudências.

Fugi pelas estradas da sorte, minha alma sofre convulsões.
Chove no deserto e choro minha desventura.
O rei do céu não me desperta a serenidade,
mas eu emergirei da penúria da ruína,
cingido pela certeza inquebrantável.
Este paraíso não me contenta,
amanhece o alarme do transe, a morte fareja o destino
comoção lançada contra o muro das lamentações.
Meu pensamento é um navio arrebatado à tormenta:
o exílio confrange e tenho pressa de aprender a liberdade.
Que será de mim se persistir no meu cérebro
esse carrossel, girando à revelia do meu controle?
Este horror constitui meu último alento
e não admitirei que o astro da noite submerja no inferno.
Encantamento, sonho, plenitude, dobrai ó sinos de minhas exéquias!
Anseio desvairadamente pela eternidade.
Virá tempo de molhar os pés nos campos orvalhados?
Abro a porta das dimensões.
Gemei, ó deuses carpidores do meu réquiem!
A vida gera evasões de pânico no meu ser cravejado de rancores.
Prometeu agrilhado pela própria insensatez,
Icaro sem perspectiva de voo,
Narciso com inveja de si mesmo,
esmago minha esperança,
porque em claridade contemplarei as falésias do paraíso.
Olho o lago - superfície clara e turva - pavoroso mistério!
Não chorai por mim, humanidade!
Eu fui um equívoco sem precedente!

Verdugos mansos - não hesiteis em cravar o punhal no meu peito.
Não matareis senão o cadáver ambulante do que fui até ontem
porque agora eu anuncio o reino dos independentes guiados pela verdade.
Visões urdidas pelo tempo.
enquanto o abismo se materializa,
a sepultura não retém a chama da fúria.
Que eu me estraçalhe covardemente sobre as torres da cidade!
Que eu ressuscite no arco-íris e nas harmonias do vento!
Já não temo a iniquidade.
Miragem, revelação, fantasia, perdição torrencial!

II

Não tens ideia do meu desespero,
da rebelião que gera em mim este conflito que grita - AMOR!
Por entre mísseis e armas termonucleares,
cantam os pássaros e meu coração freme de ânsia.
Nesta hora em que são trucidados os profetas,
os que trabalham pela igualdade entre os homens,
não sei resistir a esta urgência.
A escravidão, a tortura, o extermínio nos calabouços,
enquanto o mundo dorme e esta avalanche se abala sobre mim.
Estão derramando a morte sobre a terra,
usurpando nossa liberdade com torpedos.
Estão violando nosso sonho, esmagando cidades e campos.
Bases militares ameaçam nossas tardes
e não sei o que fazer diante da tua indiferença.
Há soldados armados para calar minha voz e só resta um caminho.
Será que não percebes que a geração futura dependem do nosso gesto?
Será que não entendes que me derreto na fomalha dessa certeza?

Vem agora, vamos iniciar a revolução!

III

Nasci para sentir a ausência dos mortos.

Neste século a vida é uma doença degenerando o espírito,
um mar de lama inunda as ruas.

Enquanto galáxias de espuma fagulham, abstrata comoção,
o fim do mundo viaja em seu ergástulo,
consagrado pelo pégaso de impossível transe.

Na frieza dos dias, a rebelião é inútil,
os nevoeiros provam minha resistência.

Os canteiros estão crestados
e a formosura há de definhar também.

Os malditos legaram à província
uma herança de fezes e moscas,
esgotos vazando, imundície por todos os recantos,
uma cloaca onde baratas e ratos proliferam.

Os coléricos escrevem o catequismo da traição.

Há homens vendendo o próprio sangue.

Não me suicidarei, enquanto puder arrastar essa pedra:

Sísifo resistindo ao peso de sua condenação.

Enquanto o dragão de espuma derramar seu cântico inefável,
a fruição da verve, a dança fremente,
essência de substância dissoluta,
ó indomável soberano da solidão!

Pairas sobre a ilusão e materializas a beleza.

Venho ouvir as antífonas de tua alma ancestral,
venho respirar contigo a ressonância dos abismos.

Espanto, íntimo infinito que murmura,

só tu possuis o domínio das sensações!
Mas o refúgio, o luar profetizando nostalgia,
esse jeito de alhear-me dos outros,
Sorvo em haustos a disciplina,
meu êxtase, ensimesmamento.
Estou redimido pela irremediável ousadia!
Nesta calma irreduzível, idiossincraticamente lúcido,
lúcido em meu delírio, conjuro,
vocífero, introspectivamente intransigente.
Acreditem nesta isolação que me conduz.
Escrevo com minha vida, imprecador contra mim mesmo.
Tenho abusado das faculdades da vida:
o modelo que projetei de mim!
Estou redimido, regenerado,
no entanto, quanta solidão povoa a multidão
que habita as mil faces que tenho!
Já não me importa o teu sentimento:
a vida é sórdida e tu não enxergaste a fonte da limpeza.
Já não te quero.
Que fazias, quando eu me arrastava na rua como um cão vadio?
Teu escárnio partiu o arco do meu sonho,
mas não despedaçou as flores do meu templo.
Fui lançado no tormento, amarguei a voragem dos infelizes,
o sofrimento me esmagou nos labirintos da angústia,
mas resisti aos turbilhões do teu ódio.
Meu canto é antídoto para o teu veneno.
Por que massacrar meu coração ferido e indefeso?
Já não te quero: prescindindo do teu abrigo.

Agora estou seguro e salvo,
já não me importa o teu perdão - cortesã insensata,
estou incólume ante o abismo de tuas encantações.
Com Isaías, bebo nas fontes da salvação.
Com Jó, atravesso as trincheiras do sacrifício.
Com Anaxágoras, passeio pelos ermos da tranquilidade.
Paracelso me revela fórmulas alquímicas,
Haendel volita melodias plenas de atributos astrais.
Os Mestres tutelares espreitam o luar nas noites das ilhas, além do abismo.
Virgílio me conduz através de campos dourados,
entre salgueiros dóceis e regatos murmurantes.
No tabernáculo do âmago inscrevo as mensagens dos sábios.
Repouso no altar das chamas, onde Osíris é glorificado.
Estou tranquilo porque sirvo às sete ingrejas
e me inspiro dos eflúvios que o tempo extravasa.

TARDE DE VERÃO EM UM MOSTEIRO

A Marco César Daniel

Neste mosteiro arejado pela tarde mansa,
sob um céu que estonteia de tanto azul,
restauramos a vida conspurcada nos compartimentos,
respiramos a doce harmonia. .
Irmãos, cúmplices do deleite que a tranquilidade oferece,
repousamos o olhar pelo verde cerrado,
deixamos que o vento derrame seus bálsamos
e sorrimos de contentamento.

Retirados da confusão aviltante,
serenos em nossos gestos, lavamos as pálpebras,
extasiados pela beatitude dos jardins.
Alívio o peso dos grilhões dos sapatos
e passeio de pés descalços com os amigos,
os amigos - ilhas espirituais no oceano das tormentas,
os amigos - litorais inebriantes do licor dos paraísos.
A paisagem, a fraternidade, a harmonia são minhas fortunas.

EXORTAÇÃO HERÓICA

Sinto a carência e recolho a fortuna.
A multidão que sou eu é a coragem do meu talismã.
Nada é fatal ou inatingível.
A pureza é meu objetivo
e a beleza está no meu caminho.
Sem ânsia do porvir,
meu estigma vem do domínio da solidão.
Dezembro, como te espero, embora eu já seja o próprio século!
Só me apego ao que não se dissipa no pensamento.

Regozijo-me, revigoro-me, rejubilo-me,
acendo o facho dos novos sonhos
e cresce em mim a mesma crença,
a mesma capacidade de arrancar a vitória das mãos do destino.
Liberto-me da ansiedade, harmonizo-me,
vejo a natureza, oriento-me na religião da virtude.
Fortifico-me no Onipotente, caminho certo.
Transformo em vigor o gênio intrépido, a índole íntegra,
a têmpera de minha estirpe.
O segredo implode energia - coragem no meu dinamismo íntimo.
Vejo-me sóbrio na grandeza profícua.
Contemplo as ilações dos signos aéreos,
No meu transporte sentimental,
sobrevoo as cordilheiras onde habitas.
Nas filigranas do vento, chamo teu nome e te vislumbro.
Passeio nas correntes do ar,
viajo nos altos domínios da natureza,
devotado à potência universal, projetado nas câmaras do éter,
flutuando nos páramos.
Vem levitar nas vastidões de fluido,
vem voar na nave do meu pensamento!
Eu te mostrarei o remanso de minha estância celestial.
Sinto uma ânsia incontrolável de luz.
Que venha o estigma da consagração.
Quando caminharei inatacável pelos jardins magnânimos?
Quando respirarei a fragrância milagrosa?
Que a glória perene sacramento o meu triunfo
e a pureza soberana celebre o seu poder nos meus gestos.

Minha palavra há de libertar a humanidade!
Estou comigo, perto da origem.
Tenho o fardo do fado, a fúria do fôlego, meu refúgio.
Enclausuro-me. Volatizo-me na estratosfera,
gota d'água no oceano, grão de poeira no universo, arco-íris.
Com meu campo magnético, espalho lampejos,
acendo o clarão da aura - atrativo fulgor.
O ambiente é brutal,
mas a tirania soberba foge ao meu clamor silencioso.
Afugento os desalmados. Sou implacável.
Não obedeco senão ao rastro do meu destino.
Invento caminhos livres, recebo a promessa itinerante.
Com a força do afã, estabeleço-me na prática veloz.
Nenhum apego me furtará a ternura que transborda.
Meu devaneio macerado pelo descompasso.
Impelido a saber o distante que me falta.
Venho de longe. Ondas etéreas,
ninguém tripudiará sobre mim.
Absorvo o infinito,
indomavelmente derramo flores nas doloridas estradas.
Levo comigo névoas de horizontes inescrutáveis.
Voltarei revigorado pela fluidificação dos dias.
Atravessarei as eras na jornada que aponta o futuro.
Sou eterno! Despojo-me de mim,
imperioso impulso me impele à descoberta.
Na confiança do mundo essencial,
instalo em mim o segredo inviolável.
Abro os portais da câmara do que serei.

O corpo astral projetado em camadas eletromagnéticas,
sou eterno como a surpresa do inevitável.
(Brasília, 20 de abril de 1985).

EPIGRAMAS CÁUSTICOS

Quando dizer-me escuto a razão – Márcio,
tem complacência e cessa a lavra espúria –
cogito e falo: julgais vós ser fácil
tolerar perversões de vã luxúria?
Fenece a derradeira flor do Lácio,
contra os devassos não conclamo a cúria.
Flagrar valete e dama “em afelácio”
será desfeita grande ou vil injúria?

Tal é a força da paixão humana
que não censuro o instinto depravado
do bardo crasso e da musa cigana.
No entanto, o verbo manifesto irado
quando um sujeito metido a bacana
assume a condição de um transviado.

Sarcasmo do destino impenitente,
eu vi a bela ninfa na piscina,
beijando um chimpanzé (ou será gente
ou cangurú ou ave de rapina?).
Ver esta moça e seu novo nubente
- como é safada essa burlesca sina!
Grotesca cena, estranha e deprimente:
mulher e bicho às vezes não combina.
Já vi na vida muita assombração:
já vi vampiro, caipora e dragão,
marmota assim, contudo, jamais vi.
A coisa amorfa, a tal aberração,
lobisomem, curupira ou saci,
osculava a menina em frenesi.

O burocrata, esse vilão nefando,
com trejeito de singular coveiro,
a medieva túnica trajando,
é um lobo disfarçado de cordeiro.
Lembra um plebeu mendigo miserando,
tem qualquer coisa de um asno matreiro,

de um corvo cego pela treva errando
- galináceo pousando no poleiro.
Esquálido vampiro apavorante,
com ar de circuspecto santarrão,
esse urubú faminto e rastejante
na forma de um caveira ambulante,
parece um ponto de interrogação
curvado entre os arquivos sobre a estante.

PERORAÇÕES DISCIPLINARES

Como demora o tempo nessa "suga"!
Não tem mais fim essa solene asneira?
O espantalhão ouvidos nos aluga
em horas vagarosas de cadeira.
O paspalhão que inveja a tartaruga
preenche o saco com tal baboseira.
O percevejo é promovido a pulga
depois de séculos de pasmaceira.
E os doadores de seiva vital,
afeitos a tal prática maligna,
sentem na entrega o êxtase sensual:
se o torpe sugador universal
sorver-lhes linfa logo não se digna
dão o pescoço aos dentes do animal.

Nesta sala escaldante e vaporosa

onde o vento em janela entrar" não ousa,
a fumaça asfixiante e venenosa
envolve todo ser e toda cousa.
Embalsamado em farda calorosa,
qual faquir que na brasa os pés repousa,
qual beduíno em plaga fervorosa,
miro espectros de múmia. campa e lousa.
Minha figura de fantasma roto
assume proporções assaz grotescas:
'Stou mais sugado do que um gafanhoto!
E em circunstância por demais dantesca
na gleba ardente a resistência esgoto
e tombo a suplicar por água fresca.

Pobre macaca abraça o magistério,
O orangotango ensina geometria,
dois símios, sem juízo e sem critério,
ministram aulas de demagogia.
Como conseguem fazê-lo? É mistério...
Quanta surpresa atroz, quanta ironia!
Esta piada virou caso sério:
tudo transmuda, eu sei, mas quem diria!
Tende piedade da nossa inocência,
entregue à ratazana e à barata,
exposta à grosseira. Quanta indecência!
De ver gente nefasta e insensata,
de ver tanta pobreza e decadência,
murmuro aflito - ó dor! ó sorte ingrata!

Soporífero atroz para o docente,
esta verbosidade extenuante
adormece o burocrata indolente,
faz o torpor da hora insuportante.
A modorra se ostenta latejante
e o doutrinado ronca intensamente.
Exangue da jornada fatigante
suspira e bufa o moribundo lente.
Depois de deglutir o "bandejão",
tamanho ladainha ouvir quem há- de ?
Como vencer a abúlica exaustão?
Se a mosca de Morfeu mete o ferrão,
ouvir seis horas de banalidade
nem mesmo o pobre do Marquês de Sade!

OS COPRÓFAGOS

Da pocilga o mais douto rebento,
glutão voraz, engolidor do mundo,
elefante-bufão, inflado ao vento,
rompe os botões ao respirar profundo.
Soberbo néscio, ignaro furibundo,
da pérfida galhofa nunca isento,
com seu receptáculo rotundo
que há de arrasar o precário convento.
Vendo a irrisão de sua obesa pança,

repositório amplo de lombriga
que em pantomina audaz no espaço avança,
com ironia mórbida há quem diga,
que no rito animal da comilança,
transferiu-se-lhe a bunda pra barriga.

A gororoba crassa e deletéria
que até o ratão repele com desprezo
- cloaca fervilhante de bactéria,
é mastigada em asqueroso vezo,
Valerá esta gosma alguma féria?
Quem a devora incha, aumenta o peso
e ao dilatar no bucho essa matéria;
polui o vento o intestino peso.
Esta carniça que o abutre injeita.
como se fora num festim real,
deglute-a, sem saber, o comensal,
que ao ingeri-la o cara se sujeita
a ir fazer a cesta no hospital,
enfermo de desarranjo ou maleita.

Discípulo de Momo na bagunça,
fauno devasso, apreciador do belo,
gesticula proeza, escaramuça
e ao dedilhar as grutas com tal zelo,
degusta, sente, aspira, o faro aguça
e dá risada quando inflado, ao vê-lo,
o caramujo afiara à carapuça:

sentir-lhe cheiro e gosto é seu desvelo.
Das donzelas herói fero e triunfante,
devastador de entranhas impiedoso
qual robusto e viril rinoceronte,
quando ele avança em riste, rude, arfante,
quando atravessa o bosque pantanoso,
para os montes de Vênus é danoso.

Este fragor selvagem que pulula
alarido infernal que o ar espalha,
tal profusão de rumor e de gula
perfaz o estardalhaço da gentilha.
Em face desta pândega canalha
que a palavra sensanta não anula,
a paciência humana se estraçalha
e um bando de primatas grita e pula.
Tumulto vil que o pandemônio amplia
é a diversão desta reles poluta,
turba feroz em rude algaravia.
Destabihre corja que a ganir se insulta,
a rosnar tais impropérios, dir-se-ía.
ser mesmo a pulha infame e dissoluta.

Ceifados pelos rompantes da sorte,
os patifes são uns predestinados.
Suas asneiras ancestrais são de morte
e a banalidade é fatal - coitados!
Sede piedosos com estes imbecis,

pois tais medíocres, de tanta ignorância,
no inferno hão de carpir, perto dos vis,
recolhidos à insignificância.

Árvore genealógica raquítica,
rebentos da beócia e da demência,
em suas mentes pétreas e granílicas
destilam, na morbidez da excrescência,
o veneno das aviltantes críticas,
abusando da divina paciência!

O EVANGELHO DA ILUMINAÇÃO

OS MILAGRES DO DIVINO MESTRE

|

Jesus, ao caminhar por Samaria,
clamores escutou de dez leprosos
que acreditavam que Ele os livraria
de seus duros estigmas tenebrosos.
Com pena, então, o Filho de Maria
mandou-lhes procurar os virtuosos
sacerdotes da lei, e nesse dia,

ficaram todos limpos, venturosos.
Mas regressou apenas um dos dez,
a dar-lhe graças e beijar-lhe os pés.
O Mestre viu que era um samaritano,
estrangeiro nas glebas de Moisés.
E ao constatar a fé do ser humano,
mostrou como são poucos os fiéis.

II

Quando Jesus chegava a Jericó,
a multidão parou para saudá-lo.
Um cego meditava triste e só,
mas ao ouvir do povo aquele abalo,
marchou, convicto e firme, como Jó
para louvar Jesus e abraçá-lo
e suplicar misericórdia e dó.
Diante das súplicas do seu vassalo,
humilde e tão sincero entre os judeus,
que ansiava por mirar-lhe o rosto santo,
o Mestre desvendou-lhe os olhos seus,
abrindo-lhe a visão como se um manto
saísse-lhe da frente, e ele, com espanto,
dava louvores ao bondoso Deus!

III

Jairo chamou Jesus a toda pressa
para que lhe salvasse a filha única,
que à mingua perecia, e sem conversa,
partiu a Onipotência mediúnica.
Aflita, uma mulher toca-lhe a túnica

na multidão carente que o procura.
Quem pede ajuda? Indaga a seus discípulos.
Cai-lhe a devota aos pés, e tem a cura.
Já na casa de Jairo viu fazer
uma jovem exangue sobre o leito
e o seu desígnio decretou, perfeito.
Legando ao mundo o místico preceito,
mostrou Jesus amor, glória e poder
fazendo a moça morta renascer.

IV

A multidão com pedras ameaçava
a contrita mulher, que em seu quebranto,
as fraquezas humanas lamentava,
chorando cabisbaixa num recanto.
A cólera do povo era qual lava
que a ela provocava medo e espanto.
Assim, de atroz justiça, feita escrava,
Jesus a viu em convulsivo pranto.
“Na vida, quem jamais tenha pecado,
jogue a primeira pedra” – o Mestre ordena
à turba que partia em debandada.
Jesus falou então a Madalena:
“segue o teu rumo e leva vida honrada,
o meu juízo a ti não te condena”.

V

Navegava Jesus com os pescadores
de uma margem à outra no alto mar,
os turbilhões do vento, com furores,

o barco sacudiam sem parar.
Em noite de tormentas e temores,
repousa o Mestre, quase a cochilar.
Transidos e assaltados de pavores
suplicam-lhe os discípulos pra os salvar.
Jesus ordena o vento serenar
e às águas determina mansuetude.
Grande calma reinou, grande quietude.
Perplexos Pedro e João como a chorar,
louvavam-lhe os poderes e a virtude
de dominar os temporais do mar.

VI

Meditava Jesus, junto a um recanto,
com alguns dos seus discípulos fiéis,
quando num súbito rumor de canto,
sentaram-se as crianças a seus pés.
E ao abraçá-las, com formoso encanto,
perguntou-lhes os nomes – eram dez
ou mais e elas sorriam tanto e tanto!
“Estes infantes são puros vergéis”.
o Mestre afirma — “são vergéis do céu!
da perfeita seara da Beleza.
Deixai que me procurem estas crianças.
De salvar-vos mantei as esperanças,
pois se tiverdes delas a pureza,
desvendareis do paraíso o véu!”

VII

Na aldeia dos gadarenos havia

um homem possuído por demônios,
pelos ermos a errar, sem companhia,
com os olhos desvairados e tristonhos.
Por que no seu delírio proferia
clamores tais, estranhos e medonhos?
Era um mistério, ninguém o sabia...
Ao ver o Mestre, despertou dos sonhos
da horrenda possessão que o estrangulava
e dos mil diabos com que se envolvia.
A legião imunda se rendia,
precipitada, qual ardente lava,
nos porcos atirados pelo abismo,
naquele formidável exorcismo.

VIII

Já Lázaro era morto no seu leito
e todos viam que morto jazia.
Jesus foi despertá-lo, e de tal jeito,
que o certo é que ninguém duvidaria
que embora morto já, no quarto dia,
seria erguido do sepulcro estreito.
Era Marta fiel ao Mestre, e o via
de Deus filho, imortal e sem defeito.
E ao vê-lo, a moça logo se apressura,
o rosto em pranto e a voz toda amargura,
e o seu poder, convicta, então proclama:
“Ó meu divino amigo!” – ao Mestre exclama.

Jesus, que amava Lázaro, então o chama,
e ele obedece, e sai da sepultura!

IX

Junto ao sepulcro inda Maria chorava,
sem encontrar o corpo de Jesus.

Dois anjos avistou, de branca luz
e apenas um lençol que alí restava.

E ouviu alguém que súbito falava:

Era o Senhor, de pé, vivo e sem cruz.

Ó maravilha que se apresentava
na figura do Mestre em Verbo e Luz!

Apareceu depois, no seu encanto,
aos discípulos, onde se escondiam

da vil perseguição dos fariseus.

De paz abençoou os filhos seus,
que arrebatados de grandioso espanto,

receberam do Mestre o Espírito Santo.

ORAÇÕES

I

Eu sei, Senhor, que grande é o meu delito.

No entanto é bem maior vossa bondade.

Assim, se louvo o vosso amor bendito,
salvo estou, na periculosidade

dos breus da noite desse mundo aflito.

Depositando em vossa santidade

toda confiança, lúcido e contrito,

faço de vossa luz minha verdade.

E segurança, e no jugo sereno
de vossa paz repleta de leveza,
que me acalma, no desvão da incerteza,
ando encantado e de esperança pleno.
Com o pão do vosso augúrio sobre a mesa,
o efeito dos meus erros torno ameno.

II

Ó Deus que personificais bondade,
sois a grandeza que sustenta o mundo,
espírito de amor, minha verdade,
confiança minha, mistério profundo.
Para louvar-vos, com que claridade
o farei, se careço do fecundo
talento e da firmeza da humildade?
Se não sou mais que um tonto, um vagabundo
que nada sabe dos vossos enigmas?
Se recebi algum entendimento
para expressar-vos o meu sentimento,
devo ao sagrado e generoso alento
com que me destes da palavra o estigma
e a graça de um milagroso alimento.

III

Divino Mestre Jesus Salvador,
dai-nos saúde, paz, serenidade,
acolhei-nos nas mãos do vosso amor,
sob o manto da vossa potestade.
Guardai-nos, dadivoso e bom pastor!
Que prevaleça o bem na humanidade!

Do mal livrai-nos por graça e favor,
o pão da vida e da perenidade
concedei-nos da fonte do infinito.
Com a força do perdão e da certeza,
guiai-nos pela senda da pureza.
Só pelo vosso desígnio bendito
nos livraremos do momento aflito,
nos braços da divina natureza.

IV

Mestre Jesus, que tens deste universo
o poder e o domínio em toda parte,
por teu amor, o coração converso,
só me resta inteiramente entregar-te.
Na fé uniste quem andou disperso,
guardando-o dos perigos del tal arte,
que pra dizê-lo não encontro um verso
e tartamudo estou todo, destarte.
A quem tem fé dedicas um prodígio.
Pois esperamos merecer prestígio
pra desfrutar de repouso e quietude.
Num tempo calmo, sem ânsia ou litígio,
com a divina presença da virtude,
dá-nos, Senhor, a paz e a plenitude.

V

Pastor que este rebanho apascentais
com equilíbrio e reta direção,
vos suplicamos segurança e paz,
em prece ao vosso manso coração.

Sob a luz do divino olhar que traz
exemplo de harmonia e perfeição,
de um homem-Deus, em si puro e veraz,
ao porto conduzi-me, salvo e são.
O afeto e a ternura como lemas
e a estima de vossas bênçãos supremas,
lições do vosso bem que nos redime,
que vossa estrela sempre nos anime,
vossa humildade e amor, nossos emblemas,
sejam a luz que nos guarneça e arrime.

ESCRITO COM TEMOR E TREMOR

Contrito com Deus, busco meu ponto de equilíbrio.
Lanço-me sobre as névoas, com o norte da sua palavra.
Submisso a seus juízos,
sem outra ambição que ver os dias se sucederem.
Contrito com Deus, na expectativa de sua bênção,
inclino a testa para receber a benevolência do seu perdão.
Ciente das culpas que me pesam,
atravesso os páramos de seus sacramentos.
Não por mim, que peço ao respirar,
mas pelo sustentáculo da verdade,

enfrentei os perigos da noite.
Tenho um guia que me conduz aos vales da confiança.

CANÇÃO DE NATAL

Clareou-se o firmamento.
Nasceu o menino Salvador,
venerado por três reis benditos.
Sua luz, que existia antes do princípio,
brilha por todos os lugares,
consolando quem sofre, amenizando as dores,
ensinando a vida de fraternidade.
Da janela vejo a noite clara,
a alvorada com seu manto azul
nos envolve num suave enlevo,
a pureza acende os esplendores.
Os jardins estão plenos de neve,
mas o coração exala amor.
Do tempo sem espaço,
já se anuncia um novo dia:
vejam quanta luz no altar de Deus!

O MAR

A Artur Eduardo Benevides

O mar borbulha, brilha na enseada de topázios diluídos.
Cachoeira de eclosões procelosas,

retroa, verte os cântaros,
ruge represado e estronda sobre os rochedos.

Escuto a efusão que estruge,
as ondas derramam euforias,
lavando as almas,
espantando a tristeza.

Ruidosa chuva, chove sobre as ravinas,
singra torrencial essência dissolvendo os minutos,
fascina a imensidão, azula os recantos,
energiza as pedras em transe de volição e verve.
Na planície turbilhando colorações,
bramindo em caldeiras sucessivas,
estuando música, o mar se arreбата,
alastrando as espumas na praia.

PASSEIO BUCÓLICO

A Mário F. Gomes

Caminho tranqüilo na manhã de paz.

À sombra dos cajueiros, escuto as aves
e o latido de um cachorro.

Os canários, pousados no quintal da minha vida,
enchendo de pureza a manhã ensolarada.

Caminho, pisando os gravetos ressequidos.

As borboletas brincam,
correm pequenos répteis,

formigas devoram galhos.
A brisa suave refresca meu rosto.
Minha riqueza é esse passeio,
conversando com as árvores, os passarinhos,
respirando a felicidade.

A LUZ DO VENTO

Vem de Deus a luz do vento:
seiva e sopro do repouso,
harmoniza o pensamento.
As ondas arrastam folhas,
livre, leve sentimento,
acariciando essas flores,
vêm trazendo alumbramento.
Da infinita natureza
recebemos alimento.
Respiração de Deus, o vento.
Vibração universal,
a vida pertence ao vento: fonte eterna,
paraíso, perplexidade, momento,
maravilha sideral.
Pelo compadecimento,
prazer, suave alento,
espargindo um festival,
vem circulando no vento.
Vento, purifica meu espírito,
expulsa o mal pelo poder do bem.

Lava de vida o meu ser,
varre o que estiver errado
e escreve o certo: a verdade.

O SOL PLENO DE VIDA

O viajante contempla a vastidão da natureza.
Cantam os pássaros e murmuram os deuses vegetais.
E, na manhã, a serra resplandece
em vibrações, harmonias.
Desenham-se castelos de nuvens no céu translúcido.
O peregrino estende o olhar
ao longo das imensidades verdes.
Pervaga pelo horizonte a visão da distância.
Nos quintais, os coqueiros acenam adeuses ao vento.
A claridade do dia é um apelo à meditação,
os telhados, matizados do tempo, são melancólicos.
Também a vida se transforma
pela persistência dos anos.
O viajante da solidão
deixa-se consolar à sombra dos pensamentos.
Viçosa do Ceará, 11 de outubro de 1980.

O SOL

O sol clareia a consciência,
brilha no espelho das águas,

é a memória da perenidade.
Tudo se nutre do hábito radiante do seu fulgor,
irradiação transparente de alegria.
Ilumina as dunas,
desenha sobre a relva rastros de beleza.
O dia é calmo pela estrada florida.
Quando se expande o domínio da natureza,
o sol destila no ar a bênção dos eflúvios,
derrama a força dinâmica das oferendas,
revigora-nos com seu sorriso de harmonia,
gerando a realidade, a bem-aventurança,
o poder ressuscitador.
Astro soberano,
Eterno Pai,
supremo em seus desígnios,
vem trazendo à terra, o benefício da vida,
o milagre da Luz.

ASSIM SEJA

No cristal o desenho da cruz.
O Eu se ilumina,
o som das harpas penetra os umbrais do átrium.
Cultivo a aura das coisas,
a energia cósmica,
a intuição das mentes.
Reverencio o sanctum dos espíritos ancestrais.
Penso nas hostes do cósmico,

no controle sísmico da paz.
O fogo das velas é luz que lava o lustre da alma.
O Leste revela o espaço translúcido.
Preencho a alma de riquezas
e digo: Luz, Vida, Amor.

O ANJO LUNAR
A Homero Homem.

A lua acende o semblante azul do litoral.
Seu lume é o clarão da alma.
É a lâmpada que enleva a sina dos andarilhos
e magnetiza-me dos compassivos raios da alvorada.
Desperta o divino afã,
levando aos escombros o voo dos medos.
Reina sobre os entes vivos,
envolve-me nos mantos da suavidade,
acolhe os itinerantes.
A lua instila ternuras evanescentes
e permanece transluzindo júbilos,
desenhando o rastro de emanações.
Vigilante clareza,
consagra-me à esfinge dos signos marítimos,
aura despontada no nascente,
cingindo o arco-íris,
brotando a fragrância do êxtase.
Flameja o lampadário sobre a neblina
e veleja como um cisne de seda.

Hóstia de jasmim, lírio compacto germinando,
a lua é quem me anima a enfrentar os vendavais.

APRENDENDO A VIVER

Alegram-me os pomos da aurora.
Conheço a magnitude das profusões,
a austeridade que anuncia a satisfação do mundo.
A vida projeta silêncios que suporte.
Quero repousar depois das emoções,
a alma lânguida em liberdade.
Viajo no país do conhecimento,
acordo no sítio da beleza:
tudo é lindo na estância do sol.
Tudo é tranqüilo na seara da distância.
Sei andar pelos jardins em peregrinação.
Caminho na convicção da liberdade.
É madrugada.
Minhas narinas aspiram o perfume bom da brisa.

MEDITAÇÃO

Na alvorada de sua devoção,
Jesus Cristo peregrina, fitando a messe,
as veredas, os vales, os campos de mirra,
os lírios na vertente, os horizontes.

Vindimando as uvas, colhendo os figos,
passeia entre os canteiros, no pomar.
Sua imagem enche a terra de alegria
e a manhã se faz tranquila.

A planície vai além dos confins da Palestina.
Marulha o Mediterrâneo nas praias.
Um bálsamo de amor suaviza as fontes,
um óvalo de luz clareia as águas
e orvalha de perfume a natureza.

O JARDIM DOS ENCANTOS

Olhar a luz por entre as sombras
na quietude do momento.
Voar além, por sobre o abismo,
fluir na paz e no silêncio,
bebendo o bálsamo do vento.
Olhar a placidez das brumas,
o vapor livre das espumas,
na aragem fresca dos açudes,

Ser como as pedras,
no remanso do rio calmo e sonolento.
Contornar os precipícios, ouvindo os pássaros.
Sentir a luz plena do dia,
o sol lavando o rosto dos bosques.
Voar pelas torrentes de alegria,
como as flores brancas.
Viajar nos matizes das borboletas, flutuar, ser leve,
à serenidade das margens do córrego,
escutando as cantilenas da floresta,
contemplando a oscilação dos galhos,
o tumulto das folhas,
as águas fervilhantes,
os algodoeiros vaporosos,
os arbustos despertados,
e deslizar o olhar sobre a folhagem tremulante.

DETERMINAÇÃO

Hei de vencer pela pujança dos meus nervos,
direi as palavras verdadeiras, persistentes,
em busca da firmeza.
Cumprindo meu trabalho,
amando meu semelhante,
estou seguro no aconchego dos pensamentos.
Cuidadoso, atento, desperto, alerta,

caminho pela estrada da simplicidade,
cultivando minha esperança e minha vida.
Sei que vale o sacrifício da luta de ser forte
e enfrentar os perversos
e ensinar aos tristes a vida plena de amor.
Não estou só: a música me encanta e me acalma,
Integro-me na música - minha libertação.
Agora que renasço no sereno alvorecer,
estou triunfando e me liberto.
Ando guarnecido nas fontes da fraternidade.
Nada mudará a direção do meu voo
porque eu sigo para as alturas.

O IMPERECÍVEL

Quem age em santidade vê o mundo vivo.
Aprende os puros pensamentos.
O amor floresce na meditação.
Deixa fluir a ausência de desejos.
A hora extravassa em harmonia,
manifesta a paz do imperecível.

O INVERNO

A Nirton Venâncio

As árvores estão pensativas na tarde molhada,
O inverno gelou o coração dos viajantes
e vem a brisa trazendo uma frieza de nostalgia.
Que beleza ver as folhas orvalhadas!-
Como meus olhos se agradam
na alegria das palmeiras.
A paisagem verdejante se espraia no horizonte.
Mergulho os arredores no oceano da alma.
Crepúsculo do dia.
Hora meditativa.
Depois da chuva o chão adornado de acalantos,
areia molhada de brisa.
A terra ficou lavada pelo bálsamo da natureza.
Virá o tempo da colheita;
tempo de florescer.

BRASÍLIA

Simetria de prédios que desenham uma muralha,
barragem da plataforma transparente.
As árvores são de um verde vertiginoso:
bosques riscados de asfalto,
de quadriláteros entrecortados de viadutos.
Quadrângulos de concreto.

ENERGIA UNIVERSAL

A Energia volátil - fluido e plasma –
que purifica a substância mental,
é o fogo cristalino que espalha
pelo tempo a natureza imortal.
A Energia criadora universal,
origem do horizonte dos eventos,
instila o amor nas torrentes do astral,
soprando a vida no vapor dos ventos.
A alma, que é divindade em essência,
vitaliza as moléculas orgânicas,
força vital, vibrando alta frequência.
E as células, nutridas de plangência,
são borbulhantes, quais lavas vulcânicas,
manifestando a glória da existência.

A PÉRFIDA PERFEIÇÃO

1º Canto

Viajei no pégaso dos anjos planetários, nas asas do zéfiro, e minha carne astral regressou manchada de cores. As águas irradiavam seus liames nas ondas bordadas de um relampejar cristalino. Itinerante no deserto, penetrei os meridianos das transmutação, as retas entrelaçadas na curvatura dos arcos – o eixo da terra inclinado desordena a geometria estelar, desequilibra os mundos setentrionais, as sete setas dos setes setores (os horizontes demarcadores do diâmetro polar).

Conheço a vida pela correnteza dos rios – do movimento dos barcos à direção das águas – e ouço a emanção musical das esferas. Eis o enigma da primeira civilização nômade: pirâmides, obeliscos, mosteiros e a placidez do oásis nas serranias. Meu canto aflora a força motriz da natureza. A ribeira, os vales, os prados, molhados nos pântanos, nas vinhas do Crescente Fértil. Digo a vida conhecendo a correnteza do rio: vida que corre como rio, matéria de quietude que rebenta, leito de cachoeira, vazante, na vida vai calando a voz, na ida, na lida, desagua na foz. Meu canto é vôo de pássaro por essas planícies de templos rupestres, pela quimera dos campos, o verde da hera, a trilha dos povos: abrir os braços na vastidão de ser livre. Se eu acordasse feliz nas manhãs da vida, se trezentas solidões acompanhassem a minha partida... Noite em mim, quando o astro de prata resplandecia como um círculo de gelo – sidérea pedra que no pálio de fumaça descortina a espuma. Flameja um candelabro (a asa de um chacal) sob a neblina, onde o lume argênteo veleja como um cisne de seda. Ah, quem me dera mendigar-te, hóstia de jasmim, lírio compacto germinado em abrolhos ritulantes. Ah, se eu morresse feliz como quem sonha...

Gritos turbilhonam-me os ouvidos. Eu, o pérfido habitante das encruzilhadas, hierofante e anacoreta, conjuro a rebelião das esfinges neste planeta de quatrocentas luas. Que venham trasgos esgueirando-se pelas grutas de linhas vigorosas. Que a procela dos báratros altere os pólos do continente povoado de torpeza, flagelo, asco, infâmia e perjúrio. Sobrevivo numa atmosfera de espasmos doentios, véspera das ferrações, dos terremotos, dos temporais. O cataclismo ruge rasgando o ergástulo dos precipícios. Ó hedionda eclosão que drapejas flamíneos raios como punhais de pórfiro sobre os meus olhos! Arde um pesadelo de labirinto e alamedas nas galáxias estilhaçadas das minhas pupilas. Um veneno crava suas garras em meus brônquios, crestados como a estepe que a labareda sufocou. Pestilento floco de podridão veio alojar-se no núcelo citoplasmático da minha epiglote. Floração tecida de ramagens, o halo zodiacal não se apieda de ti, o firmamento converge para a distância do meu delírio. A minha vida provém de uma calma diamante, deixa-me pouco consistente. Do tormentoso covil do meu tédio vageio pelas eternidades. Conheço pólos misteriosos e este céu é entardação sobre as trevas. Os traços tortos – os tédios tardios – braços e mãos dormentes. O amor, múmia de luz, anula o tempo nos páramos contaminados de ácido incandescente, e aí eu fugi pra mim, porque, fio de vida, hoje que é profunda a noite, ocorre uma ilusão: o homem – flor dos cereais – o pulha, a pilha, uma foice, uma chaga onde os Alpes respiram. E há conceitos equivocados. A noite absorveu as caldeiras do sol.

Nasceu o devaneio no hemisfério. Quatro espíritos malignos a matéria conhece. Encarnamos no covil dos agulhões.

A obscuridade cresce o medo – faca afiada nos corpos, renúncia, de coragem busquei amor e sabedoria. Aldeia, eu falo pela voz dos mitos. Por que estarei sempre onde não fui? Quero ficar. Morrer, quando a vida se transforma? Quero viver, insônia, quantas vezes temi ser o nome do mal! Vem, dize-me que eras a morte. À noite, enfim, a visita inesperada. Hoje eu a conheci com suas pálpebras pesadas como rendeu-se o Fausto, pois quatro demônios a matéria conhece. Vi-os de perto e dominei-lhes a fúria.

O vinho referveu nos odres da volúpia. Tântalo, o ofídio, furtou o obnócio néctar e Plutão é frio e eu existo no periélio da superfície, projetado no espelho do Tempo. Não, eu não existo. A vida vive em mim. Vida que se nutre de aminoácidos voláteis – enzima do protoplasma que se evola na granulação genética. Vida que se gasta na ação abrasiva do vento, a obsoleta megera: Tempo recortado.

2º Canto

Por onde andarás a princesa pagã que me abraçou nas gândaras do Limbo entre nereidas e harpias? Ô semideusa da Mesopotâmia e do fosso dos lupanares, faço-te presente a trigésima mensagem através da carruagem de conchas da Via Láctea. Busquei todas as manhãs a íris da esperança nos breus. Te procurei na orla do Eufrates, entre álamos e avenas, prosternado, alquebrado nos mangues do Recife. O Capibaribe! Urze, perfídia, por que me exasperaste com tua maldição marítima? Acho-me enfermo, desde uns tempos em que o vidro tombou das minhas mãos. Meu vício dileto, minha mansão secreta, meu injusto delito, estou só, estou mais triste que os deserdados e a cidade é o cemitério das minhas fráguas. Só tu és a minha maldita salvação. Deitei à lama a quintessência das alegorias, dos tabernáculos, e no exílio sofri calúnias, disse impropérios e tartamudeei teu nome dos píncaros, de onde me atirei e brandi meu gládio sobre a redoma dos horizontes. A lança atingiu a carapuça dos asteróides que se desintegraram diante do meu desespero. Musa dos deuses e dos demônios, eu te espero ainda. Sereia e serpente, vida mil vezes vivida. Meus sonhos.

Estou apaixonado e vivo rebeldemente. Os hipócritas lançaram ao mar de fogo e vidro os dióscuros, as orquídeas, a ambrosia que a horda dos querubins desfrutava além dos infernos faulhantes. Menestrel, queimeei a alma na emoção que me levou à ilha do passado. Outra vez temo a megera - tempo esquecido. Teu coração

bramiu nas ondas, estuando música e peço à brisa que me roçe os ombros. Vejo-me no mar dos piratas, poesia, remédio dos meus males, sê piedosa, acolhe-me nos afagos teus, sou pleno em ti, tenho todas as loucuras em mim, todos os encantos da tua dança misteriosa. Ardo em febre nas praças de perfumes, as mãos úmidas da tarde espalmam dedos gelados de neve, névoa, nuvem, neblina, meu nenúfar, por que não vives nua nesta rua?

Percorro o infinito numa arca de marfim. Sou teu jardineiro, colho a flor da tua magia. Minha vocação, meu sonho mil vezes perdido. Cansei de ensinar a mim mesmo a alvorada das vertentes. Agora vou dançar para o silêncio. Ô filha de Saturno, cigana das nascentes dos sorvedouros, a essência se desfaz em aparência, onde devo permanecer, se o albatroz levou minha canção e espalhou pelas estradas, pelas estrelas, pelos lótus, pelos portos, no interlúdio do desencanto alheio?

Se a vida é a mais suplicante das poesias, tomo doses de absinto, em vertiginosos haustos. Abaixo todas as químicas! Minha genialidade ultrapassa os limites, quando adentro o teu reino. Os outros gritam para que eu busque a perfeição. Reconheço a luz, os vórtices do corpo e choro a chuva das areias que o vento esqueceu. Quando penetro o teu domínio, és o signo, o símbolo do meu conhecimento. Sinto deuses em mim, pânico, código, alfabeto do meu discernimento. Seiva e sopro do meu recolhimento.

Dia e noite adoro o Sol. Idólatra. Amo a lua. Nada posso negar além de mim. Ternura inquieta obscurece teu vulto de andaluza, Quem és, Hetaíra, Circe, Messalina? Por que não andas louca sobre as vagas? Chove... Chove tanto! As pontes, as vilas, os porões do cais enternecidos molham de vinho os arrebois. Canta, cigarra, és o último habitante destes ermos. Rainha das medusas, senhora das grutas, irmã dos navegantes, verbena, liz, benjoin, só me resta a melancólica miragem do Mar Lônio (era de cedro a essência do perfume). Ah, a eclipse da esperança nas águas. Eu, o pajem provençal do Mar Ligúrico, o corsário das ilhas das estâncias, a procurar uma esquadra que não existe. O reflexo das luzes sobre o espelho das pedras... E a poeira que se escoia lenta em muralhas de sombras.

Recife, junho de 1981.

3º Canto

Eu canto o verão, o destino e os perigos. Quando a suavidade acaricia o veneno dos devaneios, eu fico exilado na praia dos meus ideais. O abismo é o caminho dos caminhos, Lúcifer, desvairado amigo, a orgia é finda. Entre

a turba, sou o apóstata: atravesso idades e continentes, pervagando, solitário, na desesperança e no sacrifício. Minha calma é minha ciência. A tarde envolve os seres e o silêncio penetra nos galhos. Diante de mim, um vagalume prateado irradia sua cintilação. Adeus, Lúcifer, recebo a iniciação da harmoniosa fornalha, falo a linguagem dos gigantes. Os feiticeiros abominam meu olhar de incenso a prescrutar as nuvens: vejo a corrente de gaza dos véus e tenho os olhos refletidos na selva de escarpas de ásperos ruídos. Ah, toda hora é tardia. A cidade é pungente, fachos riscam teu nome sobre as areias - Osiris justiceiro, traze-me o Sol da vontade. Guardião da Balança, Marte, protetor dos poetas, preservai-me a força da sabedoria, serei o servo, abandonarei o desespero contemplativo. Indica o rumo do céu meridional. Minerva, águia do Olimpio, quando virá a Plenitude? Perco a direção dos aquedutos e tudo é sombrio, além dos Campos Elísios. Matéria informe, esfinge nebulosa, que vens do espaço cósmico... Adeus, Senhor dos Escaravelhos, eu canto o céu azul. Oh violinos, que seja música em meus corpos a vertigem dos êxtases velozes. Na margem costeira, os cargueiros repousam suas engrenagens. Tantas sombras densas, tanta substância noturna vem toldar a visão dos páramos! O rosto transfigurado, conheço o sopro da ânsia que dispersa o silêncio que oculta o sol noturno, centelha feérica dos arbustos, sempiternas rochas flutuantes. Os argonautas passeiam no sumidouro - visionários dos antros. Sou terrível para os anjos da escuridão. Minha voz é um mar revolto. Meu olhar exala uma tocha que inflama os quadrantes, sou o mais ausente dos que trilham os caminhos pensativos. Gritem os cenobitas na volúpia da serenidade! Eu penso em não trilhar os antigos passos além do mundo. A flora recende nas várzeas do Mar Negro. Verdeja a clorofila no reino encantado. Um pássaro nervoso cava cicatrizes na minha testa. Eu sei a porta dos segredos onde reside o fantasma dissolvido em calor e densidade. Estou trêmulo, o frêmito me sacode. Deliro. Agora adentro o vale das tempestades, além das sombras ardentes. Hoje é o dia da minha conversão. Vislumbro o arco pontilhado das vastidões.

4º Canto

No começo era o caos. Imanifesto silêncio de neblina. E Deus soprou fluidos de luz e as esferas rolaram pelo labirinto do infinito. E, emocionado, feriu o alaúde de sua potestade, insuflando nos astros a refulgência dos ventos. E cada ente vibrou no compasso do seu coração. Plasmada a substância dos universos, o espaço abriu e veio a treva, Érebo, a morada das sombras. Urano irrompeu sobre o jato cônico, entre moléculas

luminescentes e o vapor aquoso impregnado de Éons. E, em veios eletrônicos, o éter de hidrogênio cingiu a face dos arcanos. Elohim ergueu-se do mirante, entronizado nas alpondras. O Oráculo ressoou, surgindo Hélio, o fósforo da vida. Na penumbra imersa flamejava a espada do esplendor: estavam despertas as galáxias, ionizadas pela miríade dos raios cósmicos. Exultai, ó tumultos fluentes! Silfos, dríades, salamandras, seres elementais! Eis que a primavera do letargo aflora na Terra o musgo das florescências. Divina Presença, eis-me rendido e súplice, ó deus da fortuna! O ser frutivo desagrega o planeta em si, espuma neônio através dos nimbos, derrama o bálsamo da serenidade, refrigera de alento o aroma. Ratziel, o arauto da hibernal chama escura, vela pelos corpos celestiais. Toda a natureza respira, regozijada porque canta o Santo Nome. Venera, com apego sombrio, a Superalma onipenetrante através dos anos solares. Deixai-me aspirar o oceano e louvar as formas em cujo núcleo repousa a essência dos cristais. O tempo se dilui nas raias espectrais de Saturno, evapora-se a gélida ressonância. Minha alma punge, arqueja e se debate na noite de abrasadora provação! Meu ser está povoado de fantasmas! Govinda, Senhor das hostes oceânicas, absorto no fascínio, o raio acústico dos pêndulos estremece as tenebras! Quando serei digno de pronunciar as inefáveis palavras? Quando virá do Leste a ígnea serpente? As pedras latejam na frequência dos arquétipos. Quando tremulará o acorde restaurador, a fragrância de golpes de avalanche? Clareia o vale da misericórdia. E Deus é a plenitude da Verdade, sopro da vida, vogando no santuário inorgânico.

Krisna tece o lençol das madrugadas e repousa no estuário do horizonte. Por ele é que gorjeiam as aves na tarde e o sol rutila sobre o grande arado na encosta da Colina de Govardhana e por sobre a arena das dinastias. Do seu monastério, às margens do Ganges, saboreia os passatempos em êxtase, cativando os três mundos celestiais, mitigando todas as ansiedades. Um rio flui do seu rosto de luar, para o oceano de bem-aventurança. Sua flauta derrama o fluido nectáreo - poeira de neve em seus pés de lótus. Como é saborosa a polpa de sândalo que unta o corpo da Pessoa Suprema!

5º Canto

Abraço os semideuses pela fortuna da rosa que transborda. Candra bebe mel e resina, Indra colhe dalias na plumagem dos cirros, Vayu trouxe diásporas, fez brotar as pérgulas e se alimentou de salgema. Um ar de amenidade espumeja, espalha um perfume de almíscar. O nauta mira o lampadário, enfeitado pelos

veleiros da memória, onde a esfinge se recurva no plenilúnio. Quebrantado de perplexidade, espelhando-se nas miragens, as sereias o cortejaram, e quando houve a cisão glacial, descobriram-se os campos de âmbar. O altivo marinheiro adentrou os postigos além das pradarias, e assim adormeceram as angras, ao sopro dos terrais. O arrebol dissipou a desventura do viajor. Aves aquáticas, estremecimentos nas grutas de Jerícoaquara, onde se refugiaram os incas, os arianos de remotas tribos, filhos de Apurimac, oráculos e alquimistas. Refringências, opulências que o espelho lavra na crosta do cosmorama, o bruxuleio, o tremeluzir das chamas do castelo em ruínas. No jardim, a corte de corolas pétreas florava em conchas, búzios, canteiros de um microplaneta, a constelação híbrida se contorcia, nas pétalas dos gineceus, dos hipocampos. E, ao longo do túnel dos espectros, o Atlântico se debruçava imenso numa alcatifa bordejada de vagas - alfombra de turquesa - ornada de franjas que se encrespam e se desdobram em colorações. Vozes ultramarinas, vespertinas fozes, flocos de espuma soçobravam quando urdida a trajetória. E neste inescrutável vestígio de pálpebras singravam os efêmeros rios. Dizem que o primeiro rapsodo ambulou exânime, exangue, no Cáucaso. O assombro não se desenhara em seu perfil. Serpenteava, fluía uma sombra de sucessiva eclosão. Outro, mais outro, tudo desvaneceu. Tresnoitam os beduínos, adensam-se as horas definitivas. Depois da submersão continental um desígnio revelou os pressentimentos.

E porque são efêmeros todos os planos do reino das trevas é que convocamos o seu lídimo representante para exterminar os canalhas, pois o escorpião se morde até definhar e o mal destrói a si mesmo. Caía a tarde e as ondulações anímicas lançavam na gávea os seus reverberantes olhares extasiados e na enseada fulgurava o astro, por trás dos montes, reclinado e adormecido, para aquecer a face do Oriente. Pairava um clarão rubro - o incêndio do crepúsculo e eu perambulava através da centelha feérica da quietude. Quando adentrei a mansão macabra, vi que os hieróglifos haviam sido danificados. A indignação assaltou-me insidiosamente e decidi invocar o feroz leopardo que jazia recôndito na caverna da indulgência. Alcídes,*o cavaleiro dos mangues, arauto dos litorâneos poderes, crustáceo da lama fervilhante, nervoso pássaro de olhar faiscante, maldito santo, arrasta com teus uivos a podridão do mundo! José, ícone dos povos transatlânticos, defensor da justiça, sagaz e triunfante, gentil sentinela, arguto como o cavaleiro da triste figura, só tu que oscilaste na ponta dos punhais, conheces o misterioso anfíbio da vida! Sete vezes a fatalidade galopeou nos teus ombros o calafrio - peçonhento animal rastejou sobre as tuas vértebras e tu esmigalhaste com os dentes as vespas, os pistilos e os lagartos voadores. Príapo de Kaliyuga, íntimo dos chacais, venerado pelas princesas do Peloponeso, pelas

fêmeas do Reino Mórbido, adorado, estimado e estimulado pelas bailarinas de Lesbos, heráldico espadachim pantomímico, as ninfas gemem de pejo e os planetas estremecem quando passas. Ó descendente de Belial, aniquila os súcubos, doma os morcegos, ó pastor dos unicórnios, ordenhador das bruxas de Lúcifer, um simples pensamento emanado de tua fúria faz gemer os demônios, os patifes e os furacões! És um ser da lama dos algadiços, por que devastas os pântanos de lesmas e besouros? Messiânico, fescenino, és o faquir dos outonos arcangelizados e eu, o devoto, conclamo teu poder purificador! Verte o grito transido de gelados sobressaltos, afugenta os antílopes, cose a teia dos infortúnios! Ó tempestuoso irmão de Zoroastro, destronaste Assurbanípal e Átila pois és impiedoso com os tiranos e brincas na ventania. Do inferno sazonestas as peras, sufocando as borboletas. Artêmis sacrificou seu trono em louvor da tua rebeldia, ó misericordioso arcanjo! Lembro-me com que desvelo perfuraste o peito tísico dos vampiros, por ocasião das bodas de Satã. Ó protestade do Cáucaso, José, a raça humana deve tanto à tua fecundidade, que andas extasiado sobre os flagelos e destróis a vileza dos biltres. Tu que bebes urina no crânio dos sarcófagos, gane, uiva, lobo esfomeado! Abutre e fauno, vocifera contra o esterco do Nada, transmuta o excremento das Parcas, gargalha ante a ignomínia, porque reténs a fortuna dos impérios inimagináveis. Ruminando as messes douradas, berremos como os animais santos que a morte esculhamba. Tu que mijas na cloaca do organismo social, pois a falsa moral fede muito, ó grande possesso! Ó espreitador de precipícios, ouve estas reflexões utópicas, enquanto espancas a felicidade. Tu que cagas na face dos invejosos e das hidras, pois só tu, anjo e demônio, podes escandalizar os deuses ostensivamente. Nenhum mortal ousa desafiar a têmpera dos monstros malignos, só tu, mendigo afortunado, só tu possuis o farnel das coisas dissolutas. Em verdade, tens um pacto com os anofelinos que fuçam as paredes dos cemitérios, farejando a resina mineral. A resina das origens. Ó filho do opróbrio, ermitão que ministras pólenes venenosos aos sátiros, por que te debruças sobre os abismos e dissipas candeias pelos caminhos perdidos? Do teu cláustro de vertigens, ensina-me a hipnotizar os hidrófobos, a soprar o cautério sobre os coágulos. Em nome dos Arcanos da Natureza, ensina-me a viajar no infinito como os filhos de Orfeu. Tu, que és eterno como os vampiros entediados, ó desvairado amigo, tu que sabes os signos mágicos dos antropófagos da própria desgraça, ó sultão, ó califa, ó faraó, Afrodite te persegue por tua fama degradante, tua plêiade alucinada tem à frente Paulo Garcês, gnomo de delirantes ilações e paixões caóticas. Ó maldito santo, ó maldito iluminado, tu que exorcizaste o amolador de punhais, tu que és cruel com os eunucos e submerges no labirinto

das galáxias, tu que és cruel como os hermafroditas e cantas o desespero eterno, ó argonauta do mar do absinto e do sacrifício, Ó silfo da Oceânia, só o Mar pode aplacar o teu destino!

6º Canto

Irrompera a noite entre os roseiras. Nos penhacos, a fragrância dos mares. Brame o silêncio e a relva vicejante derrama um halo - o diadema de céu. Calma solidão, rosácea de fulgurações. Zaratustra ouve os arrios dos ares, contempla os enteais astros do fogo. Do azul-violeta os vitrais espectros, vibrando o caos vapososo da calma. Os duendes fervilham nos espaços. Esse rumor é a mensagem da estrela, é a fonte do absoluto. As nascentes anelam, o arco-íris é a lâmpada dos signos no horizonte. O eremita deixa-se tranqüilo: logo mergulhará no infinito. Ouve os passos da procissão das entidades, abismado no asilo das constelações. Os cisnes dormitam sob a neblina. Por quem fulguram as flores díafanas? Nas nascentes, a ondina serpenteia. Seda, imagem, ambrosia e nácar. A trama flui no firmamento e no crepúsculo. O falcão da noite paira no azul escarlata. Hermes divaga pelo companário. Trovador dos mistérios, dos enlevos, suspira, a meditar sonhos de amor. Conduz o caduceu das provações e atravessa os pântanos de Atlântida e devaneia em torno da laguna. Os campos de gramíneas, os eucaliptos, as estradas de lajedos basálticos ficam serenos ante o segredo do navegante. Andarilha pelo delta do Nilo, na Arcádia, entre os recifes de corais, no Mar das Antilhas. As medusas o viram num carro transluzente de aljôfares. Dizia ao vento a fonte da vida e por seu júbilo esvoaçavam as fagulhas do céu.

Derramo sentimentos em parâmetros na noite dos talismãs. Estou no mundo da águas subterrâneas, onde as almas se encontram nas raízes. Tudo é deslumbramento nos ardores dos oceanos puros. Reinos florais, vampiros corvejados, afáveis sopros, rumorejar da tarde e seus moinhos, tremular de palmeiras, arquipélagos. Lateja o ser volitivo da coisas, girando em linhas musicais, revelando segredos benfazejos. O fim dos tempos é a festa perene.

O portador da luz vence a vertigem na prece do destemor. Lao-Tsé enfrenta os ardis escabrosos dos demônios. Do altar, por entre as chamas dos turíbulos, mira as nuvens, os arrozais ondulantes, nos longes, a planície luminosa, a clareira da fonte de águas límpidas. Da seara dos cálices florais, adentra os bosques por

entre as montanhas, na quietude dos arraiais da ermida. O aroma das essências, os arbustos... Pelas teias do céu conhece o tempo em que flora a misteriosa excelência. Sorve a taça do supremo dos templos. Lao-Tsé recebe a iniciação do Sublime.

A música noturna dos seus olhos adeja pelas eras de Mercúrio. Devoto e beduíno de múltiplos itinerários, reflete a aura do anjo solar. Melodias, lampejos, amanheceres, no prisma da consciência planetária. Guardião da errante estrela mineral, o ímã de sua espada de fogo aponta a ogiva egóica das constelações. Seu olhar divisa o raio infinito, refaz o radiante núcleo das sombras - orbe de opala dos vergéis de Urano. O minuano esverdeara-lhe os cabelos. A espera de Maitreya, beijaremos a face de Deus, e o resto é sombra, escombro e vício. Além das hostes frias, conflitantes, Morya medita no azul que paira, além do sudário dos carmas soberanos. A morte, infanta infausta, maya, a ilusão, será dissipada, e do protoplasma a enzima do plexo solar evola-se. Kalky contemplará a grande árvore do astral e colherá os sete frutos da virtude. Kundaline rebentará nos chakras vertentes, o Cruzeiro, Argo e Centauro revolteiam; de Vênus decorre o eólio encofre, forjado em ácido carbônico. O argonauta ancora nas planícies, em seu carro fosforecente. Na Terra, os líquens alcalinos gotejarão, viscosos cascalhos em ciranda de fogo puro e limbo. Bóreas, em transe, arrebatará todos os semblantes petrificados em risos lépidos e pavores.

Sob a figueira pipal, e através do torvelinho das águas de fogo, Buda vê a impermanência do eterno. O vértice da aurora trilhando espelhos. Sereno, todas as ressonâncias difusas, as teias, os fios, os rios circulares. Dissolvido em si, livre da própria vida, do amargo transe, todos os silêncios rodopiavam velozes, Sidarta borbulha dentro do tempo, pulsando na cadência do universo. Tudo é miragem - nome e forma. Ritmo esquecido, obscuridade diluída em linhas: o âmago do repleto vazio. Tudo e nada. Calma feita de um único espanto. A espiral viva dos redemoinhos, suavidade. Tudo se esvai nos contornos da hora. Desabrocha a rosa estival dos ventos.

Na alvorada de sua emoção sublime, Jesus peregrina. Os olhos de pássaro fitando a messe, os vales, as veredas, o outeiro do incenso, os campos de mirra, os lírios na vertente, os horizontes. Vindimando as uvas, colhendo os figos, passeia entre os canteiros, no pomar. Seu respiro enche a Terra de alegria: a manhã se faz tranquila. A planície vai além dos confins da Palestina. Marulha o Mediterrâneo nas praias. Um bálsamo de amor suaviza as fontes, um óvalo de luz clareia as águas e orvalha de perfume a natureza.

7º Canto (As tentações)

A noite é um monturo de vidro e metal sobre um porão de cinzas. Embora tudo permaneça claro, não há indicações. O vento retorna e o farfalhar das sombras permite que se veja o continente noite. Já passa da hora. Escorpiões de fogo fustigam muros, deuses sonolentos na sombra do segredo. Na névoa dos despenhadeiros, vazios escuros infinitos, germinações do medo, o terror dos calabouços assalta de espanto. Tenho febre de viver. Singro altas simetrias. Chove granizo nos meus nervos e tremo, obsecado. Viajo no labirinto: bundas de leite, lábios de frutas, elixires da fortuna além dos muros de ferro e das fugas volúveis. Angustio-me... o diadema do relâmpago derramou a taça dos tronos de jaspe. Explosão de esplendor, esfinge de pelos emaranhados em pélagos de doçuras. Felpuda estampa de veludo e algas. Sol de cilício sobre os rochedos. Polinésia, ímpetos do êxodo. Não me basto, não me sinto em mim, fui feliz quando havia música nas catástrofes das sensações. Abismo que me agita, visões da violência, pragas e flagelos no arraial do Eufrates e, no império da noite, o pássaro conturbado sobrevoa as angras. A lâmpada dos hospícios anulará os cadáveres, respiro plangências. Lagos de fogo, sinagogas de fornalhas, deito-me na pedra do meu sonho, lua de cristal nas folhas do vento. O gado humano medita nos açougues...

Respirar plangências nos braços das harpias, essas vagabundas, e mortificá-las na cruz da vida! Resistiremos ao degredo e à procela. Na opacidade de nuvens lançadas ao vento, clarins de alvorada acordam caramujos no jardim submarino. Entranhas, glândulas, paladar, febre de viver, amo os pântanos da galáxia. Clarões de música no penhor da austeridade em que a morte, excecrável enunciado, transmuta os tumultos da Cidade. Na memória da luz, céu de beleza que o tempo esfacela, arfares atritantes, a chave do abismo foi confiada aos sonâmbulos, terremotos, despedaçados castiçais!

Um sono de labirintos entorpece o néscio... Atmosfera de delírio, trovões irrompem sobre os esquifes, o mergulho na dispersão! Um estorvo, a miséria da vida e a negação de tudo além do véu da treva. No âmago da noite, a insônia das esquinas, música no desencontro das avenidas.

8º Canto (Os Terrores)

Os Calígulas, os Neros travestidos de falsos líderes martirizam Hidroximas, Nicaráguas, Nélon Mandela, o Líbano e outros flagelos na fogueira dos mísseis, agrilhoando o mundo à infâmia dos seus crimes. Ó ômega, Ormuz, brejo das correntezas, não é a vida que dói. E o cortejo sinistro desses bodes ignorantes de sua natureza, a ganância desses macacos egoístas, a venalidade abominante, o satanismo de gás lacrimogêneo desses patifes proscritos que espalham sofrimento inútil, dilacerando os penitentes, lançando ao fogo o tesouro dos justos, vestindo o século de desespero nos patíbulos da desgraça.

Os autômatos espreitam o botão fatal, expectativa das emanações dos seus espectros. A poeira deletéria cobre os defensores da natureza, os presidiários imolados, as megeras psicopatas e os ridículos histriões da alienação. Coliformes fecais, estafilococcus, gases sulfúricos, ácidos corroendo as cabeças coroadas, degeneram os neurônios da raça. Trezentos mil megatons conspurcam o véu de ozônio. Oásis do abismo, o genocídio biosférico, terror nos lumes fluviais: tempo arrastado pelo fardo alucinante. Nas trincheiras do hemisfério afrontamos a canalha dos poderosos. Na televisão, caras cínicas, cretinas, esgares, mentiras, os agulhões da purgação e ainda o tempo da glacialidade, além das estepes explosivas: a perenidade. Além do ópio anabolizante, do sangue dos índios e dos operários metralhados, a trajetória dos alcatrazes, a grama, as castanholeiras e a lembrança do que pertence ao vento. Nas altitudes infinitas, no empíreo, velejaremos sem âncoras, ermo abismo de ácidas arenas, à libertação!

Empresário concede prêmio lixo-atômico a operário. Recendem dióxidos de carbono, máquinas de matar e os demagogos sorvem o sangue dos inocentes no banquete multiprostitucional. Ó tempo de gurus vampiros, ídolos drogados, pederastas iluminados, tempo de sobrevivência nos antros e trabalho infame. Tempo de oprimidos e bajuladores de rapina e artistas da moda nas vitrines-chamarizes-do-sexo-hipocrisia. Latifundiários balofos nos shoppings, mocinhas afetadas e seus vilões escanhoados, súcia de mentirosos de olhares contrafeitos farejam pocilgas de vulgaridades como hienas patéticas, abutres relichantes num picadeiro fantasmagórico. Século de crise mental nas passarelas mercantis. Vida medusa, mar revolto, pesadelo. Os logradouros são laboratórios de sonambulismo, sorvedouros de talentos, cemitérios da imaginação. E as instituições? Esconderijos de coágulos, moturos de vômitos, cloacas! E volto o olhar para além da cratera sideral, a catedral das estrelas, por todo destino.

Sereias do reino de espanto, horizonte renovado. Já não digo amor. Dou graças ao transe que anuncia a satisfação do mundo. No porto da imensidade, entre o marulho da solidão e o pasmo dos astros,

quero repousar além das trincheiras, dos patíbulos, além das sete espadas do martírio. Na estância do sol, tudo é delirante na seara da distância, sidéreo escampo, flora dos penhascos além dos tédios, vou bebendo o maná revigorante a girar no carrocel das míriades.

9º Canto

O monstro ostentava a adaga e vociferava endiabrado. Fulminei-o. O olhar de dragão vermelho. A boca em labareda urrava o eco dos infernos. E era um dinossauro, farpas na carapuça, que se contorcia de fúria. O archote dos hierofantes no cenho, bradei vitupérios. De Júpiter, a espada de cristal triunfante alcei aos quatro mundos. De Atlântida, estremeciam incubos apavorados! Anões, furacões e eunucos gruniam desesperações. O caos das catástrofes nos espreitava, com pasmo de grou martirizado, em vertiginoso descenso, enquanto os patifes rondavam o império dos mortos. Meditei no rosar do tigre, arbatei-me contra as paredes do delírio. Contrarrestando precipícios de temerário vórtice. Derrogar duendes e arrostar com erráticos miasmas! Que sabe Caim sobre o enternecimento? Os batráquios contaminados só vêem monturos e escombros. Tropeçam no lixo e na carniça. Quem vislumbra as lâmpadas de ectoplasma do eterno bem? O juízo do mundo, ditado por múmias nas Sinagogas, decretou a eutanásia do planeta. Cogumelos bacteriológicos ainda ameaçam Hiroshima e o dragão Challenger tenta incendiar o Sol. Salamandras, escárnios, blasfêmias! O banquete dos necrófilos é de excremento. Meu júbilo, face os dentes da besta, carpe terrores álgidos! E ainda conto os cadáveres da peste. Num dispenseiro abominável, heráldicas falanges de morcegos, demônios raivando para governar a noite, e as nuvens vagam lentas, viajando para outro o hemisfério. Tarde imantada de auréolas de luz, Ocidente azul, zênite prateado, vazando véus de ouro na fímbria dos nimbos. Nuvens marinhas de filamentos níveos, espasmos tísicos uivam perversas debilidades, Pandora! Pandora! Os estigmas do Anjo Alado! Enquanto as lesmas de Neanderthal blasfemam entre chaminés mortíferas, cai chuva ácida na lua de silicone do Armstrong. Os inquisidores dançam, Édipo cego dialoga com Judas e os sadomasoquistas assistem o holocausto. Nesse campo de concentração, ratos e répteis travam sangrenta refrega. As medusas se refugiam nos buracos negros dos vulcões. Górgonas, sibilas e fantasmas hipocondríacos, esbagaçados pela clava de Ahura-Mazda. Os gládios dos Titãs retinam num auto-de-fé. Os chacais só vêem cloacas e necrotérios. No Tártaro, réprobos se contorcem, grunhindo a soberba vencida! Comem carniça os corvos. Quão cedo forjam-se os precipícios! Mas,

além desses abismos e ergástulos, além desses covis de Sodoma, ali onde não há trágicas fortunas nem hostilidade ambiental. Ali, nos pórticos astrais, onde o Eterno Bem instila eflúvios nas células sidéreas, Lutherking, Agnus Holocaustos, ressuscitado entre mártires de luz, emerge no coração do mundo, sobre as íngremes pedras escarpadas.

NAVIO ESPACIAL

PLANO PARA A MORTE DA TRISTEZA

Nessa hora tardia em que a tristeza vem,

o coração já crivado de ânsias, escuros
são os silêncios secretos que me detêm.
Os olhos da noite são glaciais e maduros.
Que do bem-estar o destino não me prive.
Que a tranquilidade suavize a mente humana.
Tanta lucidez assim jamais tive:
quero dizer: in corpore sano, mens sana.
Ah, tristeza, quero que morras, estranho vício,
flor do mal, hás de fenecer em sacrifício
aos deuses da lucidez. Eu quero estar só.
Não buscarei amigos. Não sairei aos bares.
Eu quero subir à gloria dos altares.
Nunca estive tão louco, tão puro, tão só.

VIAGEM

Vem, vento leve, velar o vazio da vida.
Vem, viração veloz, leva a voragem que vem vindo voando.
Vem voejar, veleiro vacilante.
Vem valsar, vadio vendaval.
Vem, volúpia vã, verve varonil.
Vai, vertigem, erva virente,
me leva leviana ilusão,
leveza ligeira, livre levitação.
Tarda, tempo das trevas da tormenta,
abrandate, brasa brutal arrebatadora!
Afasta-te, fantasma feroz que esfacela,
esfrangalha e fere a fibra do fado!

Foge, fera que fervilha a fúria.
Fica, felicidade efêmera!

CONSCIENTIZAÇÃO DA MORTE

Morrerei quando cessar em mim
o contato vital da termodinâmica,
quando arrefecer a efervescência dos elétrons
e, num transporte gravitacional, subir a aura do cérebro,
estancadas as vibrações dos átomos sensíveis.
Num plasma inorgânico, de cada molécula do corpo
se desprender a fonte natural.
Morrerei quando a força sincrônica
se transfizer em energia volatizada
e, em espirais, o espírito ressoar no espaço
o raio da minha voz nas ondulações etéreas,
Morrerei quando morrer em mim
a inquietação oscilatória da matéria viva.
Quando estremecer o núcelo das células
em freqüências astrais.

OS GOLPES DA FORTUNA

(I)
Ando tão desamparado
desde que pilharam os armazéns da minha paz ...
Vazio de tanto meditar no mausoléu dos desencantos que a sorte me deu ...

Hoje que conheço a sorte dos desafortunados,
a noite de espectros me enche de aflições,
inspiro piedade a mim mesmo,
perdido na febre de perambular
e já duvido até da minha existência.
Luto contra diversos demônios
desde que joguei com os pentáculos do bem e do mal.

(II)

Obsecado de assédios, assediado de obsessões,
sei lá o que me ocorre ...
Só sei que naufraguei nos areais do meu descaminho,
beduíno, nauta notívago, aportei na ilha abandonada
e era um alaúde, um ataúde o que me perseguia
e eu suspirava pelas veredas das exéquias da minha dor.

VOLÚPIA

Lasso do lânguido incenso ácido que me estonteia,
salsugem que incendeia as narinas,
ânsias quêdas de cavalgar delírios,
luar de êxtase depois da tempestade,
mil cachoeiras e ondas bramindo

nas praias perdidas do torpor da noite,
depois de mergulhar na laguna equatorial dos teus relevos,
melodia de fonte sedou-me a agonia dos pesadelos,
e reclinei-me sobre as dunas do território límpido
que teu corpo espelha
(onde meus lábios delicias cristalina especiaria).
E fiquei leve, ungido de júbilo,
pelo sabor embriagante do teu sexo.

RECONHECIMENTO

Quem me vê andando, cabisbaixo, pelos jardins da Esplanada,
não percebe a minha miséria íntima,
a espantosa angústia que me desnorteia.
Sinto-me dilacerado,
entre os espasmos da tristeza esmagadora que me aterra.
Ó desgraça, que infâmia cometi contra a humanidade?
Na circunstância em que me encontro,
estou confuso e caótico
como uma casa mal assombrada.
Dentro do meu Eu já não há espaço pra mim.
O sol do meio-dia não clareia o meu mundo apagado.
E hoje que estou martirizado pelo pranto
da minha insensatez,
reconheço que fora da verdadeira religião só existe dor.

UM PACTO INDISSOLÚVEL

Que farei do vulto das minhas idiossincrasias?
O espectro das horas é um fardo,
arrasto-me sobre os meus pensamentos.
Tropeçei na minha sombra
e foi a vida o bem maldito que me desnorteou,
a própria vida, ora, e parece sem jeito
que recupere o senso, pois quem existe
ou que aparência ainda me alenta?
Nem mulher, nem filósofo, nem música, nada, nada, nada,
nem o barulho do meu desespero.
Que rumo darei à lucidez vilipendiada?
Angústia, angústia, irmã da minha natureza, companheira fiel,
única esperança que alimento,
reclino-me sobre o tumulto dos teus torvelinhos,
entrego-me à sedução com que me prostras
ante o sacrifício de viver.
Agora, proponho-te um pacto:
venceste-me a última resistência
- habita eternamente em mim!
Eu te prometo o infinito desgosto
dos meus olhos e a solidão constante das minhas mãos.
Toma o meu ser para o convívio triste
dos martirizados pela influência
macabra dos teus signos!

MEMORIAL APAIXONADO

I

Jó teve de carpir desgraça e miséria
para ser confirmado na glória de eleito.
Ulisses só regressou a Ítaca
depois de enfrentar os horrores do exílio e do oceano,
e Orfeu também desceu aos infernos.
Mas eu não sou santo, não sou herói.
Sou frágil e sensível,
um simples mortal buscando um ideal divino
e assustado com suas próprias sensações.

II

Os papéis da burocracia sobre a mesa:
pastas, carimbos, calendários
mas, dentro, o coração mergulhado em devaneios,
não consigo pensar senão
na pessoa que tem sido o alvo constante das minhas preocupações.
Porque ela não está comigo,
o desencanto se estabeleceu no meu rosto,
meus olhos só enxergam a imagem dela
e a incerteza esgrima com a minha paciência
e ando cansado dos desafios da ilusão
que me reduz à medicância íntima em que submergi.

III

Estou só, isolado na multidão.
Obsecado pelo aspecto macabro das ruas,
olhando as paredes deprimentes dos prédios de serviço público ...
Que resta de mim?

Pergunto ao vento

- e um eco se dispersa no além.

Uma réstia de esperança vaza na veneziana do meu desânimo.

Deixo-me à esquina de um arrabalde,

estendido no terreno baldio do meu ser,

vencido na luta encarniçada

contra a própria vida e fico todo desfigurado

e desarticulado, observando a inércia com que reajo

às vicissitudes do mundo.

IV

Descerro a janela do aposento.

(Sim - hoje aposentei a alma

e dei férias aos meus sentimentos).

Descerro as janelas do coração

para entrar um pouco de claridade.

Mas desde que estás ausente

faz escuro na sala do meu refúgio.

Deu pane no circuito das emoções

que se despejaram sobre mim.

Na expectativa em que me reclino imóvel,

ante o peso que me abate,

não caminho - arrasto-me

e sou indigno do chão em que me prostrei

para rezar com piedade de mim.

V

O horizonte refulge nas brancas filigranas das nuvens

e tudo é esplendor nas imensidades do universo.

Só no âmago dos homens

perduram as miseráveis sombras da ignorância.
Imerso nos abissais paradoxos do ser,
só me resta erguer os olhos
para as altitudes sem fim
e sonhar com um lugar
onde eu esteja salvo do sortilégio que me cerca.
Tenho tido o choro e a tristeza
por únicas companhias
e minha vida é uma guerra
onde, em vão, peço trégua ao destino
que não hesita em castigar-me com seus látegos.
Serão os artefatos da penitência
os meus únicos bens?

VI

De repente despontou o sol em mim.
Um sorriso de amanhecer na praia me restitui a lucidez,
flui em todos os recantos do meu sentimento
o imenso contentamento de existir.
É que sinto no vento
a perspectiva do teu regresso
e todos os momentos devoto a te querer.
É noite agora,
mas há um templo iluminado
em cada recanto do que sou.
Renascem todos os idílios de paz que ando semeando.
Foi Deus quem me deu este refrigério
na hora em que eu tropeçava
na voragem onde me debatia nos pélagos da procela.

Mas de repente a notícia de que estás chegando
acendeu-me candelabros de essência
e são evidentes as rutilâncias minerais do meu semblante.

VII

Um conflito de emoções me atormenta.
Preciso voltar para o centro de mim mesmo
e mergulhar no íntimo reduto inviolável
de onde nunca devia ter fugido.
Dediquei a vida a um devotamento
que me preenche de vazio,
uma fascinação que me sufoca
entre expectativas e revezes.
Preciso ter a certeza de que te posso entregar as mãos
com tudo o que elas têm de sinceridade,
preciso saber se cuidarás
dos meus encantados olhos
que choram de esperança
porque anseiam por dividir contigo esse sonho,
e confessam toda a solidão que ando sentindo ...
Agora é tempo acalmar as pulsações
do meu coração que se agita
pela urgência de conquistar o reino
e o tesouro que andei buscando a vida inteira.

VIII

Agora que atravessamos as procelas,
entre os fragores da luta dos hierofantes
contra as falanges pérfidas,
que os arcanjos sempiternos te anunciem

santificada e ungida de hibernal perfume.
Quando gemem os pinheiros no vento,
eu penso que é o navio em que vens, álaça, alígera,
como se estivesses agora nestes recantos virentes,
nestes outeiros tão doloridos pra mim,
porque sinto o teu sorriso nos canteiros,
mas não te vejo nesse parque sob as guirlandas siderais.
E quando avisto as janelas rutilas das alturas,
a delicadeza de uma réstia de lua
é o teu olhar ausente e presente,
e se estou sentindo mágoa no céu da tarde
é porque não te vejo nestes remansos de encantos
que só existem pra te agradar.

IX

Foram diversas noites mal dormidas
pedindo a Deus pelo teu bem-estar ...
Mas só entenderás o desvelo amoroso da minha solidão asfixiante
se reconheceres a razão do teu prazer
na perspectiva do nosso reencontro:
a dor sentida pode ser a prova.

X

Calcula as horas que ainda faltam para o teu regresso
e terás o número de beijos que te darei quando voltares.
Calcula os minutos em que ando pensando em ti
e multiplica pelos minutos em que pensas em mim
terás a dimensão do gosto que sentirei ao ver-te.
A distância que nos separa não é maior que o meu amor na ânsia de te esperar.
E quando me deres .o doce de rosas dos teus lábios,

eu te darei as manhãs em que florescem todos os rosais.

SAUDADE

A tua ausência é um abismo,
à beira do qual a minha vida se debruça.
Perdido nas violentas vertigens do meu pensamento,
visto-me de azul para sair,
mas pra onde, se não estás aqui
e a cidade entristeceu com o frio da noite,
que só me faz lamentar a distância do teu exílio?
As noites não me dão repouso
e as nuvens me enganam com sombras
sobre as ruas tristes de não estares comigo.
As avenidas me assustam com a idéia de estares longe de mim.
Visto a clâmide das lembranças
e no desespero da espera os meus nervos fervem
e tudo tem sabor de angústia na colheita amarga dos dias.
Silêncio no meu desgosto.
Onde o motivo da alegria?
Sumiu o arco-íris de cristal
e quem me consola nesta hora?
Nem os passarinhos que fazem ninho na minha janela
e cantam por saberem que estou tão só!
Esta noite, tão parecida com as noites em que entravas por esta porta,
é tão diferente, porque não chegarás
e estou sentado no meio da sala como se te esperasse .

Misteriosa revelação;
lá fora, barulho e luzes nas janelas.
Noite monotonamente a decorrer no vazio dos ares.
Até a lua desapareceu do céu...
Noite que seria de plenitude se entrasses por esta porta.
Se ao menos ouvisse a tua voz agora.
Mas as estrelas se esconderam nos véus do infinito
e o inferno germinou esta incerteza na estação das dores..
Minhas alegrias voaram...
Acaso os pássaros regressam no vento,
se na noite de cinzas fantasmas
um céu enfermo jaz nos escombros da eternidade?
Ondas do tempo em que a saudade se dispersa,
Nas alturas de gelo sobre o Atlântico,
lua, vem trazendo a que partiu sonhando
Volta, andorinha, volta no clarão da lua,
Vê como os ciprestes choram de abandono
e os pássaros cantam só porque te esperam!

DIAS VAZIOS

Dias vazios, hostis atribulações,
perpassam lúgubres sombras,
procissões num ritual de assombro.
De onde vem esse desgosto

que imobiliza meu corpo
e me desfigura o rosto?
Será do rumor da cidade
ou dos clamores vãos
dos que pedem liberdade?
Atrozes ritos que me condenam?
Que sombras é que me assombram
com ressonância de sonhos mortos?
Escombros de silêncio e labirinto,
a angústia em que me sinto
será o grito da exaustão
dos que pedem justiça e pão?
Será o atavismo dos antepassados
a que tenho braços acorrentados?
Será o crime hediondo do mundo
a causa desse desgosto profundo?

O ANJO LUNAR II

Já a terra tomba no abismo.
As constelações acedem seus archotes.
Desesperam-se os morcegos
e vem o mar rebentando em temulência.

Permaneço sem bússola,
emergido em roteiros,
corroído pela raiz do tempo.
Sei porque reverberam prantos as ventanias:
vislumbro os campos da ressurreição
na tarde de amavios
que tudo transfigura,
nau de abstrações
vogando os escarcéus
em que choro a metafísica da solidão.
Dissolve-se em névoa meu enleio,
sinto as palpitações da hora...
Vem, divagação,
tenho guardado os palácios sob a pirâmide.
Vejo a lâ desta cúpula, maravilha sideral,
permaneço em precipício e labirinto.
Tredos rios lavram sedas.
Chove sobre as ravinas.
Ê boi mediterrâneo, é a respiração de Deus!

II

Silenciam suavidades.
O Aracati encrespa os parcéis,
alanceia choroso nas amuradas,
enquanto eu fito a fonte do sigilo.
Entardeceu...
Saio soprando quimeras no degredo.
Na minha vida é sempre madrugada,
é sempre outono no coração

de quem sente os minutos dissolvidos,
derramando euforias. Lua-leveza,
Estrela da manhã, lábios de âmbar,
rompe os jardins da peregrinação!
Quero adormecer vigilante
no afã dos teus gélidos alentos.
Vem dos escombros o vôo dos medos,
hipnotiza-me de compassivos eflúvios!

III

Quando nasci, os signos do mar despontavam no nascente.
Dois seres gêmeos num tortuoso corpo,
centauro no meio do céu.
Os vapores singravam perfume torrencial,
essência dos ermos:
vésperas da colheita, arco-íris na placidez,
consagrei à esfinge o pensamento,
escutei prenúncios do brumoso Olimpo, barra diluviana
em efusão de compassivos eflúvios!
E no antro dos devaneios de que me alimento
despertei na viração das ilhas!
Fortaleza, 1982

VOO RASANTE

Quiseram-me ferir as asas no panteão dos meus pesares
e vou arrastando as penas sufocadas.
Até o destino conspirou contra o sossego
de quem já enfrenta bestas relichantes

que cospem fogo e vampiros que se imolam de contristação.
Assiste-se ao holocausto dos energúmenos
em plena Sodoma geral.
E em meio a tal desordem alvejaram-me as rêmiges
quando eu pairava sobre o pórtico das vertigens,
(a ensagüentada plumagem ainda sobrevoa
taciturnas nuvens além do farol que vascila na ventania).
Treva no pélago dos precipícios ...
Meu canto é uma súplica lançada aos quatro ventos.
Quem me ouve, se no ermo dos lamentos,
é trágico esse tempo
em que esperamos a predestinada
que partiu na escuridão dos oceanos?
É preciso que ela venha iluminar os portos do desespero
e me arrancar do marasmo dos tremedais,
pois estou além dos infernos onde reinam os pavores.

ESPERANÇA

Divino alento que alimenta os que sofrem,
benção que Deus concede
a quem busca alívio das angústias.
Dádiva do Sol,
luz que reconforta, minha guia, meu norte.

o controlador dos universos deu-me o dom da vida.
Em seu nome é que venho pedir serenidade.

INTROSPECÇÃO

Sempre que ando feliz acabo triste.
Porque o prazer é alegria circunstancial?
Sigo avante e quero desistir.
A fonte está ao alcance da minha mão,
mas o coração dita a miragem dos olhos.
Quando eu conseguir ser como a lucidez,
quando em mim cessar o desespero de não ser o que eu quis,
então estarei consciente de que busco não o que me falta,
senão que não há nenhuma busca, nenhuma falta,
nem a própria renúncia de buscar o que me falta.
Então, serei o pássaro da solidão.
Voarei sem sentir o fardo do tempo.
De resto, o mundo não muda,
eu é que preciso mudar.

ORAÇÃO NOTURNA

Que agonia ante a noite silenciosa!
Em torno vejo escombros abissais,
visões funéreas e fantasmas roucos
a seguirem meus passos fugitivos.
Da janela vislumbro a triste rua.

Tudo é sombrio diante dos meus olhos.
Na calçada, somente os ventos uivam,
fico a escutar ruídos que amedrontam.
Agora nutro percepções tão lúcidas:
creio que é a madrugada que desponta.
Vem brilhando o horizonte que me encanta.
Vem poesia, por que tardaste tanto?
Vê como é longo e rude o meu caminho,
põe um pouco de aurora em minha vida.

RELATO DE UM SONHO

Sonhei que o mar era belo e profundo e tristonho e revoltoso,
que a música das ondas era terna aos meus ouvidos
e eu buscava cem milhões de adjetivos
para definir a beleza dos devaneios
que me prendiam ao mar,
que se fez o próprio indefinível,
de uma indefinição infinita de vagas rolando,
que era uma harpa, um arco,
uma sensual mulher sinuosa como um réptil,
o tapete de relva das dunas era um manto
de esmeralda de magnitude de harmonia,
o azul do céu era de tal placidez
que a brisa da tarde, sopro de refrigerios,
amenizava a nostalgia dos coqueiros que sussurravam
entoando aos deuses vegetais
o sacramento do beijo dos ventos do fim do mundo.

Sonhei que o mar me envolvia de sentimentos
e eu caminhava e contemplava a influência de seu ciclo astral,
que o mar exalava um perfume de sabor melódico e refrescante,
que o mar era um sábio universalíssimo
que se materializou em águas
e o sol vinha visitá-lo trazendo a bênção dos espaços
para nutrir os seus arroubos românticos
que me enchiam de euforia e entusiasmo
e eu tomava doses de otimismo
na espuma que falava o idioma francês
e tinha algo de dominical e abstrato,
algo dos segredos da criação
e do princípio do universo
e abrigava o mistério de um imenso ser moribundo e desesperado,
que rosnava e se debatia com fúria e pronunciava blasfêmias,
vitupérios e vociferações contra o destino.

EVOCAÇÃO DE MARIO DE ANDRADE

Em nome da verdade da tua coragem,
do perfil que revela o enigma dos martírios
e a memória das sensações, declaro-me dos teus,
e creio no orgulho dos teus ideais
e na convicção de que seríamos irmãos:

caminhemos pelo sol que senta nos bancos.
Afastados do fulgor das incompatibilidades,
ao lado das tempestades humanas,
mergulhemos na impureza divina,
na frente a marca indelével do sacrifício
e na respiração dos sonhos
grandeza de vulcões e oceanos.
E somos setecentos e cinqüenta,
espelhos, caiçaras, pireneus
e a devoção eterna com que me igualo a ti,
percorrendo os séculos diante de mim.
Os barulhos rolam comigo
no êxodo das encostas e dos desfiladeiros
e eu também me multiplico
na flora pérfida das cadências e da ressonância.

AFRODITE

Ficou nas minhas mãos o cheiro agreste do teu corpo felino.
Rastejei os dedos ébrios sobre o canteiro de penugem.
Quando do teu lábio senti o gosto quente da delícia,
bebi o cálice do teu desejo.
Quando me despertou a melodia mágica dos madrigais,

ficou no meu corpo um sabor de sal e sexo,
meu cérebro descansou no sigilo da perplexidade
e eu iludi a lembrança dos meus lamentos.

DESPEDIDA

*"não me arranjem emprego",
não criem obstáculos à minha vida"*

José Alcides Pinto

Não quero empregos.

Antes o culto da lavoura, o destino ao ar livre,
antes um bocejo feliz e um aboio.

Não quero trabalhar.

Ah, necessidades paradisíacas!

Adeus, privações e provações,
temores e tremores, facas e faces,
divulgações e divagações!

Quero a distancia de voar, resplandecer,
quero horizontes, paisagens, vastidões,
para caminhar.

ENTARDECER

A Iton Lopes

No momento em que a lua apareceu
os violões eram de um langor distante,
as coisas tangíveis se dispersavam
ao longo do meu olhar romântico.
À hora do sol posto há silêncios misteriosos.
A obscuridade chove um pranto de recordações,
existe um crepúsculo no âmago do meu pesar,
a melancolia murmura dentro de mim que sou muito triste.

APELO AOS AMIGOS

Meus amigos eu preciso ser feliz.
A vida às vezes me dá vontade de morrer.
Existe um tempo de ser feliz,
não quero escrever ainda o meu epitáfio.
Ajudem-me, acreditem nos meus ideais,
eu preciso viver sem desespero
e não perecer por enquanto.
Preciso respirar o ar puro das tardes cinzas
e assoviar a canção do vento.
Meus amigos, ajudem-me a ser feliz!

EXALTAÇÃO

Alvos contornos de mulher primaveril,
suntuoso prazer sutil.

Harmonioso mistério da natureza.

Manhã e pureza.

Dorso cor-de-rosa que me ensina o alumbramento

Corpo feminino perfumado ao vento,
sabor de tons doces e acesos.

Cor embebida de sensíveis relevos,
carne delirante de maciez hialina,
denso transbordamento de pele cristalina,

fluido carnal, vibrante, voluptuoso,
púbis enternecedor e luminoso,

desvario misterioso,

paixão alucinante de gozo,

negritude em flor do sexo,

nudez mirabolante sem nexos.

ITINERÁRIO I

As marcas com que a vida fere a carne da alma
estampadas no semblante da tarde
acendem fagulhas de tristeza e sombras amargas,
visagens de dedos longos e mão magras,
crepúsculos que envelhecem duzentos anos
e alvejam o corpo com punhais de desenganos,
travos de fel, noites de mortalha e de abismo,
doses de fatalismo,
brisa cortante no lamento dos coqueirais,
álcool entorpecente na lembrança,
espíritos de chacais vagando ébrios sem achar uma porta,
cantilena dos grilos velando a noite morta.
Tarda a madrugada de mim mesmo
e eu fico na vida caminhando a esmo.

ITINERÁRIO II

Refugiado em ti, no meio da multidão,
vives a esmar, no cambaleante seguir dos sorumbáticos,
na luta das imensidões dos devaneios.
Confundes a ilusão das verdades no desprezo
de notivagar noites e ruas,
em busca de um ideal que escandaliza
os príncipes de moral comedida,
e caminhas assim em torno de ti mesmo,

mergulhado em sensações, no mar dos abismos e das crateras
onde ninguém entenderia o grito vociferado em praça pública,
nem a revolta recolhida no âmago das conformações.
Fica sozinho, na companhia fria do silêncio dos dias!

O FANTASMA DOS TEUS SENTIDOS

Meus olhos petrificados miram teu rosto no espelho da vida.
A voz do pensamento chama o teu nome em silêncio.
Ficaste fazendo parte da minha sombra,
ficaste na escuridão, com esta imagem de névoa,
semblante de sonho alongado no éter.
Foste meu ideal de voar nas trevas
enfeitiçado pelo teu sorriso de afetos.
Minha ilusão, de um lado a outro só vejo paisagens na penumbra,
secou a fonte de alegrias do menino que fui,
cheio de primaveras no olhar.
Contemplei eternidades perdidas
nas encantações do teu olhar de labirintos,
já não encontro a trilha dos anseios andarilhos...
Retornaste, minha ilusão,
irmã dos meus quebrantos nostálgicos
e eu te fiz sumir no medo que a vida me ensinou,
alucinado por tua presença de perfumes.
A distância do teu aconchego é tão dolorida, tão longínqua!
Porque foste tanto a companhia do meu desejo,
entendes tanto o silêncio da minha alma sozinha,
que, embalde, dedilho a lira dos novos enleios.

O PRAZER SEMPRE ANTES DA DOR

A Jarbas Júnior

Quando virá a música das primaveras?

Reflexos do ambiente de profundas eras
mergulham no oceano da carne.

A brisa do silêncio lava de luz a tarde.

O outono é fumaça que acalma
o desatino febril da alma.

Os poetas precisam fumar o alento do prazer.

Amanhã seremos o que ontem não soubemos ser.

A vida é uma fatalidade de circunstâncias,
o sábado é filosófico, afoguem as ânsias,
que a ilusão se esvoace pelos ares,
o dia está prosaico, colonial e pitoresco nos bares,
mas as ruas estão repletas de pessoas vulgares.

A música é a luz imaterial.

Dos sentidos a memória sobrenatural.

A vida é um vendaval inexorável que avança,
mas há esperança na espera que não cansa,
o horizonte se perde no além-mar das dispersões.

Como definir a dúvida das elucubrações?

Vamos passear no jardim das perplexidades.

Como definir o absurdo das grandes cidades?

Os pássaros cantam acordando as manhãs,
mas a procela corta a natureza como titãs,
prefiro viver a morrer vivendo,

não quero mais ficar em casa lendo,
enquanto a cidade me tenta, os transeuntes passando...
quero seguir o vento das distâncias, delirando,
além da desventura eterna dos eventos,
adormecer na plenitude dos alumbramentos.

ORIGEM

Hércules e Apolo, estrelas gêmeas
que iluminam o planeta Mercúrio,
fizeram erguer os templos da Virtude e da Volúpia,
nos desígnios da imortalidade onde Vênus e Cupido
estão sempre ao meu lado.
A minha rebeldia há de me expulsar do Olimpo
mas eu sou o deus da música, da poesia
e habito com nove musas os montes do Parnaso.
Sou o alquimista dos augúrios,
foi-me destinado carregar nas alvoradas o carro do sol
e espalhar a luz e a vida na terra, como nos infernos,
pois Mercúrio é que rege minhas cintilações magnéticas
na esfera celeste,
e eu descendo da constelação do caranguejo,
para onde regressei na elipse veloz dos movimentos planetários.

HINO À SOLIDÃO

Flor do meu devaneio, apunhalaste-me,
purificando o esquecimento, renúncia,
conhecimento sedentário, doença e vício.
É preciso macerar o corpo em sacrifício
e banhar-se na fonte dos rituais
e ouvir a noite, acesa a chama dos Deus Único.
Corramos às estradas.
Quero repousar à porta inevitável da fuga
e da entrega de mim,
da miséria que aceito, do pecado,
da sabedoria, da cidade feliz do tempo.

NOITE

Passos, pressa, sombras e sinais.
Os ônibus levaram a máscara de vapores
e um perfume de resinas ficou no albergue.
No litoral, o áspero recife reverencia estrelas
e eu caminho pelas esquinas das avenidas
até chegar no vento a fome de mulher e o tédio.
Esperanças, melodias,
que os navios não tardam
e cintilem as flores das tascas,
embebidas da piramidal cajazeira.
O olhar sereno da noite irradia palpitações,
a parede povoada de pérolas aéreas

e pingos metálicos,
o quadrante polar projetado em épora celestial
e o pulsar dos losangos translativos.
Retas de cristais, torres góticas fragmentadas,
faróis, pirilampos e gotas minerais no empíreo.

CONCEITOS

O infinito é um ponto no infinito.
A consciência é igual a energia do instante
vezes o espaço visual,
dividido pelo coeficiente do tempo, ou seja,
a velocidade da luz vezes a fração de segundo,
dividido pela frequência vibratória da elipse etérea,
ou ainda, $2\pi r$ menos o espaço energético, mais zero,
vezes o limiar da antimatéria,
multiplicado pela mônada,
sobre a raiz da genética,
dividido pela compulsão do vento em atrito com o objeto
e sob a influência eletrônica do sol.

FUGA NÚMERO 3

Se o Nada existe, algo não existe: o Nada.

Se algo não existe, existe a não existência de algo.

Se nada existe, tudo o que dizem que é, não é.

Então tudo não começa nem termina,

não existe e existe pois uma coisa é o que é e o que não é.

CONSCIENTIZAÇÃO DA MORTE

Morrerei quando cessar em mim

o contacto vital da termodinâmica,

quando arrefecer a efervescência dos elétrons

e, num transporte gravitacional, subir a aura do cérebro,

estancadas as vibrações dos átomos sensíveis,

num plasma inorgânico,

de cada molécula do corpo se desprender a fonte natural.

Morrerei quando a força sincrônica

se transfizer em energia-volatizada,

e, em espirais, o espírito ressoar no espaço

o raio da minha voz nas modulações etéreas.

Morrerei quando morrer em mim

a inquietação oscilatória da matéria viva,

quando estremecer o núcleo das células em frequências astrais.

PLANO PARA A MORTE DA TRISTEZA

Nesta hora tardia em que a tristeza vem,
o coração já crivado de ânsias,
escuros são os silêncios secretos que me detêm.
Os olhos da noite são glaciais e maduros.
Que do bem-estar o destino não me prive.
Que a tranqüilidade suavize a mente humana,
Tanta lucidez de louco assim, jamais tive,
quero dizer: in corpore sano, mens sana.
Ah, tristeza, quero que morras, estranho vício,
flor do mal, hás de fenecer em sacrifício
aos deuses da lucidez. Eu quero estar só.
Não buscarei amigos. Não sairei aos bares,
Eu só quero subir à glória dos altares.
Nunca estive tão louco, tão puro, tão só.

SOBRE O AMOR

1- Conceito

Amor de paixão noite e esquecimento-lembrança.
Futuro essência e pensamento.
Ponto de divergência
onde os jardins e os desertos convergem.
Porto fértil e dinamismo,
onde o fio de prumo entorta o orgulho, renuncia.
Amor? espinho e paciência.

II – Declaração

(À maneira de Carlos Drummond de Andrade)

Minha graúna, meu passarinho peludo,
minha folha de pecado, feixe de capim,
esfinge de seda, minha vampira violeta.

Meu sarcófago, cacto marinho, aracnídea, ostra de pluma,
minha estrela morna, meu peixe de esponja,
minha borboleta ruiva!

III - Definição

Você é um querubim, um arcanjo,
um anjo róseo.

Você é um serafim, um duende,
uma deusa.

Uma salamandra, um silfo,
um devi,

uma sereia, uma fada, um elfo,
um gnomo, uma vestal.

APOSTROFE DA VIDA E DA MORTE

Viver morrendo é não morrer vivendo
morrer a vida vivendo a morte sem morrer
viver a morte morrendo a vida sem viver
a vida matando a morte e morrendo
a morte vivendo a vida e matando

viver morto é morrer vivo
vivo-morto morre a morte da vida
morto-vivo mata a vida da morte
viver a vida de morrer
morrer a morte de viver
matar a vida viva
viver a morte morta
viver a morte
matar a vida
vida morta
morte viva.

DIVAGAÇÃO

Onde eu perdi a rosa-dos-ventos na tarde azul?
Arco-íris, olho d'água, girassol, sol-posto, estrela-do-mar...
Porque eu estava sonhando
e já transcendi a últimas das galáxias
e cotejo o paraoxismo de mim com o universo
e calculo a raiz infinita do infinito:
o plenilúnio, a água-furtada, o sol da meia-noite,
a lâmpada marinha, a pedra angular,
as muralhas da China, as minas do rei Salomão,
a torre de Pisa, o metrô de Bagdá, as pirâmides do Egito,
os jardins da Babilônia, a antemanhã,
a fonte luminosa, a flor-de-lis, a Via-Láctea,
a aurora boreal, o Eu Profundo, Eu e o Mundo.

IDENTIDADE

Meu destino tem a sorte do desgraçado,
que tombou alucinado na rua vazia.
Ao esplendor dos ritmos fui predestinado
e risco nas paredes a grande utopia.
Eu sou uma oferenda à solidão do cais.
Sou um boêmio inebriado do Nirvana,
pois ando embriagado do verde dos quintais
e vivo desvairado pela vida ufana.
Vivo só para cultivar essas quimeras.
De cantar para muito além do meu futuro,
de caminhar ao longo de todas as eras.
Fascinado por essas tardes me aventuro,
tenho os olhos já cansados da longa espera
e caminho encantado nas noites de escuro.

POEMA A LUA

A Rosemberg Cariry

A lua é uma arca, uma harpa,
uma farpa, uma foice,
uma cuia de prata,
uma peça de louça,
um chifre de uma vaca,
bucho de uma moça,
gume de uma faca,

corte de uma boca,
uma horta de lata,
o gigolé duma cabocla,
uma torta de nata.

LIDA INSANA

O declinar rotativo dos objetos luminosos
e o balouçar dos peitos das sereias, valei-me.
Netuno, águas da perdição,
valei-me que me escureço na vereda das furnas.
Lanterna esperança, entranhas primaveris,
fontes do hospício, girândola, Tântalo,
Medusa de sidérea sonolência,
gárgula de gotejar estival,
estrixe de femínea tristura,
coiotes, chacais, corvos, valei-me.
Nauta dos ermos, avatar de raio infinito,
deusa Kali bruxuleando sobre as minhas igrejas,
sobre os avoengos trigais das pétalas guardiãs,
espalhando a ferrugem milenar,
consumindo em pândegas as pandoras e as sibilas,
valei-me, valei-me, valei-me, valei-me!...

DESOLAÇÃO

Que eu joguei a vida ao léu
e a ilusão me levou no escarcéu dos amores,
alimentei-me do adeus,
que eu morreria sem o elã
e a tormenta que me sacodem aos céus
e a ternura da graça das manhãs
que me oferendam os enganos meus
e as folhas do esquecimento
e o silêncio dos jardins em tardio momento.
Houve um tempo em que o espanto
não trazia esta calma de todos os tropéis dos sentimentos.

PROFANAÇÃO DIVINA

A Manoel Albano Amora

Um Deus Amor,
um Deus livre, libertador, quase libertino,
um Deus amigo, um Deus abrigo,
um Deus humilde e manso,
um Deus peregrino,
um Deus bonachão.
Não um deus inquietação, não um deus repressor,
um Deus que ampare, perdoe
e converse com a gente num jardim com música.
Um Deus que mostre as estrelas
e o mar e as montanhas com seu olhar complacente.

CARTÃO DE APRESENTAÇÃO

Adormece o braço à borda do balcão.

O poeta está pensativo,
acende o cigarro, o cérebro em postura intelectual.

(A fumaça é chama viva no pulmão...)

O poeta passa pelo povo na praça dos apedrejados,
caminha certo no cais dos aniquilados,
ultrapassa a ponte, patético, perplexo,
perseguindo pedras, pernas, palavras,
lombado de ilusões e lutas,
lascivo de lancinante alumbramento,
rondando ruas retas entre arranha-céus.

LEMBRANÇA DE VINICIUS DE MORAES

1. Carta de discípulo

Meus olhos conjugaram a ausente.

Busquei Ariana, a mulher, e Alba, no canteiro dos lírios
e minha alma as beijou como se fossem minhas.

Contemplei a perplexidade, o encanto
de teu penúltimo lirismo, bebendo em fábula de música,
sonhando em vórtice de água translúcida
o desvelo da melancolia.

Só então compreendi a hora íntima da libertação
e caminhei também para a distância...

Hoje, no mesmo destino
com que abraçaste o velho mestre,
leva de mim o mesmo apreço,
o mesmo apelo de fraternidade:
Poeta, pai, áspero irmão.

2. Notícia da morte do poeta

Morreu Vinicius de Moraes, anunciaram os jornais.

Perdi o pai espiritual,
doce amigo do meu sonhar, irmão, mestre, companheiro,
abrigo do verso que me sorriu primeiro.

Fui tomado de surpresa,
a sua imagem ficou presa
na memória do filho absorto.

Por fim, sepultaram-lhe o corpo,
sem que eu estivesse presente
para beijar-lhe a face silente,
lívido, o semblante ver-lhe imóvel, morto,
os algodões no nariz, vencido, sem mais ilusões.

Não te verei jamais assim, Mestre,
a ti, a quem devo o anseio fraternal.

Não morreste, não te imaginara assim.

Sim, estás vivo no Amor que vive em mim!

FÁBULA NOTURNA

Quem quer o aroma visual de embriaguez
do tato das minhas mãos?

Quem quer receber o exânime corpo meu
tombado na súplica e refeito na volúpia,
derramado na sede dos sentidos feito um dia de partida?

E as palavras abandonadas no pensamento
Perturbando a perfeição de todos os silêncios?

Se, mar revolto, fervente, vândalo, iracundo,
da luxúria dinâmica e abismal do vento
em vibrações, de águas e de brisas, eu me inundo,
na quietude dos rios a alma toda apascento.

O PLENILÚNIO SOBRE O MAR ADIANTE

Hórrido rugir revolto da ressaca,
bêbados batéis batidos de brisa
ancho arcanjo de inflamada flama,
frouxo fluxo de luz aplacado na plaga
palmas calmas águas claras espraiadas na praia.

No nadificar do nada a vida nada.

Deflagra-se o fragor da frugal fragrância do cravo.

O lavrador labuta no labor da luta.

Escalo as claves da escala de Scarlati,
acho a chave da cripta da gruta.

Se ouvires o ourives

ou virá no vento o vírus lento virulento

ou lentamente a lenta mente

alenta a mente dolente do lente.

Um monumento ao momento do humor:

um moralista humilha um meliante,

um milhão não me admira na ala.

O almirante mira do mirante o mar adiante.

METROPOLITANISMO

À luz crepuscular, a cidade se dilui
e os corpos mergulham nas águas da noite.
A solidão hiberna sonhos dinâmicos,
que barulhos são esses
que me ferem os ouvidos provincianos!
Meus olhos desvendam perplexidades geométricas,
faíscas fluorescentes, lampejos mecânicos,
resquícios de luz, mero carnaval de aparências,
a dimensão das praças taciturnas, blocos de concreto,
alicerces, quadriláteros, argamassa de tijolos suspensos,
cotas e afastamentos projetados no futuro.
E pelo calçamento, nas encruzilhadas,
rolam papéis pelo asfalto.
Respiro os derradeiros ares da metrópole:
ruas, muros, portais, janelas, casas eletrônicas,
carros percorrendo elipses, hipérbolas,
poeira e monóxido de carbono.
Sobre a plataforma
onde os operários erguem edifícios e clarabóias,
a escuridão dos anúncios
e uma atmosfera de radiações
aloja nos pulmões óxido de nitrogênio,
exalações de detergentes aromáticos
e da carne industrial dos restaurantes.
À luz crepuscular, na trilha enigmática dos ônibus,
entre panoramas retangulares,
a cidade se dispersa em cimento, vidro, arcabouços,
ruínas do porvir sob a vigilância dos out-doors,
dos clichês do terror,
do consumo, do sufoco do gás carbônico
e a fedentina asfixiante do lixo e da luxúria,
até que deslizaremos, na última velocidade,
além das tardes

COGITAÇÕES SOBRE A LETRA "M"

M de duas montanhas de dois peitos góticos de mulher,
no meio o "v" do vale entreaberto.

M das manhas das manhãs.

M das musas musicais de múltiplos mundos,

M com seus cones movidos para o alto,
com suas duas pirâmides mergulhadas nos milênios.

M de mares e miragens, marés menstruadas,

M de triângulos agudos da matemática mediúnica,

M de orelhas de morcegos malignos,

M de martírios mudos,

de metamorfoses mitológicas e de mudanças mortais.

(Márcio Catunda e Jarbas Júnior)

COGITAÇÕES SOBRE O TEMPO

Tempo, número retroativo de água

e vinho sem tessitura,

expressão da reta infinita, espaço intangível:

o agora, menos o ontem, mais o amanhã.

Mar flutuante das noites,

abstraídos dias da velocidade da luz,

estância do sol, planeta de areia,

tocha cotidiana, vulcão extinto, desenho informe.

Silêncios primaveris em que o primogênito de Júpiter

emerge da larva imperceptível,

borboleta egípcia, fumaça imortal.

Fervor das coisas viventes,

bálsamo de marés imaginárias,

tempo enfeitado de relâmpagos e chaminés...

APRENDIZAGEM

Pede o Nada, o Vazio,
e conhece o deleite do momento.
Ser é simplesmente Estar.

TARDE

A graça de palmilhar a seara de entre o matagal,
Na tarde azul de marfim, o riso hidrogenado
e a clorofila do instante que verdeja ...
O fogaréu purpúreo, fornalha fosfórica,
fagulhas, aura de espectral flama,
bocas eólicas ofegam chaminés em baforadas.
A palha do crepúsculo acena as mãos,
o sol-posto entardece aventuras
e a relva anoitece nos pomares macambúzios,

CONTRASTES

Descubro muito cedo o amor tardio
e me entristeço de felicidade.
À noite, se vive a morte do dia
e o cativo é toda a liberdade.
Nas manhãs, vejo um crepúsculo sombrio,
estranho a mim, desconheço o que sou.
Outrora é meu hoje, o mundo é vazio,
resta-me o nada em tudo o que ficou.
Creio ardentemente no que duvido,
se olho em frente, só vejo o passado.
Pensam que estou morrendo e eu sempre vivo.
Me alegro já de não saber sofrer.
De tão contente, fiquei deprimido
e agora o sacrifício é meu prazer.

MICROCOSMO

VELOCIDADE= Espaço Transverso
Tempo Transversal

Eterno é o cérebro telúrico do organismo mineral:
diabásios, calcários, bauxitas
em disposições pré-cambrianas,
disseminam transposições tectônicas
e geomagnéticas erupções,
transmudadas em sedimentos fosfóricos.
Silício e magnésio plasmam mutações
no alicerce metazoário.

Não se morre: aerólitos em devastação orogênica
sobre a cromosfera esvoaçam nebulosas
e asteróides no infinito,

Não existe morte: a luminosidade iônica
transmigra e medra a semente-égua,
mônada criadora da essência invisível
nos mundos multidimensionais,
nos abismos estratosféricos,
em ondas eletromagnéticas.

Ninguém morre: a cor sonora das substâncias vibra
no teclado químico, eflúvios de emanações
equilibram as atrações eletrostáticas dos fluidos,
a antimatéria gravita em raios telepáticos.

A corrente está espalhada no espaço,
na latitude orbital do plasma, na vacuidade cinética,
em difrações entre as galáxias.

POESIA CIRCUNSTANCIAL

A mulher da fila do ônibus, o menino que vende picolés,
a conversa cotidiana dos homens,
o caminhão de lixo que passa,
tudo é vida na contemplação da luz da manhã.
O dia é cintilação genética.
A vida é uma historicidade de fatos:
barulho dos operários serrando madeiras,
rádio a tocar canções românticas,
calor estremecido nas folhas da mangueira no quintal,
tempo jorrando fagulhas dos quatro cantos do mundo,
na brisa que ressoa de longe como um mar adormecido;
na quietude que preenche o vazio dos devaneios,
nos ecos da distância, cheios do que vem do além.
Tudo é vida que fervilha percepções, lembranças,
acontecimentos, idéias, o reflexo do instante,
a abstração concreta das coisas tangíveis e frias,
a caixa de fósforos sobre a mesa,
os papéis da repartição jogados ao léu,
o ruído sem fim das máquinas de escrever,
os óculos manchados da poeira dos ofícios,
e esse aborrecimento, passando, passando...
Não falarei da morte se o que vejo é a vida.
Falo da sombra dos entes, em cuja dimensão
mergulhei a existência sonora dos pensamentos.
Falo da multidão fantasma dos objetos energéticos
e da certeza com que me arrasto à prisão do que sou
e do vento que me consome na chama das provações.
Prefiro falar de tanta vida
que me asfixia de paradoxos e de volúpias
e me acende infâncias imortais de sensações
e me respira e me fenece,
numa conjugação incessante de cansaços,
numa sucessão incomensurável
de remorsos e esperanças.

INCENDIÁRIO DE MITOS

POEMA ONÍRICO

No palácio do medo me foi dado entrar:
altitudes vertiginosas de escadarias em caracóis,
a mão nociva da inutilidade me estrangula
no abandono das coisas amontoadas.
Incompreensão fantasmagórica,
de portos medievais
e navios carregados de bagagens empoeiradas
e lenços acenando adeuses mediterrâneos.
Nas meditações sombrias da noite antiga,
ruídos indefiníveis...
Peçonhenta aranha morde-me o abdômen
e a precipitação do vento arde em meus ouvidos:
na expectativa de quem vai levar uma punhalada,
tresvario de horrendos lobos no jardim.
Muita inércia imobiliza a força inútil.
Labaredas confundem-se com golfadas de sangue
e tudo é destruído: seres e árvores e automóveis.
Assaltou-me a sensação do vazio
de quem conhece verdades monótonas,
ambiente preceleste de flores, odores estonteantes
e a angústia de quem desperta, de súbito,
num dia chuvoso.

CANÇÃO DO APÁTRIDA

Todo dia é dia da minha partida,
ela já faz parte do inevitável:
está em minha vida como a morte.
Todo dia é dia para o vôo da ave errante.
Quando há estio, quando há predestinação.
A natureza me ensinou esse destino andarilho:
fez-me nômade para seguir viagem
- o mundo é meu lar.

Tenho nos olhos o fascínio das paragens ilimitadas.
Nasci para descobrir horizontes perdidos,
para ter nos pés a poeira de todas as pátrias.
Eu seguirei sempre o meu caminho
pelas regiões do sonho
e estarei sempre na vida como astro errante
em órbita na imensidão de mim mesmo.

ELEGIA

O mistério da morte se espalhou na tarde...
Aos reflexos trêmulos do infinito
o perigo das praças e das ruas me atormenta.
Vejo-te de súbito nas horas mortas da meditação
e sinto que o tempo não decompõe a lembrança.
A angústia abateu-se implacavelmente sobre mim:
a serenidade do vento, que a tudo leva misteriosamente,
só não apaga a cicatriz da saudade.
A estrela perdida ressurgiu mas não me transportou a ti:
apenas me fez sentir o desespero de tua presença.
Há um suspiro angustiante de recordação
em todas as coisas.
Ainda as mesmas palavras vagas são pronunciadas
nos ruídos espaçados da tarde;
os mesmos olhares aflitos lançados
contra o meu olhar em alucinações
e, através das paisagens espiritualizadas,
segue a ilusão do meu pesadelo...
Quanta atrocidade na violência que destroça a esperança!
Quanta surpresa no impacto que arrebatou a ilusão!
Pelas ruas todos passam na expectativa inesperada
e hoje as noites são mais longas
que toda uma existência de tédio.
Vejo nos rostos contrafeitos
a perspectiva do golpe devastador.
Resta-nos ainda o afeto de quem nos fez sorrir:
chegará o dia em que restará algo de nós?

ÓRBITA

Como o plasma da mente em desvario
perambulamos atônitos
caminheiros errantes do destino
a seguir, sem rumo, na existência afora.
Se, através das cordilheiras inóspitas,
cataclismo atingir-nos os sentidos,
ser não se extinguirá na amplidão do cosmos:
haverá no espaço mais um meteoro a perseguir os séculos.

AINDA

Contudo ainda me chegas,
em vulto ou em matéria inerte
e me incendeias de novo os sentidos,
mesmo ante as mãos vestidas de tempo
e os olhos vendados de neblina
- marcas do castigo que a memória impõe,
sempre agonia e vida exatamente iguais:
o mesmo remorso dos abismos cotidianos,
a refração diante do espelho da retina,
o refúgio dos passos da omissão...
Contudo ainda me descubro a máscara no âmago
e me chegas em vulto ou matéria inerte
e me esfacelas de emoção o pensamento
e me torturas de desgosto o devaneio.

EM FACE DA VIDA

Caminhou a cidade inteira
à procura de um jardim,
colheu a rosa mais branca
e a ninguém pôde oferta-la.

CANÇÃO DO MARGINAL

Agora minha tristeza é toda a vida:
passeio pelos violentos becos da rebeldia
e levo comigo o revólver do meu segredo.
De chofre, a saudade do futuro
me atira uma balada de angústia
e eu caio assassinado no chão da vida.
Tenho ultrapassado o limite das convenções
e rasgo dolosamente o diploma das instituições
e atiro os idílios pela porta da realidade.
Tenho caminhado assim: irreverente marginal,
incendiando mitos e buscando verdades,
consumido na voracidade do momento.

RÉQUIEM

Já não tenho ouvidos para a mentira,
embuste que aflora dos lábios dos opressores.,
Já não tenho olhos para espreitar os crápulas do dinheiro,
ditadores do mundo
manipulando em joguetes a nossa sorte.
Resta a voz do protesto para denunciar
e declarar toda a violentação do desespero.
Quero eutanásia para as deserções de viver.
Estamos em volta da mesa e jogamos o jogo perigoso
e sorvemos o ópio da humanidade.
Agora reprimidos, agrilhoados ao medo e sem participar,
morremos da loucura de sobreviver,
párias refugiados num bar de desencontros.

ELEGIAS

1. Desventura.

Na noite lavada pelo ermo
a solidão segue nuvens de agonia...
Por onde andas, ó minha ilusão?
Em que fonte mergulhaste a emoção de teu martírio?
Em que rio debruçaste a mágoa de teus olhos?
Contemplo o espelho em que guardava o fascínio deles,
sei que só nesse mistério é que posso sepultar o desalento.
Só na sedução de teus braços
é que me posso redimir do calvário.
Até quando suportarei o fantasma dos teus sentidos?

2. Ruínas.

Olho a decrepitude do velho casarão sombrio,
ouço a marcha fúnebre dos ventos
e fico, dentro da escuridão,
a invejar os grandes poetas suicidas.

3. Miragens.

Vertigens de melancolia turvam o langor das horas.
Estranha comoção envolve a face dos seres.
Vejo sombras que me espreitam de longe
e ouço soluços, suspiros, silêncios perdidos na treva.
De algum lugar teus olhos miram meus olhos
dentro da noite.
Em algum tempo teu corpo se reclinou sobre o meu.
Teus braços foram como a cruz do caminho;
quando a brisa traz um rumor de esperança,
as cores do crepúsculo refletem nas muralhas da
lembrança
como o mar invade uma terra abandonada.

4. Exílio.

O fantasma do silêncio persegue-me os passos
na companhia da minha mágoa.
Resta-me o filho pródigo, o ausente,
o louco da minha angústia.
Não sei porque o tormento sempre, cada segundo,
por que me abala o pranto do desespero?
A poesia já não comporta a dor desse momento.
Estou só e fico assim, a murmurar, com gestos,
à hora em que a tarde é mais fria
e mais tristes os minutos do degredo.
À hora de reviver o delírio da loucura.
O instante em que a alma se curva ante a lembrança
e os olhos molhados, como jamais os senti,
mostram mil séculos de desenganos.
Padeço no cárcere da ausência,
como se todos houvessem de súbito desaparecido
e só eu sobrevivesse
condenado a beber o infinito da amargura.
Perdido em cismas, tropeço nas pedras do infortúnio,
tocando as gélidas paredes do tédio.
Mas o pensamento - pássaro livre –
já me conduz de volta à vida.
Sou a chave da porta do regresso;
meus pés apontam o caminho do amanhecer.
U.S.A. Dez. 77

CANTO REGIONALISTA

Meu povo é flor de cacto no sol da vida.
Carne dilacerada no asfalto-violência.
Camponês de proletária verve
levando retirante ao peito o crucifixo, à mão direita o fogo
para arrancar o fruto à boca da miséria.
Meu povo é garimpeiro bebendo o suor da terra.
Ave de arribação. Banzo de aruanda.
Mirança das estrelas do indaíã.
Enchente carregando a vida pelas águas,
a esperança nos pântanos,
nos igarapés do Araguaia.
No Jaguaríbe da promiscuidade e da fome.
Meu povo não tem história nem destino.
Estrangeiro, esconde o sabre de tuas ambições!

GUERRA

Os bombardeiros derramaram a morte sobre a terra.
E tu, flor do amor, germinaste do limo?

REPRESÁLIA

Até quando serviremos ao tirano,
humilhados pelo sarcasmo do vilipêndio?
Até quando dançaremos ao látego dos verdugos,
curvados ao estalar de vergastas e palmatórias?
Ante o furor das mãos opressoras,
estrangulados, tombaremos enfim?
Depois de tanto sangue, tanto massacre,
submissos, quedaremos enfim?
Depois da masmorra, da infâmia e da farsa,
quem, dentre os condenados,
arrancará a máscara do carrasco?
Castigaremos o tirano
e vingaremos a ignomínia do carrasco,

mas não mancharemos de opróbrio a dignidade do gesto.
A reconciliação que apaga o rancor
não redime a vergonha dos pusilânimes,
esses proscritos do amor.
Puniremos os algozes sem ressentimento:
só não lhes perdoaremos a covardia.

DÁDIVA

Nunca mais reencontraste o rumo que trilhavas,
desde que te aniquilaram o sonho.
Não tinhas esse jeito de andar cabisbaixo,
nem o desencanto de falar sem ênfase,
nem a inércia de querer resignado.
Não te reconheces no que revela o espelho:
quadro extinto na poeira dos ventos.
O próprio ser recusa o estrangeiro da tua compreensão.
Hoje desprezas o brilho solar das cobiças,
cantas a face escura de um planeta-noite.
Desacreditas na fortuna,
com riso de madrugada sem pássaros.
Desobedeces o ritmo convencional
de prosseguir em cadência de maestro louco,
à revelia desarmônica de viver.
Já foste horizonte - calma surpresa.
Hoje segues o itinerário cruel que te impuseram:
já não te resta a opção do desespero.

TAVERNA EXISTENCIAL

Ritual

Em volta da mesa:
mãos geladas abarcam os copos
suportando o humor da inquietação.
No travo do beijo derradeiro,
bocas dramatizam gestos,
olhos comportam silêncios,
rostos guardam segredos.

TAVERNA EXISTENCIAL II

O Banquete.

Ratos, cães famintos roubam restos à mesa farta.
Engolem detritos pela boca sargeta dos comensais.
Entrego, maldito, a migalha dos mórbidos tempos
e rejeito sobejos dos beijos residuais
dessa descomunal prostituta insaciável
que mostra os dentes e dança
mendigando maus pratos de pratos
e mãos sujas de que se prova o asco.
Cansei de ceder à fome dos glutões.
Cansei de reverenciar esses vilões da opulência.
Renuncio a todos os cardápios.
(Amanhã estarei triste ainda
e retornarei aos bordéis da vida ...)

SALVO CONDUTO

Na exploração de que somos o produto da violência.
Cérebros computadores que multiplicam o ódio.
Preço que apregoam para o penhor.
Pecúnia paga à torpeza.
Fraude e farsa que se forjou ...
Na fuga de que pressentimos a perseguição
como sombras esparsas pela urbe,
como bombas de nêutrons
- trevas que passeiam sobre túmulos...
No terror de que vivemos a repressão:
ventre rasgado de metralhadora,
peito dilacerado a punhal.
No tédio da vida como do cárcere,
no medo do amor como da tortura,
resta-nos cantar o poema do desencanto:
obscuro é o tempo de nossa descrença.

TRÂNSITO DO MEDO

Eis que se presente o pavor.
O súbito espanto que paralisa.
Cruzando o tráfego da violência
param os transeuntes do medo,
inertes no calabouço das provações.
Transpondo os cadafalsos do sigilo,
fogem massacrados dos patíbulos,
recostados aos muros do terror.
o medo é a chaga dos malditos,
A epidemia dos desesperados.
O câncer que cultivamos cotidianamente.
O medo está dentro da vida como o veneno do escorpião.
Esta no mundo como o átomo no orbital da morte.
Como o gen no cromossoma do século.
Só o amor, esse grande rival do medo,
pode plantar a esperança nas mãos do medo.
Ele somente é antídoto para extirpar o medo.
o medo que medra o medo de falar
da vida e desse tempo de atavismo de violar e esmagar.
Medo da inquietude do medo,
de todas as guerras do medo,
da consciência que persegue o medo.
Medo da ferida e do sangue
do ladrão e da polícia,
do adeus e do riso
com que os dentes aquiescem ao medo dos outros.
Medo de doutores que carregam o destino nos bolsos.
Medo dos generais e suas estratégias
e tropas de choque para lutar contra o medo.

REVELAÇÃO DE VÊNUS

Tua nudez mestiça é desvario.
É ardor que freme ao fluxo
da volúpia dos contornos.
É torrente de orgasmo; fogo que arreбата.
Quero-te com hálito de leite e sexo de espuma.
A flora do teu corpo tem paisagens e aromas,
sabor de orvalho em primavera.
Quero a selva do sexo,
teu pólen de prazer.
Anseio o beijo cálido
do torpor de teu delírio.

A linha do horizonte se desenha
na enseada de teu dorso de areia.
Singra o meu barco de alumbramentos
que ancorei no teu sexo de além-mar.
Afoito, transponho os umbrais do templo
onde teu corpo, enclausurado em mitos,
repousa à sombra das águas de um lago.
A gota de volúpia o estremeceu ...
Tranqüila estás, na terna castidade
da tua nudez imaculada e grave.
Mas desejo a erva negra dos púbis ...
E te celebro assim, deusa de carne,
a seduzir-me de encanto. E deliras
envolta em nuvem de êxtase e emoção.

DILÚVIO

O soluço da natureza vai ficando na alma,
enquanto um vago remorso obscurece o firmamento
e em vão emudece o silêncio das pessoas.
A voz do vento tem canções evocativas.
pranto calado de criança,
barco abandonado a debater-se ante o rochedo,
água corrente a se perder no imenso mar.
Sinto-me navegar no oceano sem faróis
e apenas o lamento dos poetas mártires
ecoa no espírito da manhã de angústia,
como se muitas mortes houvera na noite passada
e, hoje, eu contemplasse os meus próprios funerais.
U.S.A. Janeiro 78.

CONFIDÊNCIA

Só a emoção de cair no espaço aleatório
fascina-me de febre alucinante.
Cativo estrelas imaginárias na noite da retina,
descubro mortos invisíveis na escuridão,
anseio apenas pelo que os sentidos não apuram
e ando sempre o lado oposto da vida.
Às vezes cuspo o veneno das tragédias.
E furto-me ao pavor dos cadafalsos.
Mas vivo sempre o contrário, sempre o distante,
sempre o que avança para o que foge,
o que confunde razões e aberrações.
Mas acontece sempre o que ainda não foi:
aquele que escreve versos pelas mãos da morte.

A INSURREIÇÃO

"Caminhando e cantando e seguindo a canção"

Geraldo Vandré

Hoje arrancaremos a camisa-de-força
e partiremos pra vanguarda.
Vamos pichando muros como desfraldar de bandeiras,
espalhando teu nome na corrente dos panfletos
nas ruas e nas praças.
Caminhando e cantando,
percorreremos a província;
cantando e combatendo,
seguiremos a canção nos cartazes dos manifestos,
nos atos públicos do protesto,
transformaremos a opressão do silêncio na libertação!
Caminhando e cantando,
cantando e combatendo,
seguiremos a canção que nasceu do medo
e se fez o grito uníssono da rebelião.
Transportaremos o estandarte do porvir
para o dia da tua grande vitória.